JEFFERSON BETHKE

Baseado no sucesso assistido por
mais de 20 milhões de pessoas no YouTube

JESUS
É MAIOR QUE A
RELIGIÃO

Por que a fé em Cristo é mais importante
que instituições e regras religiosas



JESUS

É MAIOR QUE A

RELIGIÃO

JEFFERSON BETHKE

BASEADO NO SUCESSO ASSISTIDO POR
MAIS DE 20 MILHÕES DE PESSOAS NO YOUTUBE

JESUS
É MAIOR QUE A
RELIGIÃO

POR QUE A FÉ EM CRISTO É MAIS IMPORTANTE
QUE INSTITUIÇÕES E REGRAS RELIGIOSAS

Tradução
Joel Fontenelle Macedo

THOMAS NELSON
BRASIL®
Rio de Janeiro – 2014

Título original: *Jesus > Religion: Why He Is So Much Better Than Trying Harder, Doing More, and Being Good Enough*
Copyright © 2013, by Jefferson Bethke
Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © Vida Melhor Editora S.A. 2014.

PUBLISHER *Omar de Souza*
EDITOR RESPONSÁVEL
PRODUÇÃO
TRADUÇÃO
PRODUÇÃO EDITORIAL
REVISÃO DE TRADUÇÃO
REVISÃO
CAPA DIAGRAMAÇÃO

Samuel Coto
Thalita Ramalho Joel Macedo

Daniel Borges
Mariana Gouvêa
Maria Fernanda Barreto
Leonardo Vianna

Douglas Lucas

DTPhoenix Editorial

As citações bíblicas foram retiradas da *Nova Versão Internacional* (NVI).

CIP-Brasil. Catalogação na publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B778s

Bethke, Jefferson

Jesus é maior que a religião/ Jefferson Bethke ; tradução Joel Macedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014.

Tradução de: Jesus greater than religion..
ISBN 9788578606497

1. Vida Cristã. 2. Jesus Cristo - Influência. 3. Fé. 4. Deus. I. Título.

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso Rio de Janeiro — RJ — CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Para minha maravilhosa esposa Alyssa.
Sua doçura e seu incentivo tornaram este livro possível.
Eu lhe sou eternamente grato!

SUMÁRIO

Nota do Autor

Prefácio

Introdução: Por que eu detesto religião mas amo Jesus

1. O Jesus real pode ficar de pé?
2. Por que acredito que Jesus detesta religião (e por que você deveria detestar também)
3. Bitolados, *fakes* e outros tipos de "cristãos"
4. A religião faz inimigos; Jesus faz amigos
5. Na religião há pessoas boas e más; em Jesus só há pessoas más precisando da graça
6. Religião é o meio de conseguir coisas de Deus; Se buscarmos Jesus nós teremos Deus
7. Na religião, se alguém sofre é punição de Deus. Mas Deus já puniu Jesus em nosso lugar; portanto o sofrimento é sua misericórdia

8. A religião diz: “Deus vai amá-lo se...” Jesus diz: “Deus amou tanto que...”

9. A religião aponta para um futuro sombrio; Jesus aponta para um futuro luminoso

10. Por que Jesus ama a Igreja (e por que você deveria amar também)

Conclusão: Você conhece Jesus?

Agradecimentos

Notas

NOTA DO AUTOR

Este livro pode ser utilizado de várias maneiras. Torço para que você o considere encorajador e que ele o leve pelo menos um pouco mais para perto de Jesus. Se você achar interessante ampliar a conversa, talvez possa reunir alguns amigos — da igreja, da faculdade ou do seu trabalho — e usar as questões discutidas no fim de cada capítulo como ponto de partida para conversas mais profundas. É importante que você norteie essas discussões pelo respeito, pela humildade e pela vontade de aprender. Estamos todos juntos nessa jornada em direção à verdade autêntica e cristalina. Você não encontrará um conceito arbitrário quando alcançar essa verdade, mas encontrará um Homem com cicatrizes nas mãos e uma coroa na cabeça.

PREFÁCIO

por Lecrae

Como jovem que cresceu em meio a música, baladas e uma cultura que preza o autoconhecimento, eu era cético em relação a religião. Sentia como se ela nunca conseguisse alcançar o meu mundo nem me oferecesse uma interpretação que eu pudesse entender, e muito menos aceitar. Sei que existem, no mundo inteiro, pessoas como eu à espera de que alguém fale a nossa língua e nos dê respostas. Jefferson fala a nossa língua. Foram vozes incomuns como a dele que me levaram para onde estou hoje. Vozes como a dele me inspiraram a falar perante a sociedade. Há certos catalisadores culturais que impulsionam movimentos. Tive chance de testemunhar isto ao ser agraciado com a responsabilidade de impulsionar outras pessoas. Com Jefferson não foi diferente.

Ele apareceu pela primeira vez em nossos radares como o poeta que articulava verdades profundas sobre Jesus e religião. As palavras de Jefferson tocavam as pessoas de uma maneira revolucionária. Para algumas, ele articulava exatamente as palavras que elas haviam pensado, mas nunca souberam muito bem como dizer. Para outras pessoas, Jefferson estava abrindo seus olhos para um novo modo de enxergar a fé cristã — um modo encontrado muito raramente na cultura popular. Suas palavras as atingiam poderosamente porque expressavam a percepção exata do que significa seguir a Jesus e não simplesmente seguir regras. Este livro é um presente para todos aqueles que abraçaram as belas conclusões de Jefferson e para os que ainda as estão buscando.

A paixão que ele tem por Jesus vem de sua magnífica combinação de dores, escuridões, fracassos, alegrias, paz e boas decisões. Ele

tece sua própria história de vida com verdades duras, que fortalecem nossa esperança e dão respostas onde imaginávamos não existir resposta alguma. Seus escritos irão estimular você, vão ensinar-lhe e inspirá-lo a ver Jesus como mais do que um homem que seguia todas as regras e exigências. Jefferson lhe convida para ver Jesus como sua esperança e satisfação definitivas tanto neste mundo quanto no que há de vir. Ele convida você para amar Jesus por tudo que ele é.

INTRODUÇÃO

POR QUE EU DETESTO RELIGIÃO MAS AMO JESUS

E se eu lhe dissesse que Jesus veio para acabar com a religião?
E se eu lhe dissesse que convencê-lo a votar em um partido conservador não era a sua missão?
E se eu lhe dissesse que ser da direita religiosa não significa automaticamente ser cristão?
E não é por chamar uma pessoa de cega que automaticamente se tem visão.
Afinal, se a religião é tão boa, por que ela desencadeou tantas guerras?
Por que ela constrói tantas igrejas enormes, mas não supre as necessidades dos pobres?
Por que dizem às mães solteiras que Deus não as ama se elas escolheram se separar?
E, no entanto, Deus, no Antigo Testamento, chama as pessoas religiosas de prostitutas.

Um pouco chocante, eu sei. Quando escrevi essas frases eu não achava isso, mas quando em menos de 48 horas quase 7 milhões de pessoas me ouviram dizer essas palavras em um vídeo no YouTube, descobri que elas faziam sentido para bem mais do que umas poucas pessoas.

Meu melhor amigo faz vídeos profissionais, e nós achamos que seria bacana filmar um poema que eu tinha escrito. Para minha

surpresa esse vídeo "viralizou". Em um primeiro momento, fiquei deslumbrado. Eu estava entre os maiores sucessos da internet. Mas depois veio o pânico.

O número de e-mails, mensagens e convites tornou-se quase insuportável. Durante uma semana inteira, para onde eu olhasse, lá estava eu: *Wall Street Journal*, *Huffington Post*, *Yahoo News*, *Washington Post*, *New York Times*, *CBS Morning Show*, *Glenn Beck* e outros ou me entrevistaram ou deram reportagens com destaque significativo para o meu vídeo. Uma pessoa da equipe do YouTube chegou a mencionar que algo tão sério ou tão explícito a respeito de Jesus nunca havia "bombado" dessa maneira. De fato, a *hashtag* #jesushatesreligion virou moda no Twitter por um tempo. Imediatamente, os e-mails começaram a entupir minha caixa de entrada:

> Olá, Jeff. Meu nome é Laura. Eu queria te agradecer muuuito pelos vídeos. Eu estou passando por problemas sérios com drogas, sexo e desejo de suicídio. Eu sempre pensei que não era boa o suficiente e que não tinha muito lugar no mundo desde que fui violentada aos sete anos. Eu conhecia Deus, mas achava que ele era só uma figura mítica adorada por todos. Certo dia, de saco cheio de tudo isso, eu concluí que tinha chegado no meu limite — eu pretendia me matar assim que chegasse do colégio. Durante todo aquele dia um pensamento martelou minha cabeça, dizendo: "Finalmente vai acontecer; não preciso me preocupar." No caminho para casa, eu entrei no Facebook naquela que eu imaginava ser a última vez, e uma amiga tinha postado o seu vídeo "Por que eu detesto religião mas amo Jesus". Eu pensei: "Ah, vou assistir, afinal daqui a pouco vou acabar com a minha vida mesmo." Bastou começar a ver o vídeo e desabei em lágrimas, porque ele me fez perceber que não tinha problema eu não ser perfeita. E que eu não estava deslocada nesse mundo. Seu vídeo me deu coragem para mudar de ideia e decidir que eu poderia seguir em frente e enfrentar a vida. Você virou o meu exemplo… além de Deus rsrs. Quando eu estou pra baixo e não consigo pensar com clareza, eu assisto os seus vídeos um atrás

do outro. Eles me dão paz de espírito e eu volto a ter certeza de que Deus vai me amar mesmo se eu estiver toda ferrada.

E outro:

Quando abandonei a faculdade eu também abandonei a igreja, na ânsia de encontrar o meu próprio caminho. Quando me deparei com o seu vídeo, eu estava perdido: tinha sido deserdado pela minha família por ter rejeitado a fé católica. Seu vídeo abriu meus olhos para Jesus novamente e me fez descobrir que ele não era aquilo que eu conhecia da igreja na minha infância, mas, ao contrário, era amoroso e misericordioso. Comecei a frequentar os cultos do *campus* onde eu morava e voltei para os trilhos na vida, aprendendo que não importa o que alguém fale sobre os meus pecados passados, presentes ou futuros — Deus ainda me ama, e Jesus verdadeiramente é tudo.

E-mails como esses lotavam a minha caixa de entrada. O que eu havia dito em meu vídeo para bater na tecla certa dessa forma? Por que essas pessoas estavam compartilhando histórias tão pessoais comigo? Para ser sincero, eu fiquei bem assustado no começo. Eu não sou um conselheiro. Não sou pastor. Eu sou um cara de 23 anos todo errado, que acabou de se formar na faculdade. E estava recebendo mensagens, e-mails e *tweets* de milhares de pessoas que compartilhavam suas histórias de dor com um completo estranho. Muitas até disseram que era a primeira vez que revelavam seus segredos para alguém. Eu ficava matutando: "O que eu disse, afinal? O que esse poema tem que fez tanta diferença? Não se trata simplesmente da Boa-nova de Jesus que vem sendo pregada há 2 mil anos?"

Descobri que aqueles e-mails estavam apenas mostrando como o poema original que impulsionou aquilo tudo no início estava certo. Jesus tem sido enfiado como uma religião pela goela de muita gente. Muitos já foram queimados por grupos que se diziam cristãos.

Muitos foram abusados, feridos, maltratados e difamados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas o que suas almas desejavam era o Jesus verdadeiro. Aquele que cura. Aquele que redime. Aquele que dá vida.

Quero deixar claro: eu não sou qualificado para escrever este livro. Não fiz seminário teológico e não sou pastor nem conselheiro. Não conheço as línguas originais da Bíblia e não sei fazer uma exegese ou o que quer que isso seja. Repito. Sou apenas um cara de 23 anos todo errado. Mas sei que Deus tem um senso de humor peculiar. Basta dar uma olhada rápida na história do cristianismo para descobrir que eu sou o tipo exato de pessoa que ele busca. Há 2 mil anos, um sábio judeu mostrou isso dizendo o seguinte: "Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte" (1Coríntios 1:27). Paulo nos revela que Deus gosta de usar as pessoas que são desprezíveis pelos padrões do mundo — porque assim ele recebe todo o crédito. Uma vara torta consegue riscar uma linha reta, e um cara errado como eu pode escrever sobre um Deus maravilhoso. Eu provei da graça e precisava contar a outras pessoas sobre ela.

Minha expectativa ao compartilhar essa história é que ela, de alguma forma, se misture com a sua, entrelaçando-nos juntos em direção à verdade de um Deus que está no céu, mas que busca e ama pessoas como nós.

CAPÍTULO 1

O JESUS REAL PODE FICAR DE PÉ?

No que você acredita?

Estou falando sério. No que *realmente* você acredita? Não me refiro ao que você posta no seu mural do Facebook ou quais caixinhas você marca quando preenche um formulário. O que eu quero dizer é: em que você coloca a sua fé? O que motiva você? Qual é a sua verdadeira identidade? Tenho certeza de que todos nós temos respostas prontas para essas perguntas, mas quando somos confrontados verdadeiramente com elas, vemos que nossas respostas são um monte de besteiras.

Se você for minimamente parecido comigo, provavelmente cresceu sabendo que existe um Deus — o que quer que isso signifique, certo? Não demora, porém, para a realidade começar a bater de frente com essa ideia, e a certeza de um Deus real vai ficando mais distante. Eu ainda mantinha o título de cristão apenas para fins de identidade, mas já no Ensino Médio aquilo me parecia ridículo. Eu não tinha a mínima necessidade disso. É claro que eu ainda podia me identificar como cristão, mas só quando me trazia benefícios. Fora isso, eu não queria saber de Deus para nada.

Como a maioria dos meus compatriotas americanos, eu fui criado na religião do moralismo travestido de roupas cristãs. Eu acreditava que existia um Deus em algum lugar, um Deus que queria que fôssemos bonzinhos, e, se conseguíssemos, ele nos diria o quanto nos ama, colaria nossa foto na porta da geladeira e nos daria um troféu — porque todo mundo é vencedor, certo?

Eu era cristão no automático. Todo mundo dizia que era cristão; minha mãe me levava à igreja; tínhamos uma Bíblia em casa. Então eu achava que isso tudo fazia de mim um cristão. Dizer que eu era cristão parecia me aproximar dos meus amigos, da família e da sociedade. Mas eu nem amava nem seguia Jesus.

Não é assim a história de tantos de nós? O cristianismo é a nossa configuração padrão. Dizemos que somos cristãos porque parece correto, nos dá um *status* moral, tira os pais da nossa cola e nos livra do inferno — se é que acreditamos em inferno.

Minha mãe me levou à igreja a quantidade de vezes suficiente para eu conhecer os rituais e os hinos que eram cantados, mas eu nunca me senti um "garoto de igreja". Eu ouvi sermões suficientes para saber que Jesus morreu por mim, mas tinha uma vida tão destruída e dolorosa que considerava Jesus irrelevante. Meus pais não eram casados, e eu fui criado só por minha mãe. Ela é uma mulher incrível e deu tudo de si para que eu tivesse todas as oportunidades possíveis. Entretanto, uma deficiência física e problemas mentais a tornavam inapta a trabalhar normalmente. Isto significava ser incluído em todos os programas de assistência social possíveis. Mudávamos muito de casa — estudei em oito escolas, do jardim de infância ao Ensino Médio — e não morávamos em bairros nobres.

Eu me lembro que ia à igreja e participava do louvor, dos esportes e da escola dominical, mas sempre me sentia deslocado. Todas as outras crianças pareciam não ter problemas, e eu nunca me senti completamente à vontade naquele grupo. Então resolvi fingir. Concluí

que se superasse os outros garotos, eu seria aceito. Se o Joãozinho ganhasse uma estrelinha dourada, eu faria de tudo para ganhar uma de platina.

Então eu me tornei soberbo e religioso. Esse comportamento se solidificou em mim por toda a adolescência. Quando ingressei no Ensino Médio eu pensava que era bom porque não fumava, não bebia e nem fazia sexo. Eu achava sempre que era melhor do que todas "aquelas pessoas". E tinha vivência de igreja o bastante para achar que podia ser bom aos olhos de Deus. Quanto a Jesus, eu o conhecia o suficiente para não precisar dele.

O engraçado disso tudo é que, muito embora eu pensasse que fosse um bom menino, na verdade, eu não era. No Ensino Fundamental eu já arrumava confusão. Eu tinha uma atitude desleixada em relação ao colégio, à minha mãe e à minha vida. Eu tirava notas ruins, era expulso das escolas por brigar e roubar, e desenvolvi um vício em pornografia que durou mais de oito anos.

Quando cheguei ao Ensino Médio as coisas só pioraram. Eu nem me dava ao trabalho de fazer os deveres da escola e acabei levando bomba no primeiro ano. Eu ia ao colégio só para encontrar os amigos e conversar com as garotas. Minha mãe achou que o problema eram as más companhias, então lá fomos nós de novo nos mudar, dessa vez para uma cidade a meia hora de distância.

De certa maneira isso me trouxe uma oportunidade incrível de recomeçar a vida. Imediatamente colei nos garotos "certinhos", que não iam para a balada nem bebiam, e gostei deles. Eu também gostava de beisebol e consegui entrar para o time do colégio. Minha vida era o beisebol e esses amigos — e tudo caminhava bem.

Foi então que minha mãe chegou com uma notícia que me deixou arrasado na época. Ela entrou no meu quarto, sentou-se à minha frente e revelou que era lésbica. Ela contou que vinha lutando contra isso a vida toda, e que a mulher que ela tinha levado para morar conosco alguns meses antes, sob o argumento de que era

apenas uma amiga que precisava de ajuda, era, na verdade, sua companheira (essa confissão aconteceu depois de uma briga feia entre as duas).

Eu me senti traído pela minha mãe, chateado por não ter sacado a razão de outra mulher estar morando conosco, e envergonhado por ter uma mãe lésbica. O que meus amigos pensariam? Eu tinha uma atitude totalmente egoísta na época. Eu só pensava em mim. Se a minha imagem era a de um bom cristão, eu não poderia ter uma mãe lésbica, certo?

Depois disso, minha mãe chutou o balde da fé cristã convencional. A forma como os cristãos conservadores tratavam gays e lésbicas a deixou revoltada. Meu pensamento inicial foi: "Bem, se Jesus não fez algo por ela, por que faria por mim?" Então, eu também desisti de Deus.

Foi um período de muita dor. Eu me sentia solitário. Queria fugir, mas não podia. Troquei a religião pela rebeldia. Passei a agir guiado pelo princípio de que se algo me fizesse bem, eu faria aquilo. Passei a cultuar garotas, relacionamentos e a minha própria imagem. Se pegar mais garotas e beber mais cerveja significava ser "maneiro", então por que não fazer? Porém, logo eu descobri que esse estilo de vida é como beber água salgada. Se você está com uma sede extrema você topa beber, mas ela só aumenta a sua sede. Em pouco tempo toda garota se tornava chata, e eu partia para a próxima.

No meio disso tudo, eu comecei a ter raiva de minha mãe. Eu a desprezava. Meu nível de ressentimento aumentou imensamente. Nós morávamos na mesma casa, mas raramente nos falávamos. Eu entrava cada vez mais fundo nas baladas e me importava cada vez menos com as coisas. Parei de procurar a garota certa e comecei a procurar garotas fáceis. Os prazeres do mundo estavam ao meu alcance, mas alguma coisa me corroía por dentro. Na maioria das vezes eu estava acelerado demais para me dar conta disso. Era

somente à noite, naqueles poucos minutos antes de cair no sono, que a minha alma se aquietava um pouco, e eu percebia que o que estava fazendo não estava dando certo.

Muitas pessoas dizem que morrer e falar em público são os maiores medos da nossa geração, mas eu discordo. Eu acho que o maior medo é o silêncio. Nós nos recusamos a desligar os computadores, a desligar os celulares, a sair do Facebook e apenas ficar em silêncio, porque nesses momentos nós acabamos tendo que encarar quem somos de verdade. Tememos o silêncio como ele fosse um monstro invisível, rugindo para nós, nos estraçalhando e mostrando a nossa insatisfação. O silêncio é assustador.

Então me formei no Ensino Médio e ingressei numa faculdade cristã em San Diego, extremo sul da Califórnia. Completamente sozinho. Eu não fui estudar lá porque a faculdade era cristã. Eu fui porque eles tinham um time de beisebol maravilhoso e um campo sensacional. A faculdade era praticamente na beira da praia; dava quase para lançar a bola dentro d'água. Mas não era de se surpreender que, já no primeiro semestre, eu tenha levado uma suspensão, sido cortado do time e tomado um fora da minha primeira namorada séria. E como o beisebol e as garotas eram tudo em minha vida, eu senti como se tivesse perdido tudo o que era importante. Fiquei arrasado. Pela primeira vez na minha vida eu não tinha sido "bom o suficiente". Fiquei mal.

Inicialmente, culpei Deus pela dor que eu estava sentindo, mas aos poucos comecei a sentir a brisa de sua graça. Eu ainda não sabia, mas Deus me quebrou para em seguida me reconstruir porque ele me amava. O escritor C.S. Lewis disse: "Deus sussurra em nossos momentos de prazer, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores: é o seu megafone para despertar um mundo surdo."[1]

Por causa disso, finalmente eu estava pronto para ouvir. Foi um processo muito sofrido, no entanto.

Olhando para trás, eu não consigo identificar um dia específico em que tenha tido o estalo. Foi mais como um período de três ou quatro meses em que eu fiquei próximo a Jesus. Realmente eu não tinha mais nada a perder, mas aquela coisa toda de graça não fazia muito sentido para mim. Minha mãe dizia que eu era aquele menino chato que sempre queria saber o porquê das coisas. (Eu oro a Jesus para que essa característica específica não passe para meus futuros filhos.) Eu sou assim até hoje, e isso aconteceu de novo quando finalmente comecei a ser inundado pela graça. Eu tinha que tentar entender. Eu queria respostas. Eu precisava saber se a graça era real.

Eu me lembro de uma vez em que fui à biblioteca da faculdade e perguntei quantos livros um aluno podia levar de cada vez. A resposta foi 15, e então eu voltei para o meu alojamento com 15 livros sobre Jesus, cristianismo e apologética. Por meio de alguns desses autores, a graça de Deus lentamente derreteu a crosta de meu coração. Eu comecei a enxergar uma diferença enorme entre o cristianismo que eu achava que conhecia e o cristianismo anunciado no Novo Testamento. Finalmente eu comecei a entender que:

A Bíblia não é um livro de regras. É uma carta de amor.

Eu não sou um empregado. Sou um filho.

Não depende do que eu faça. Mas do que Jesus fez por mim.

A graça não existe para meu eu futuro, mas para meu eu verdadeiro. O eu que sofria. O eu que era todo errado. O eu que era viciado em pornografia. O eu que não tem todas as respostas. O eu que é inseguro. Jesus me ama na minha confusão; ele não precisa esperar que eu fique limpo. Essa verdade mudou minha vida, e eu tenho certeza de que pode mudar a sua.

Encontrando o Jesus verdadeiro

Depois do meu encontro impactante com a graça, eu passei a querer mais e mais de Jesus. Não que as dificuldades todas tenham desaparecido, mas agora eu tinha uma âncora no meio da dor. Mas como um cristão novato, no entanto, eu não sabia o que fazer, como agir, que trechos da Bíblia devia ler, que músicas escutar... Eu tinha muitos amigos, mas muito poucos eram cristãos. Nos primeiros seis meses da minha nova vida com Jesus, eu fiquei sozinho, imaginando como seria "viver" a fé cristã. Passava muitas noites em meu quarto lendo a Bíblia, o que era melhor do que sair para a balada como havia feito no semestre anterior.

Embora não tivesse muitos amigos cristãos, eu estudava numa universidade cristã. Então, eu resolvi descobrir o que era "ser cristão" observando as pessoas dali. Eu tirei meus brincos, aposentei minhas camisetas de beisebol, tentei decorar os *hits* da banda cristã Hillsong United e passei a escutar só rádios evangélicas. Eu achava que se fizesse apenas coisas cristãs, teria paz na minha vida. Mas não funcionou.

Passados seis meses, eu tinha experimentado tudo que pensava que deveria fazer como cristão, mas ainda tinha desejos que supostamente deveriam ter desaparecido, tais como a lascívia e o orgulho. Mas Jesus não deveria tornar minha vida melhor? Eu tinha sido enganado. Meu "cristianismo" era, mais uma vez, aquela velha religião de se esforçar, fazer o bem, se sentir bem, esperando que Deus talvez me dissesse um dia: "Bom garoto!"

E eu percebi que estava seguindo o Jesus errado; não que haja um Jesus "errado", mas eu estava seguindo uma versão *fake* de Jesus. Essa descoberta aconteceu enquanto eu ouvia uma estação evangélica certo dia. Durante o intervalo comercial eles colocaram no ar um *jingle* de 15 segundos sobre a emissora que consistia de crianças dando risadas, uma musiquinha feliz e o *slogan*: "Na música você pode confiar porque ela é segura para toda a família!"

Então eu pensei: “Segura para toda a família? Jesus realmente é seguro para toda a família?”

Percebi que nós tínhamos criado um Jesus que é seguro para toda a família. Mas se fôssemos honestos, deveríamos perguntar de que maneira um andarilho sem residência fixa que foi assassinado numa cruz por dizer que era Deus pode ser seguro para toda a família? Isto sem falar de Paulo, que nos disse que se escolhêssemos seguir seu exemplo como um seguidor de Cristo seríamos tratados do mesmo modo como ele foi (ver 2Timóteo 3:12).

Nós perdemos o Jesus real — ou, pelo menos, o trocamos por um Jesus mais novo, mais seguro, pasteurizado, inofensivo. Nós criamos uma subcultura cristã com seu próprio arsenal de costumes, regras, rituais, paradigmas e produtos que passam longe da fé rude e revolucionária do cristianismo bíblico. Nesta subcultura, Jesus nunca teria sido crucificado — ele é bonzinho demais para isso.

Dizemos que Jesus é nosso parceiro, mas, às vezes, nós parecemos mais com as pessoas que Jesus detonava. A mesma acusação mordaz que Jesus fez contra os líderes religiosos de sua época — os escribas e os fariseus — ele pode estar fazendo a muitos líderes cristãos de hoje (ver Mateus 23). Não é de se espantar que o mundo nos odeie. Na maioria dos casos nós somos perseguidos não porque amamos Jesus, mas porque somos uns estúpidos orgulhosos e arrogantes que não amam o verdadeiro Jesus. Quase sempre nós julgamos, somos hipócritas e legalistas, ao mesmo tempo que afirmamos seguir a um Jesus que perdoa, é autêntico e amoroso.

Algumas vezes as pessoas nos odeiam por pregarmos o mesmo evangelho que Jesus pregava, e outras vezes elas nos detestam por simplesmente sermos estúpidos. Não podemos deixar que esse último caso prevaleça sobre o primeiro. Se refletirmos com sinceridade, confrontando a Bíblia com o cristianismo de hoje, seremos obrigados a admitir que trocamos o Jesus verdadeiro por um da nossa invenção.

Deus não nos criou para distribuirmos sopa aos pobres uma vez por ano e nos acharmos o máximo por isso. Ele não nos criou para considerarmos uma vitória entrar em sites pornôs só uma vez por mês. Ele não nos criou para cruzarmos com um morador de rua pedindo esmola e pensarmos: "Esse cara tá querendo dinheiro pra beber cachaça!" Deus não nos criou para o procurarmos só quando precisássemos, como se ele fosse um dentista celestial ou algo assim.

O Jesus da Bíblia é um homem radical com uma mensagem radical, que muda a vida das pessoas de um modo radical. Nas Escrituras, Jesus não representa segurança. Ninguém sabia o que fazer com ele. Os liberais o chamavam de conservador demais, e os conservadores o chamavam de liberal demais. Acompanhe-me nisto: o seu primeiro milagre foi transformar água em vinho (João 2:1-11). Ele fez um chicote de couro e partiu pra cima de um pessoal que estava bagunçando o templo de seu Pai (João 2:13-22). Ele desprezava completamente qualquer barreira social, racial ou de gênero imposta pela sociedade de então (João 4:1-42). Ele se proclamava o Filho de Deus (João 5:18). Ele se dizia o juiz de todos, com capacidade de determinar quem vai para o céu ou para o inferno (João 5:19-29). Ele dizia coisas do tipo: "Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos" (João 6:53). Isso, além de estranho, é perigoso.

Não importa a igreja em que você foi criado, isto soa menos como o Jesus que nós achamos que conhecemos e mais como o temível personagem Hannibal Lecter. Jesus também perdoa pecados, o que é perigoso, porque só Deus pode perdoar pecados, e os religiosos da época diziam que Jesus era somente um homem (ver João 8:1-11).

Mas não gostamos de um Jesus perigoso, porque um Jesus perigoso não é um Jesus lucrativo. Então nós criamos um Jesus

seguro:

> No Natal, não comemoramos o presente da vinda de Jesus. Nós comemoramos os presentes que recebemos.
>
> Na Páscoa, não comemoramos a sua ressurreição triunfante e a vitória sobre Satanás, o pecado e a morte. Nós nos preocupamos com chocolate e comida.
>
> Não chamamos Jesus de Deus. Só achamos que ele é bom.
>
> Não dizemos às pessoas que elas são pecadoras que necessitam de um Salvador, porque elas podem se zangar e parar de vir (e doar) à igreja.

De muitas formas, o cristianismo tem se pautado cada vez mais por aqueles pedaços de papel verde com o rosto de presidentes dos Estados Unidos. Em 2010 os americanos gastaram cerca de 135 bilhões de dólares no Natal e 13 bilhões de dólares na Páscoa.[2] Quem imaginaria que um bebezinho nascido numa manjedoura imunda na Judeia há mais de 2 mil anos serviria de pretexto para alimentar nossas cobiças ma teriais?

Nós distorcemos tanto Jesus, transformando-o em uma marca, que ele ficou irreconhecível. Jesus é o nosso plano de marketing. Nós abrimos livrarias, criamos camisetas, pulseiras, adesivos de carro, jogos de tabuleiro, tudo em nome de Jesus. Em 2007, uma mulher ficou famosa nos Estados Unidos por vender em um site de vendas uma panqueca com o desenho do rosto de Jesus.[3]

Não me levem a mal. Há um nível em que essas coisas são aceitáveis. É bem provável que você tenha comprado este livro que está lendo agora. Eu mesmo compro uma quantidade razoável de livros cristãos — na verdade, minha esposa diz que eu compro livros demais e que vou nos levar à falência. Mas as perguntas não param de me fustigar: será que estamos fazendo a coisa certa? Será que tornamos esse mercado mais importante que Jesus? Por que o

cristianismo atual é tão diferente do cristianismo vibrante, indomável e imprevisível da Bíblia?

A razão de não estarmos em paz ou satisfeitos com a nossa versão do cristianismo é que isso *não é* cristianismo.

> Nós temos religião, mas não temos Jesus.
> Nós temos um bom exemplo, mas não temos Deus.
> Nós temos debates teológicos, mas não temos a Palavra viva.
> Nós temos boas obras, mas não temos a fonte delas.
> Nós temos amor, mas não o Deus que é amor.

Nós neutralizamos completamente a graça (minhas boas ações me salvam, mas ainda chamamos isso de graça), fizemos de Deus uma equação de matemática (Deus me amará se eu for bom) e transformamos Jesus num apresentador de programa de auditório. Mas Jesus não está diante de uma plateia, contando piadas e entrevistando artistas. Ele é um leão que ruge.

No livro clássico de C.S. Lewis, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa,* as crianças perguntam se o leão Aslan — que representa Jesus — é manso. "'Manso?', diz sr. Beaver. "Você não ouviu o que a sra. Beaver lhe disse? Quem disse que ele era manso? É claro que ele não é manso. Mas ele é bom. E eu lhe digo que ele é o Rei.'"[4]

O Jesus verdadeiro também é assim. Ele não é manso ou seguro. Suas palavras, sua vida e sua cruz destroem completamente o conceito de ele ser seguro. A sua graça é perigosa, feroz, impetuosa e incontrolável. Ela é indomável. Você também se incomoda com o fato de que a primeira — e às vezes única — oração que as pessoas fazem quando estão em uma viagem missionária consiste em pedir que elas fiquem "seguras"?

É importante descobrirmos o Jesus real observando o que a Bíblia diz sobre ele. Eu acho que você vai ficar tão surpreso quanto

eu fiquei.

Não é o Jesus da sua mãe

Relembrando meus tempos na escola dominical e nos acampamentos cristãos de verão, eu recordo de dois versículos que eram sempre lembrados para incentivar as crianças: Aqueles que esperam no SENHOR renovam as suas forças.

> Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.
>
> Isaías 40:31

> "Sou eu que conheço os planos que tenho para vocês", diz o SENHOR, "planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro."
>
> Jeremias 29:11

Esses versículos querem dizer que Deus tem um lindo plano para nossas vidas, que nós somos únicos e preciosos aos seus olhos e que, quando esperamos nele, ele nos ergue em asas de águia.

Esses versículos são verdadeiros? Sim. Mas não da maneira como imaginamos. Deus tem mesmo um grande plano para nossas vidas, mas ele provavelmente não é parecido com o nosso plano. Nos primeiros anos do cristianismo, a maioria dos cristãos era inimiga do Estado, e alguns eram até usados como comida para os animais dos espetáculos romanos de gladiadores. Então, na próxima vez que você citar esses versículos, lembre-se de que eles eram tão verdadeiros para as pessoas que tinham seus corpos estraçalhados em público por leões quanto eles são para você hoje. Você permaneceria com Deus se este fosse o plano dele para a sua segurança e o seu bem-estar?

Fazendo uma retrospectiva, eu percebi que tinha adulterado completamente esses versículos para que eles se adequassem ao meu cristianismo de bem-estar e segurança. É claro que me disciplinar e me fazer sofrer não seria o "plano de felicidade" de Deus para a minha vida! Isso deve ser do diabo, certo? A verdade é que o bom plano que Deus tem para nossas vidas é nos tornar mais parecidos com ele, o que, com muita frequência, provoca dor. Mas não usamos os versículos nesse contexto. Nós preferimos estampá-los em camisetas e adesivos.

Eu gostaria, uma única vez, de ver uma camiseta com os dizeres — mesmo que tudo isso não caiba na parte da frente: "De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. Ele as governará com cetro de ferro. Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" (Apocalipse 19:15-16).

Mas não gostamos desse trecho da Bíblia. Ele é perigoso e não se encaixa na nossa visão pós-moderna de Deus. Contudo, esse versículo é tão verdadeiro quanto os outros que nós colocamos nos marcadores de livros. Quando Jesus vier pela segunda vez, ele não virá para borrifar amor sobre todos os viventes. Ele virá para guerrear contra o pecado e a rebeldia.

Você crê *nesse* Jesus?

Quando percebi que o pacote de cristianismo em que fui embalado na minha infância não contava toda a verdade, eu comecei a me deparar com um Jesus perigoso em toda a Bíblia. Eu cruzei com trechos que confrontavam inteiramente o meu cristianismo pasteurizado.

Jesus não tinha residência fixa?

Jesus chamava as pessoas de filhos do diabo?

Jesus dizia aos discípulos que eles precisavam segui-lo fisicamente e não apenas assinar uma carteirinha e erguer as mãos?

Jesus ensinava que eles não podiam ser seus seguidores se não tomassem sobre si o maior instrumento de tortura já inventado, que era a cruz? (ver Mateus 16:24).

Um de meus versículos preferidos está no livro de Isaías: "Somos como o impuro — todos nós! Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo" (64:6). Frequentemente esquecemos que nossos "atos de justiça" são "imundos" diante de Deus. Não apenas os nossos dias ruins, mas os dias bons também! Orar, ler a Bíblia, ajudar os pobres e ir à igreja nove vezes por semana? São trapos imundos se estiverem fora de Jesus e da sua cruz. Isto não é polêmico?

E se esse Deus ainda não te chocou o suficiente, o escritor Francis Chan revela em seu livro *Crazy Love* [Louco Amor] que o termo em hebraico para "trapo imundo" pode ser entendido como "pano menstruado".[5] Isto significa que nesse versículo Deus afirma que as nossas boas ações não são melhores do que um absorvente cheio de sangue. Da próxima vez que você for a um banheiro público e olhar para a lata de lixo, sinta-se à vontade para se lembrar de que essa é a sua virtude fora de Deus (nojento, eu sei).

Essa mensagem contundente não foi somente do Deus Pai. Jesus também proferiu várias palavras chocantes aos mais religiosos de seu tempo, chamando-os de "hipócritas", "raça de víboras" e "homicidas" (ver Mateus 23). Este Jesus seria enxotado da sua igreja ou detonado no seu blog por não ser manso ou gentil?

E não é interessante observar que algumas das palavras mais duras de Jesus tenham sido dirigidas às pessoas mais religiosas de sua época? O que se esperaria é que ele condenasse os pecados dos marginalizados da sociedade, tais como as prostitutas, os traficantes

e os cobradores de impostos, certo? Mas, em vez disso, ele falava para os líderes religiosos coisas como esta: "Digo-lhes a verdade: Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus. Porque João [Batista] veio para lhes mostrar o caminho da justiça, e vocês não creram nele" (Mateus 21:31-32). Se isso não faz uma pessoa religiosa cair dura, eu não sei o que fará.

Jesus conversava amigavelmente com os marginalizados e desrespeitados da sociedade. Além disso, ele se opunha ferozmente aos que se apresentavam diante dele com hipocrisia. Suas palavras não deveriam apenas nos chocar, mas também nos deixar com medo, pois foram escritas tanto para nós, cristãos de hoje, quanto para os líderes religiosos de sua época, os fariseus.

Eu, com certeza, tenho colocado meu foco na aparência exterior e feito listas caprichadas de como obter a salvação, ao mesmo tempo em que ignoro as necessidades básicas do meu próximo. Muitas vezes, eu sou mais fariseu do que santo. Eu prefiro que as pessoas me digam o quanto eu sou maravilhoso do que digam o quanto Jesus é sábio e maravilhoso. Eu prefiro me concentrar nos pecados dos outros do que enxergar os meus próprios pecados. Eu sinto constantemente o espírito pernicioso dos fariseus querendo ocupar espaço dentro de mim.

O que realmente importa Você já teve discussões internas com você mesmo? Aqueles momentos em que você sabe que alguma coisa está errada, mas parece que você não consegue vencê-la? É o que acontece comigo em relação à atitude de ser dono da verdade e legalista. Às vezes eu odeio a maneira como eu trato as pessoas. Muitas vezes me incomodo com as palavras que saem da minha boca. Às vezes eu fico até deprimido quando leio o Novo Testamento, porque lá eu me

DEPARO COM OS CONFRONTOS ENTRE JESUS E OS FARISEUS E SOU OBRIGADO A RECONHECER QUE ALGUMAS VEZES AJO COMO OS FARISEUS, MUITO EMBORA EU QUEIRA SER COMO JESUS.

Sempre que eu fico sem saber o que fazer, são as palavras afiadas de Jesus que me levantam. Há alguma coisa no tom e na força das palavras de Jesus que me dá um choque de realidade. É importante entender que Jesus nunca diz qualquer coisa sem um propósito. Ele quer que todos cheguem ao arrependimento, e se ele fala de forma áspera é porque é assim que nós vamos cair na real. Às vezes as palavras gentis não entram, não cortam, não nos acordam. Da mesma forma que precisamos de uma pá forte e bem afiada para penetrar no solo duro, Jesus às vezes precisa usar palavras fortes para quebrantar os corações endurecidos. Ele faz isso com a expectativa de nos trazer alegria.

Eu imagino que Jesus costumava fazer declarações duras para mostrar que nós trocamos o que realmente importa pelas coisas que não têm importância. Nós perdemos de vista inteiramente a vontade de Deus, o que ele faz e como nos identificar com ele. Ele já deixou bem claro que não está interessado em nosso comportamento exterior, mas em nossos corações (ver 1Samuel 16:7). Ele não quer saber o que você faz. Ele só quer você. Consegue perceber isso? Essa ficha já caiu para você?

Jesus é muito maior do que "não fume, não beba, não faça sexo antes do casamento". Como cristãos, nós precisamos parar de distorcer a Bíblia com nossos próprios julgamentos e começar a abrir nossos corações, humilde e piedosamente, para que Deus possa se revelar a nós de forma profunda. É uma atitude perigosa e assustadora, com certeza, mas é tão liberador e vivo parar de moldar Jesus à nossa própria imagem, e apenas deixá-lo ser quem ele é — um iconoclasta cultural que dificulta para qualquer um colocá-lo em uma caixinha "cristã" boa, bonitinha e arrumada.

Quando eu tentava conquistar Jesus por ser bom, eu não enxergava o Jesus real, que quer ser amado e servido por nós não pelo que nos dá, mas por quem ele é: perigoso, imprevisível, radical e surpreendente.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Jeff começa o seu livro dizendo: "Como a maioria dos meus compatriotas americanos, eu fui criado na religião do moralismo travestido de roupas cristãs." O que você acha que ele quer dizer com isso? Você enxerga situações na sua vida onde pode identificar isso?
2. O cristianismo tem sido uma escolha automática em sua vida?
3. Depois que descobriu que sua mãe era homossexual, Jeff desistiu de Deus e se rebelou. Ele comparou esta rebeldia com beber água salgada. Você já tentou saciar sua sede, mas percebeu que bebeu na fonte errada? Se isto aconteceu, descreva como foi.
4. Por que o silêncio é o maior medo de tantas pessoas em nossa sociedade, sobretudo dos jovens?
5. Você já enxergou a Bíblia como uma carta de amor? Por que sim ou por que não?
6. Logo depois que começou a seguir Jesus, Jeff descobriu que tinha sido ludibriado a seguir um Jesus seguro e inofensivo — um Jesus construído por si próprio — em vez do Jesus real. Descreva o Jesus real.

7. Jeff afirma que o cristianismo se tornou uma máquina financeira. De que maneiras você já experimentou isso? Você já vivenciou um cristianismo que não se entregue à cultura consumista?

8. Você já se recusou a acreditar que o plano de Deus possa incluir disciplina para a sua vida? Como Deus pode usar as provações para lhe ajudar a se tornar mais parecido com Jesus?

9. Por que os cristãos se concentram mais nos atos com aparência de justiça do que nas necessidades dos outros?

CAPÍTULO 2

POR QUE ACREDITO QUE JESUS DETESTA RELIGIÃO (E POR QUE VOCÊ DEVERIA DETESTAR TAMBÉM)

ERA AQUELA ÉPOCA DO ANO EM QUE VOCÊ SENTE UMA MISTURA INTENSA DE SENTIMENTOS: A ALEGRIA PELO FIM DO SEMESTRE JUNTO COM A PRESSÃO DE PASSAR NAS PROVAS FINAIS. AS PESSOAS FICAVAM ESTRESSADAS. O *CAMPUS*, POR SUA VEZ, ESTAVA SILENCIOSO ENQUANTO OS ESTUDANTES TENTAVAM ESTUDAR TUDO O QUE NÃO TINHAM ESTUDADO NOS TRÊS MESES E MEIO ANTERIORES. EU PUDE DESFRUTAR DE ALGUMAS PAUSAS COM JOGOS E ATIVIDADES DIVERTIDAS DURANTE A SEMANA DE PROVAS FINAIS, QUE ERAM ORGANIZADAS PELO DEPARTAMENTO DE LAZER DA MINHA ANTIGA FACULDADE QUE SE AUTOPROCLAMAVA CRISTÃ. ALGUMAS VEZES ELES OFERECIAM ATÉ MASSAGENS GRATUITAS PARA OS ESTUDANTES. OUTRAS VEZES TINHA COMIDA E DOCES À VONTADE.

Muito embora eu tivesse acabado de me transferir para uma universidade secular de artes liberais, eu esperava a mesma coisa. Enquanto estudava no meu quarto — ou ficava no Facebook, mas deixa pra lá — eu ouvi uma batida na porta. Atendi e fui cumprimentado pela minha bela assistente de residência que segurava um pote com pirulitos em uma das mãos e outro pote com camisinhas na outra.

Ela disse alegremente: “Doce e camisinha! Pra você ficar seguro e ter uma semana de provas sem estresse!” Eu me lembro de ter pensado: “Tudo que eu precisava para me ajudar a estudar para as provas — glicose e preservativos.”

Definitivamente, eu não estava mais em uma faculdade cristã! Posteriormente, naquele mesmo ano, eles fizeram algo parecido ao pregarem “curiosidades sobre sexo” e camisinhas nas paredes do alojamento. Eu acho que eles costumavam usar grampos, mas, neste caso, como você pode imaginar, eles não eram muito eficientes.

Foi uma mudança rápida. Em poucas horas percebi a diferença gritante entre a minha austera faculdade cristã de San Diego e a minha universidade de artes liberais em Portland. O que quer que lhe venha à mente quando se pensa em Portland é exatamente o espírito dessa instituição de ensino. Lá é a meca da militância pelos direitos dos gays. A faculdade baniu a água em garrafa por não ser ambientalmente correta. Os homens tinham *dreads* e as garotas não depilavam as axilas — apesar de essa última não ser totalmente verdade. Era o tipo de universidade que usava livros dos ideólogos do ateísmo Richard Dawkins e Christopher Hitchens como material de aula e onde transborda o espírito liberal-progressista. Mas eu adorava aquilo. De verdade, adorava aquela universidade. E se eu pudesse voltar no tempo, teria estudado lá logo no início.

Mas o curioso é que enquanto eu estudava na faculdade cristã, eu não era cristão. Mas quando estudei na universidade secular, eu era cristão. Você pode achar que eu teria desejado, então, voltar para a faculdade cristã, não é? Mas foi o contrário. Eu achava a faculdade cristã ultrapassada, hipócrita e preconceituosa. Eu não aguentaria mais ter que orar depois de um treino de beisebol, ao lado de trinta marmanjos com cruzes penduradas no pescoço, sabendo que algumas horas depois eles, incluindo eu, estavam com uma garrafa de cerveja na mão e uma garota na outra. Surpreendentemente, a

minha nova universidade transmitia acolhimento e amor. Ninguém fiscalizava se você era um cristão de verdade ou não. Se alguém dissesse que era cristão naquela universidade, não era para ganhar pontos com alguém — na verdade, até perdia alguns. Mas havia alguma coisa naquela atmosfera que me atraiu.

No último ano me tornei assistente de residência — o que basicamente significa que eu era o "papai" do alojamento estudantil. Era o cara que abriria a porta pra você se você tivesse esquecido a chave, que lhe chamaria a atenção se você desrespeitasse as regras — e não havia muitas — e que estaria disponível caso você estivesse com problemas emocionais ou acadêmicos. Por lidar com estudantes diariamente, eu tive um parâmetro dos conceitos que eles tinham sobre Deus, Jesus, religião e os cristãos.

O que me surpreendia sempre era a ignorância da maioria dos universitários em relação a Jesus. Eu ouvia coisas do tipo: "Eu nunca conseguiria seguir a Jesus. Eu gosto de beber cerveja." Ou: "Por que eu gostaria de Jesus? Ele odeia gays." Eu me lembro de ter pensado: "Como assim? Eu ainda bebo cerveja e não odeio gays." A resposta favorita, porém, foi a de um companheiro do time de beisebol depois de eu ter lhe perguntado o que achava de Jesus: "Sim, eu amo Jesus; e Buda também. Eu sou um cristão budista." Tive que fazer esforço para não cair na gargalhada. Cristão budista? Isso é como dizer que você é tem intolerância a lactose mas come queijo.

O *campus* de uma universidade é um lugar interessante. Os estudantes quase não têm responsabilidades, questionam tudo, e moram no mesmo lugar que todos os seus amigos. Mas há também um lado negro na maioria das faculdades. Como assistente de residência eu vi de perto a dor da minha geração. As faculdades nos dias de hoje são celeiros de escolhas erradas, de crises emocionais e de dores agudas.

É claro que isso tudo fica nos bastidores, porque a garota que foi estuprada quando era caloura e o cara que se odeia e sofre de

depressão não aparentam estar passando por essas coisas, sentados no auditório da universidade. As pessoas não mostram suas fraquezas quando tentam se afirmar no grupo. Mas na intimidade do quarto no alojamento, no meio da noite, depois de uma crise emocional ou de um porre, eu via as pessoas nas suas vulnerabilidades máximas. Elas admitiam para mim que suas vidas não estavam dando certo. Elas estavam vazias; ansiosas; desejosas. Em busca de alguma coisa.

A irmã de um colega meu na faculdade acabara de contar para a sua família que era lésbica, e estava rompida com eles porque seu pai se recusava a "ter uma filha lésbica". Uma colega admitiu que tinha raiva de si mesma por ter perdido a virgindade com um ex-namorado, com quem nem falava mais. Outra amiga sentia a imensa pressão de ter que conciliar os estudos com a obrigação de tomar conta da irmãzinha depois que seu pai abandonou a família, e sua mãe precisou trabalhar fora. Eu vi alguns colegas beberem até quase morrer ou tentarem se matar — e se as ambulâncias não tivessem chegado rápido, eles teriam conseguido.

Eu pensava: "Será que eu sou tão diferente deles?" Apenas dois anos antes eu enfrentara uma depressão. Eu tivera pensamentos suicidas. Eu lutara contra a culpa e a vergonha que muitas vezes aparecem quando você sai pegando qualquer mulher. Eu passei meu primeiro ano de faculdade detonando latas e garrafas de cerveja, transando com um monte de garotas, agindo como se o mundo girasse em torno dos meus desejos. E nem prestava atenção nos estilhaços mentais, emocionais e espirituais que haviam se alojado em minha alma devido ao meu estilo de vida egocêntrico. Por dentro eu era apenas um garotinho assustado que tinha sido inseguro a vida inteira e que vivia na expectativa de que alguém lhe dissesse que tinha valor.

Claro que nenhum jovem admite isso plenamente, e durante 19 anos de minha vida, eu também não admiti. Mas não é verdade? Por

que então nós fazemos essas coisas? Minha geração é a mais perdida e insegura que já existiu, e nós fazemos qualquer coisa só para ouvir que somos amados. Ah, se nós soubéssemos o quanto somos amados...

Portanto, ser um seguidor de Jesus naquela época, e reconhecer o tanto que ele foi bondoso em me restaurar, me curar e me buscar, fez com que eu desejasse profundamente compartilhar este amor com aqueles estudantes. No entanto, eles não paravam de me dar aquelas respostas quando eu tocava no assunto de Jesus com eles. Pensar em Jesus, para esses jovens, literalmente significava, em essência, nunca mais poder falar um palavrão na vida. Imediatamente, eles recorriam a temas periféricos, a que Jesus pouco ou nunca fez menção, como motivo de sua grande rejeição a ele. Ironicamente, as razões pelas quais eles se opunham a Jesus eram, às vezes, as mesmas razões pelas quais Jesus se opôs aos religiosos de sua época. Quase sempre, eles não rejeitavam a Jesus; eles estavam rejeitando o que ele rejeitava!

Sentado na cama uma noite, pensei: "Quando foi que 'odiar gays, não poder beber e não poder ter tatuagem' se tornou a essência do cristianismo?" Me toquei de que meus amigos não eram os culpados da confusão que viviam. Eles tiraram essa ideia equivocada a partir da criação que tiveram, das igrejas que frequentaram quando eram crianças, ou dos pregadores que assistiram pela TV. Foi culpa da Igreja eles acharem que o cristianismo verdadeiro se resume a isso. Como eu já escutei dizer: "De cem pessoas não salvas, uma pode ter lido a Bíblia, mas as outras 99 terão lido os cristãos."[6]

Ops.

Eu tenho certeza de que nós teríamos uma Bíblia muito diferente se ela fosse escrita com base na observação dos cristãos de hoje.

Meus colegas não conseguiam separar Jesus da religião porque não estavam lendo a Bíblia para aprender sobre Jesus; eles estavam

olhando para a religião cristã para entendê-lo. O que eles não suportavam era a *religião*. As pessoas se lamentavam de que haviam tentado o cristianismo e não tinha dado certo. Mas até onde eu sei, não dá para tentar ser cristão; ou o seu coração é transformado por Jesus ou não é.

> Mas sempre é possível tentar a religião.
> Qualquer um pode tentar seguir as regras.
> Qualquer um pode tentar subir ao céu.

Mas tudo que essa pessoa fará é dar de cara com o desespero religioso. Não vai funcionar. Nunca funciona.

Foi então que eu comecei a reparar uma tendência interessante: Quando eu contrapunha religião e Jesus nas minhas conversas, elas mudavam de rumo. Isto permitia que as pessoas acalmassem um pouco a intransigência e enxergassem Jesus de forma diferente. Elas não só paravam de rejeitá-lo, mas começavam a querer ouvir mais, a refletir e a investigar sobre o homem chamado Jesus. Foi aí que eu comecei a escrever o poema "Why I Hate Religion but Love Jesus" [Por que eu detesto religião, mas amo Jesus].

Nada de novo

Alguns de vocês podem estar pensando: "Espera aí: não dá para detestar religião e amar Jesus. Jesus É uma religião." Para isso eu responderia "sim" e "não". Se você entender por religião "um conjunto de crenças que dizem respeito à causa, à natureza e a razão de ser do universo", então, sim e amém, o cristianismo é uma religião. Mas de acordo com esta definição, o ateísmo também é uma religião. Porém, se nós entendermos por religião "o que uma

pessoa deve fazer, ou como deve se comportar para ser abençoada por Deus", então o verdadeiro cristianismo não é uma religião.

Depois de cerca de um ano como cristão convertido, descobri que Jesus não é apenas mais um entre muitos salvadores. Seguir a ele é muito diferente de praticar outras religiões. Jesus vira tudo de cabeça para baixo e torna tudo contrário a ele.

Todas as religiões estão centradas nos méritos das pessoas, no que cada um faz e no quanto consegue ser bom. O cristianismo verdadeiro, por sua vez, está centrado nos méritos de Jesus — no que ele fez e no quanto ele é bom.

Todas as outras religiões dizem basicamente: "Você precisa fazer isto para estar numa boa posição diante de Deus." Jesus vem a esta terra e diz: "Isto é o que eu fiz graciosamente por você para lhe colocar numa boa posição diante de Deus."

A religião diz "faça!" Jesus diz "está feito".

A religião é o homem à procura de Deus. Jesus é Deus à procura do homem.

A religião é conquistar Deus por meio de nossos esforços morais. Jesus é Deus nos conquistando independentemente de nossos esforços morais.

As pessoas religiosas matam em nome daquilo em que acreditam. Seguidores de Jesus morrem em nome do que acreditam.

Foi quando caiu a minha ficha: não é a toa que o cristianismo e mensagem de salvação de Jesus são chamados de Boas-novas. Não se trata apenas de bons conselhos (religião); são boas notícias (Jesus). Não se trata de declarar o que devemos fazer, mas de declarar o que ele *já fez*. É quase como se Jesus fosse um eterno jornaleiro entregando um jornal que noticia algo que *já* aconteceu. A única questão em relação a Jesus é: nós o seguiremos?

Agora, muita gente pode me contra-atacar dizendo: "Jesus não veio à terra para abolir a religião. Ele até disse que veio para cumpri-la." Bem, não exatamente. O que ele disse foi:

> Não pensem que vim para abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra.
>
> Mateus 5:17-18

Quando leio isso, eu digo amém. Jesus não está falando da religião; ele está falando da Lei. Jesus quer deixar isso claro: ele não está levando na brincadeira a Lei de Deus. A única diferença é que ele não veio para nos atormentar com ela — o que as pessoas religiosas fazem, como os líderes que aparecem no capítulo 8 do Evangelho de João —, mas veio para cumpri-la por nós. Quando alguma coisa é "cumprida", "consumada", isso significa que ela chegou ao seu fim, à sua conclusão. Foi isso que Jesus disse que fazia. Ele estava cumprindo as exigências da Lei em nosso favor, para nos colocar numa posição perfeita diante de Deus.

Por exemplo, no momento em que escrevo isso, estou a duas semanas do meu casamento. Quando Alyssa e eu nos casarmos, nós não seremos mais noivos. Nós já teremos cumpridos essa exigência, que serviu muito bem para o tempo entre namorar e casar. Entretanto, nós estamos nos movendo para uma coisa melhor. É isso que Jesus está falando aqui. Não que ele esteja abolindo a Lei; ela está lá por alguma razão. A Lei tinha um propósito. A função da Lei no Antigo Testamento era estabelecer limites para nos mostrar como Deus organizou o funcionamento do mundo, e também para mostrar que nós não conseguiríamos alcançar os seus padrões.

É escandaloso dizer isso, mas um dos propósitos da Lei era mostrar que não poderíamos nos sustentar por nós mesmos e que precisávamos de um salvador. Ela era — e ainda é — um espelho para

nos mostrar onde nós precisamos de Jesus. Até mesmo os sacrifícios de animais estabelecidos para os israelitas estavam lá para lhes mostrar que precisavam de um substituto. Eles não poderiam cumprir a Lei por eles mesmos; e, de uma vez por todas, Jesus cumpriu essa exigência.

Portanto, Jesus veio e cumpriu as exigências da Lei para satisfazer a santidade de Deus. Ele a viveu com perfeição. E depois, em vez da Lei do Antigo Testamento se tornar o nosso modelo e a nossa lei, o próprio Jesus tornou-se a Lei. Ele nos deu o seu perfeito modelo ao consumar as exigências da justiça de Deus e, por fim, tomou sobre si na cruz nossos pecados, nossos fracassos, nossas dores, nossa vergonha e nossa culpa. Uma troca muito vantajosa para nós, na minha opinião. E agora não precisamos mais viver unicamente para um código externo, mas, sim, viver em relacionamento íntimo com uma pessoa que nos mostra como viver adequadamente esse código. Jesus se tornou o rosto da Lei, em vez da imagem de Moisés segurando aqueles blocos de pedra, representada sempre nas figuras antigas.

O amor é a nova lei.

É assim que eu penso sobre isso: se algum dia eu me sentisse tentado a trair Alyssa com outra mulher, eu poderia me agarrar na lei: "Eu não a trairei porque posso ir para o inferno"; ou posso ser motivado pelo amor: "Eu não a trairei porque ela é melhor do que qualquer coisa lá fora." Portanto, agora é entre nós e Deus. Jesus nos conduziu para uma aliança melhor. Uma aliança que é alicerçada no amor, e não numa obediência insatisfeita e medrosa.

A Lei foi apenas uma amostra de Jesus. Saber que todas as imagens do Antigo Testamento eram simplesmente uma sombra dele é impressionante. Sacrificar um bode parece esquisito e nojento, até compreendermos que havia uma razão para fazer isso. O sistema sacrificial era a maneira de Deus dizer que o pecado merece a morte. Alguém deve morrer quando há pecado.

Todas as ordenanças e exigências que Deus transmitiu aos israelitas eram pequenas flechas que apontavam para Jesus. O cordeiro que os israelitas precisavam sacrificar pelos pecados era a maneira de Deus dizer: "Há alguém que virá depois de você que não será apenas uma imagem do sacrifício e do perdão como esses cordeiros, mas alguém que será capaz de carregar os seus pecados e de limpá-los para sempre."

Tudo aquilo era Deus trabalhando para que seu povo não perdesse Jesus de vista. O motivo por que os israelitas precisavam de um sacerdote era para mostrar a eles que deveria haver um mediador entre Deus e os homens — que, claro, é Jesus. Uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava no lugar onde realizava um sacrifício e aspergia sangue na mesa da propiciação por sete vezes. Sob a mesa estava a Arca da Aliança, onde os Dez Mandamentos estavam guardados. Esta era a maneira de Deus apontar para o fato de que pela sua misericórdia, o sangue de Jesus iria cumprir aquelas exigências da justiça por nós. Ele é a consumação definitiva do Antigo Testamento.

Foi esse fato que levou os romanos a considerarem os cristãos primitivos um povo ateu. Eles perguntavam: "Onde está o templo de vocês?" E os cristãos respondiam que não tinham um edifício, pois o próprio Jesus era o seu templo. Então, os romanos replicavam: "Muito bem, mas quem é o sacerdote de vocês?" E os cristãos respondiam que não tinham um sacerdote na terra porque Jesus era seu sacerdote definitivo no céu. E, por fim, os romanos perguntavam: "O que vocês sacrificam?" E os cristãos respondiam que não ofereciam mais sacrifícios porque o sacrifício de Jesus foi suficiente e definitivo.

Essa é a razão de Jesus ter dito: "Não pensem que vim para abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir." Essa verdade transporta a pessoa de uma religião morta e feita por homens para um relacionamento poderoso com Jesus.

O SIGNIFICADO POR TRÁS

Voltando ao meu dormitório no *campus*, eu tentava colocar por escrito todas essas ideias para meus colegas que não queriam papo com religião. Eu sabia que precisava de um ponto em comum para fazer qualquer conversa sobre Jesus decolar e decidi usar o seguinte: "Então saiba que eu detesto religião. Na verdade, eu tenho má vontade com ela. Porque quando Jesus disse 'Está consumado', eu realmente acredito que ele quis dizer isso."

Embora o poema tenha, de fato, sido bem aceito pelos meus colegas, preciso deixar claro que quando digo que detesto religião, eu não estou dizendo que detesto a Igreja.

Eu não estou dizendo que detesto os mandamentos, as tradições e as leis.

Eu não estou dizendo que detesto organizações e instituições.

O que estou dizendo é que detesto qualquer sistema que defenda o esforço moral e o bom comportamento como meios de se obter um bom relacionamento com Deus. Meu maior problema com a religião, da forma como eu a vejo, é que se for possível esse negócio de que podemos ser "bons o bastante" para Deus, isso significa cuspir no rosto de Jesus. Isso é zombar dele, dizendo que o seu sacrifício não foi suficiente nem necessário.

Uma das coisas que mais gosto na vida é de ler. Eu amo ler. Alyssa costuma brincar comigo dizendo que o meu "idioma do amor" são os livros. Eu acho que é verdade. Eu gosto tanto de livros que quando comecei a ficar sem espaço para guardá-los no quarto do alojamento, meu companheiro de quarto e eu trocamos nossas camas por beliches para ter mais espaço para acomodar nossos livros. Não sei o que é mais ridículo: confessar que o meu *hobby* é ler ou que aos 23 anos eu ainda dormia numa cama beliche.

Para minha felicidade eu comecei a reparar essa inclinação não religiosa em muitos teólogos que são vistos como gigantes da Igreja,

como John Owen, Tim Keller, Oswald Chambers e A.W. Tozer.

Até mesmo o célebre teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer quis propor um "cristianismo não religioso". Em 1944, quando foi preso por ter participado de uma conspiração contra o nazismo, ele escreveu: "Estamos nos dirigindo para uma era completamente não religiosa; as pessoas simplesmente não conseguem ser mais religiosas. Mesmo aqueles que se descrevem como 'religiosos' não agem minimamente como tal, e dessa forma dão a entender, presumivelmente, que ser 'religioso' agora já é uma coisa diferente."[7]

Bonhoeffer sabia que o termo *religioso* tinha se tornado caduco e, portanto, ele lutou por algo completamente novo. Ele, na verdade, achou útil justapor religião e Jesus.

Eu gosto da palavra *religião*, em seu sentido estrito, e ela é útil em alguns casos, mas eu também reparei que em sua forma mais banal, ela expõe as pessoas a confiarem em suas próprias ações ou obras, o que é um problema de grande relevância hoje. Neste mundo pós-moderno onde toda atividade religiosa é vista como sendo algo que nós fazemos para Deus, precisaríamos proclamar que o cristianismo diz respeito a algo que Deus já fez por nós. Isto tiraria o foco das pessoas de seu comportamento e o colocaria em Jesus.

Quando você diferencia Jesus, o Deus-homem, da religião que se desenvolveu em torno dele, começa a conhecer a pessoa de Jesus em vez das regras do cristianismo. E a verdade é que quando alguém se dedica a tentar conhecer e entender o Filho de Deus, está se aproximando da verdade personificada, e esta pessoa encontrará Jesus.

No momento em que comecei a direcionar as conversas para esses pontos, aconteceu uma mudança interessante. Muitos jovens não queriam papo sobre religião, mas pareciam tranquilas de

conversar sobre Jesus. Quando nos concentramos em Jesus, começamos a querer investigar.

Ele disse isso?

Ele fez mesmo aquilo?

E os fatos muitas vezes impactaram meus amigos e amigas. O Jesus dos Evangelhos é muito mais radical e subversivo do que imaginamos. Foi por isso que escrevi aquele poema. Eu queria escrever um poema que milhares de universitários escutassem e se lembrassem. Um texto que eles carregassem para a sala de aula no dia seguinte. Que os fizesse realmente ter de conversar sobre Jesus. Quando as discussões religiosas dominam e leva-se em conta mais as ideias dos teólogos do que os fatos a respeito de Jesus, elas produzem visões apáticas de Jesus. Mudar o foco da conversa de religião para Jesus, na verdade, convida as pessoas a enxergá-lo no contexto da graça que ele traz. Isso faz com que a sua graça as confronte de tal forma que as pessoas precisam dar atenção a ela.

A reação que prova isso é que quando eu perguntava aos meus colegas sobre Jesus eles respondiam: "Ele é um cara bacana." Ou então: "Ele tinha bons princípios morais, mas ele não é Deus."

Lamentavelmente, essa é uma das coisas menos inteligentes que uma pessoa pode dizer. Se Jesus garantiu ser Deus, se ele disse que perdoava pecados e curava enfermos, ou ele fez mesmo essas coisas, ou é um mentiroso desprezível. Ou ele é quem diz ser, ou seja, Deus, ou ele enganou bilhões de pessoas nos últimos 2 mil anos. Isso tiraria dele o *status* de bom mestre da moral e faria dele a pessoa mais abominável que já passou pela terra. Ou ele é mesmo Deus, ou merece ser banido da história da humanidade como uma pessoa abjeta. É por isso que nas minhas conversas sobre Jesus, eu tiro o foco do que nós fazemos para Deus e o coloco no que Deus fez por nós, para fazer com que a pessoa encare isso.

Nós podemos discutir teoria até não aguentar mais. Nós podemos conjecturar sobre o que a palavra *Deus* significa. Mas

quando você começa a explorar aquele cara de Nazaré da Galileia que viveu há mais de 2 mil anos, chega a algum lugar. Você se vê obrigado a encarar quem ele é, o que ele fez, e o que você vai fazer com tudo isso.

Tenha cuidado quando procurar a verdade, porque você poderá achar Jesus.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Jeff descreve as crises que testemunhou em seu tempo de assistente de residência, crises essas que permaneciam em grande parte escondidas. O que nos leva a manter as nossas fraquezas escondidas das pessoas e qual é o custo disso em nossas vidas?
2. Jeff escreve: "Minha geração é a mais perdida e insegura que já existiu, e nós fazemos qualquer coisa só para ouvir que somos amados." Você concorda com essa análise? Por quê?
3. Por que você acha que a essência do cristianismo se desvirtuou para "odiar gays, não poder beber, e não poder ter tatuagem" na mente de tantas pessoas? Isto se deve à Igreja institucional, aos cristãos individuais ou a alguma outra coisa?
4. De que maneira a fé cristã tem sido mais associada a bons conselhos do que às Boas-novas de Jesus, de acordo com a sua própria experiência de vida?
5. Se o relacionamento com Jesus é a nova lei, de que forma isso infl uencia o seu entendimento das leis ou suas expectativas dentro da comunidade cristã? Isto altera a sua relação com as normas externas? De que maneira?

6. Jeff afirma detestar qualquer sistema que exalte o bom comportamento como a única maneira de se obter um relacionamento apropriado com Deus. Você concorda? Por quê?

7. Em que aspectos o Jesus dos Evangelhos é diferente do Jesus mostrado pelas religiões?

8. Se Deus não está à procura de seguidores de regras, o que ele espera de nós como crentes em Jesus?

CAPÍTULO 3

BITOLADOS, *FAKES* E OUTROS TIPOS DE "CRISTÃOS"

Certo dia, eu assistia a TV quando apareceu no telejornal umas pessoas enlouquecidas de raiva falando sobre o juízo e a ira de Deus. Elas seguravam cartazes agressivos que diziam "Deus odeia os gays". Confuso e indignado, eu mudei de canal. O próximo canal mostrava um desses prêmios de música. Depois de assistir a alguns discursos de agradecimento, eu reparei que a maioria dos artistas agradecia a Deus pelo prêmio recebido. Eu então pensei: "Hum, eu nunca imaginei que essas pessoas fossem religiosas."

Para ser sincero, eu não sei o que me aborreceu mais: aquelas pessoas esquisitas que gritavam a todos na rua que eles iriam para o inferno — com cartazes tão antiquados que poderiam ter sido usados quando vociferaram diante da cruz — ou o cantor de *hip-hop* que agradecia a Jesus por ganhar um Grammy por uma música sobre mulheres nuas, vodka e pilhas de dinheiro. Mas estou convencido de que quando Deus ouve esses discursos ele se aborrece tanto quanto eu.

Infelizmente essas são duas representações de Jesus que mais comumente levam as pessoas a se afastarem do evangelho. Ou elas não conseguem se enquadrar na mesma categoria dos bitolados e

raivosos, ou acham que Jesus é irrelevante e não muda a vida de ninguém — como o *rapper* no seu discurso de agradecimento. Entretanto, ambos estão errados.

As razões pelas quais meus colegas se opunham a Jesus eram as mesmas que levaram Jesus a se opor aos fundamentalistas bitolados e aos religiosos *fakes* de sua época. Nós vimos no capítulo 1 como ele confrontava os soberbos fariseus; mas repare como a pregação de Jesus repele as pessoas que querem usar uma cruz no pescoço, mas não querem vivê-la. No Evangelho de Marcos, Jesus alimenta 4 mil pessoas com somente alguns pães e uns peixes. Dá para imaginar o espanto e a alegria daquela multidão. Jesus se tornava como um astro de rock. Se fosse nos dias de hoje, certamente ele teria vários *paparazzi* na cola dele por onde fosse.

Dali Jesus parte para curar um homem no tanque de Betesda. Todos veem o poder de Jesus e querem mais. Então, o que ele faz?

Ele se delicia com a atenção recebida?
Aproveita sua fama como uma ferramenta evangelística?
Pede que as multidões curvem a cabeça, fechem os olhos e levantem as mãos na direção dele?

Na verdade, ele faz o oposto. Ele diz: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará" (Marcos 8:34-35).

Se Jesus quisesse fundar uma Igreja, ele não saberia que a maneira errada de fazer isso seria dizer às pessoas para tomarem diariamente um instrumento de tortura, morte e vergonha? Jesus se opôs ao legalismo farisaico de seu tempo, mas ele também se opôs a uma religião açucarada, superficial e meramente formal. Ele estava dizendo basicamente: "Eu sei que meus milagres são assombrosos.

Eu sei que tenho um enorme poder. Mas não me siga pelas razões erradas. O custo disso é alto. O caminho para me seguir é difícil, dolorido, machuca, e você pode até encontrar a morte. Mas eu lhe prometo que há alegria do outro lado. Quer vir?"

Em algum grau todos nós temos a tendência de representar mal a Jesus. Às vezes você é frio, indiferente ou orgulhoso? Você é inclinado a ver Jesus como seu marionete, que lhe dá liberdade para fazer o que der na telha "em seu nome"? Ou talvez, para você a igreja seja apenas um *hobby* ou uma obrigação, não tão diferente de cortar o cabelo? Ou talvez você goste mais da ideia de Jesus do que do próprio Jesus?

Somente há pouco tempo eu percebi o quanto sou vulnerável a uma dessas distorções. No fundo do meu coração, sendo completamente sincero, eu ainda acho que sou melhor do que algumas pessoas. Sabe como eu sei disso? Quando alguma coisa ruim acontece com uma pessoa que eu não gosto, eu penso: "Yes! Finalmente ela pagou pelo que fez." Eu esqueço que se eu pagasse pelo que fiz estaria no inferno. Obrigado, Jesus, pela graça!

Por vezes, eu me atenho às regras religiosas e tenho uma postura orgulhosa e de dono da verdade, em vez de viver a fé com humildade. Precisamos nos perguntar constantemente: será que eu realmente me pareço com Jesus? Eu tenho o cheiro dele? Estou tão próximos dele que as pessoas à minha volta sentem sua presença quando estão comigo?

Eu oro para que sempre seja visto como um cara perdido e fraco que encontrou a vida, em vez de ser visto como um cara arrogante e orgulhoso que tem resposta para tudo.

Os bitolados

Classicamente, o termo *fundamentalismo* significa "aderir a ou viver de verdades fundamentais". Partindo desta definição, pode-se dizer que quase todos nós somos fundamentalistas. Esse termo, porém, na cultura pós-moderna tomou uma conotação negativa que "queima o filme" dos cristãos. Em nome da clareza, sempre que eu disser *fundamentalista*, estarei me referindo àquela caricatura negativa dos religiosos que é tão presente nos dias de hoje.

Portanto, quem é fundamentalista segundo os padrões da nossa sociedade? Todo mundo reconhece quando se depara com um. O fundamentalista típico é a pessoa que usa terno na igreja, toca órgão, e lê os livros da série *Deixados para trás* em alguma cabana escondida no bosque. Ele é o cara que me faz torcer o nariz quando atua como a "voz cristã" no debate sobre algum tema polêmico na TV. Ele passa uma imagem de bruto, preconceituoso, intolerante e às vezes até burro.

A tendência de um fundamentalista é acrescentar regras à Bíblia. Muito embora existam algumas poucas menções na Bíblia que consideram pecaminosas coisas como bebida alcoólica e tatuagens — e ainda assim sujeitas a interpretação —, alguns fundamentalistas garantem que elas são verdadeiras. Eles deturpam os versículos até que fique claro que a nossa aceitação ou não por Deus leva em consideração se temos um desenho no corpo ou se bebemos uvas fermentadas. E quanto a cuidar dos pobres e servir aos maltratados? Quem se importa, contanto que eu não fale palavrão? Cara, se eles pudessem teriam alertado isso a Jesus antes dele ter feito o seu primeiro milagre de transformar água em vinho! (ver João 2:1-11).

Certamente há cristãos que amam Jesus de verdade e que têm fortes convicções contra tatuagens e o consumo de bebida alcoólica, inclusive alguns de meus amigos, membros da minha família e meus pastores. De forma alguma estou ridicularizando as pessoas que pensam dessa forma. Estou me referindo àqueles que parecem colocar suas convicções pessoais acerca de questões

comportamentais acima das questões realmente relevantes para a salvação. A essência de um fundamentalista, no sentido negativo da palavra, é ser autocentrado e condicionar a salvação apenas ao comportamento pessoal. O que eles fazem determina quem eles são. Eles são escravos de uma moralidade autoimposta e por isso se tornam pessoas amargas e hipócritas.

Passagens como esta, encontrada no Evangelho de Mateus, me fazem imaginar se Jesus falava tendo em mente a sociedade de hoje. Nesse trecho, Jesus condena os judeus fundamentalistas de sua época ao dizer para eles: "Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade" (Mateus 23:23). Chega a ser engraçado pensar que eles achavam, de verdade, que obteriam a graça de Deus doando pequenas porções de sua colheita de especiarias.

Mas, afinal, nós não fazemos o mesmo? Talvez muitos de nós sejamos muito mais parecidos com o fundamentalista estereotipado do que imaginamos. Você já parou para pensar o que nós, cristãos ocidentais, fazemos que poderia provocar riso nas pessoas de uma outra cultura?

Nós oferecemos a Deus um bom comportamento cristão, mas negligenciamos coisas de mais peso como a justiça e a misericórdia.

Nós fazemos tanto esforço para ditar como a comunidade gay deve viver que não mostramos e eles graça, carinho e respeito.

Nós falamos muito de dízimo, mas não nos importa se a mãe solteira sentada do seu lado na igreja não tem dinheiro para pagar o aluguel.

Nós fazemos questão de ter um momento de oração todas as manhãs, mas não estamos nem aí para conversar com Jesus no restante do dia.

Nós não falamos palavrão em voz alta, mas também nunca oramos pelos moradores de rua da nossa cidade.

Tudo isso é fundamentalismo. E a grande verdade é que isso é uma versão terrível do cristianismo. Não há alegria na vida de uma pessoa que pratica essas coisas, e isso não atrai ninguém para Jesus.

Isso me lembra de uma malandragem que eu fazia nos tempos de colégio. Não se preocupe, porque eu não faço mais isso, mas logo que comecei a dirigir, eu detestava usar cinto de segurança. Eu levava tanta multa de trânsito por causa disso que quando via um guarda, eu passava o cinto rápido no meu peito, sem sequer prendê-lo, e o segurava até passar pelo policial. Então, um dia me toquei: eu estava colocando o cinto apenas para não ser pego, quando deveria estar fazendo isso para proteger minha vida. Sem falar que eu gastava tanta energia — se não até mais, uma vez que tinha que ficar segurando o cinto — quanto gastaria se tivesse colocado adequadamente o cinto.

Eu sacrificava a segurança verdadeira pela imagem de segurança — e tinha mais desgaste! Essa é a essência do fundamentalismo: viver governado por regras somente para se esquivar dos problemas, em vez de enxergar as regras como ferramentas para nos trazerem para uma maior intimidade com Deus e mais alegria. Nós trocamos o relacionamento com Deus por um monte de regrinhas religiosas. Nós lutamos para manter a aparência de uma coisa que, na verdade, não salva, e ainda exige um esforço enorme. Por que fazemos isso? Fora de Jesus, toda a cultura cristã é bizarra. Sem Jesus, o que vemos são apenas rituais estranhos, invencionices e pão dormido.

Essa distorção do cristianismo não funciona porque não é isso que Deus está procurando nem é isso que ele é. Nos Evangelhos, nós vemos um Deus de celebração, um Deus que vai a festas (ver Mateus 22:1-14; Lucas 15:22-23). E às vezes até as promove. Mas hoje, promover festas pode soar como incorreto, mas, convenhamos que se tivermos que ser legalistas em relação a alguma coisa, por que não fazer isso se divertindo? Afinal de contas, a eternidade será uma

grande festa de casamento, onde curtiremos a companhia uns dos outros e celebraremos na presença de Deus para sempre. Toda vez que eu cruzo com pregadores nas ruas, eu contenho o riso, imaginando o quanto eles ficarão desconfortáveis no céu enquanto todo mundo se diverte na festa.

Certa vez, eu ouvi Matt Chandler, um pastor bem conhecido na cidade de Dallas, comparar religião a um casamento ruim. Ele disse: "Imagine que você e a sua amada estão pensando em se casar e aí vocês procuram um casal já estabelecido em busca de conselhos sobre como fazer o casamento dar certo. E aí, quando vocês perguntam aos dois como está o casamento, o marido responde: 'Bem, está péssimo. Ela cozinha muito mal. Eu não a amo mais há muito tempo, mas, como o divórcio não é uma opção, nós continuamos juntos.'" Você acha que Alyssa e eu pensaríamos: "Ah, que maravilha! Quero muito ter um casamento como o deles!"? É claro que não.

É a mesma coisa com Deus. Não há glória para o nome de Deus quando as pessoas fazem alguma coisa por obrigação, sem nenhum deleite no seu Criador. É por isso que os evangelistas nas praças não prestam um bom serviço a Deus. O céu não é um lugar para pessoas que têm medo do inferno; é para pessoas que amam a Jesus. O céu é um lugar paradisíaco, cheio de alegria, vida e plenitude, porque lá nós estaremos com Jesus.

Eu lembro que, na faculdade, reli a Bíblia e passei a amar os escritos do apóstolo Paulo. Ele não faz rodeios, fala com clareza, e às vezes até com humor. Mas o trecho de seus escritos que arrebenta, para mim, está na carta aos gálatas. Paulo escreveu essa carta para os crentes da Galácia que estavam começando a achar que o sacrifício de Jesus não era suficiente para salvar, e que os cristãos tinham que acrescentar algumas coisas a ele para que a salvação ficasse completa. Havia um grupo na época de Paulo chamado de

judaizantes, que afirmava que era preciso crer em Jesus para a salvação, mas que também era preciso observar algumas leis judaicas, como a circuncisão, para ter um relacionamento perfeito com Deus.

Isso significava, basicamente, que era preciso ser judeu antes de se converter ao cristianismo. Como se aqueles que apenas tivessem fé em Jesus não passassem de soldados rasos ou algo do tipo.

Paulo escreveu que os gálatas tinham entendido errado. Eles se distanciaram da pureza do evangelho. Eles se esqueceram de que a questão não era somar Jesus a um bom comportamento, e sim Jesus simplesmente. Repare como até nos tempos bíblicos, os cristãos abandonavam rapidamente o evangelho puro. Nós queremos tanto contribuir para a nossa salvação que nos envenenamos com tantas regras. No entanto, nem Jesus nem Paulo compactuavam com isso. Jesus conhecia a nossa tendência para dar ênfase ao comportamento exterior quando, na verdade, o evangelho é um caminho de transformação onde se aprende a viver pela fé.

Eu acredito que quanto mais os cristãos se preocupam com o comportamento externo, mais eles estão tentando compensar aquilo que falta em seus corações. Quando não temos o verdadeiro poder transformador de Jesus no coração, nós seguimos uma lista de comportamentos exteriores para que os outros possam nos ver e nos identificar como cristãos. Nós, seres humanos, preferimos sempre o palpável e o visível no lugar do que é intangível e invisível. Nós preferimos a carne ao Espírito, e a lei ao coração.

O apóstolo Paulo responde aos gálatas com veemência, versículo por versículo, demonstrando que nós recebemos o Espírito Santo pela fé, como um presente, logo, por que acharíamos agora que temos que merecer ou trabalhar para mantê-lo? A carta fica melhor ainda no fim, quando Paulo não se contém e demonstra a sua

frustração: “Irmãos, se ainda estou pregando a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz foi removido. Quanto a esses que os perturbam, quem dera que se castrassem!” (Gálatas 5:11-12).

Você captou isso? Paulo desejava que eles se “castrassem”. Uma rápida pesquisa no Google mostra exatamente o que *castrar* significa: tirar a masculinidade de alguém. Ui. Se o apóstolo Paulo estivesse entre nós hoje, eu não me surpreenderia se ele fosse expulso das igrejas por ter uma língua afiada como essa.

Eu sei que circuncisão é um tema espiritual estranho para nós hoje, mas não somos tão diferentes dos cristãos do primeiro século. Algumas igrejas de agora enxergam o batismo como o mais importante, algumas valorizam a forma de se vestir, outras dão importância se você é calvinista ou arminiano, mas Paulo diz que só a graça importa, por meio da fé, e só em Jesus. É isso.

A água do batismo não nos salva.
A circuncisão não nos salva.
Calvino não nos salva.
Só Jesus salva.

Os *fakes*

Os *fakes* também são muito fáceis de identificar. Muitos deles levantaram a mão para Jesus num retiro da igreja. Se eles fossem realmente coerentes, levantariam as mãos todas as noites, sendo salvos todas as noites do retiro. Eles provavelmente, usam uma cruz no pescoço, têm algumas bíblias em casa, e se declaram cristãos no perfil do Facebook. Quando chegam na faixa dos vinte anos, os *fakes* gostam de se autodenominar *espiritualizados* e não religiosos. Embora ser cristão implique ser espiritualizado, na maioria das

vezes os *fakes* usam essa definição para fugir de qualquer responsabilidade.

No meu primeiro ano da faculdade, os calouros eram incentivados a frequentar estudos bíblicos. Como todos na minha ala frequentavam, eu me senti obrigado a comparecer também para não ser estigmatizado.

> Fez uma oração? *Ponto*.
> Frequentou os estudos regularmente? *Ponto*.
> Memorizou João 3:16? *Ponto*.
> Usa colar ou pulseira com uma cruz ou um peixe? *Ponto*.
> Ama, busca e se alegra em Jesus mais do que qualquer outra coisa? *Bem, nem tanto*.

Uma noite dessas reuniões de estudo bíblico em especial ficou na minha memória. Não tinha nem 15 minutos que o estudo havia acabado e eu já estava na praia fumando maconha com meus amigos. Minha consciência começou a me acusar de ser um falso e um hipócrita, mas eu fiz o possível para ignorar esse pensamento. Eu logo descobri que não era o único a passar por isso. Tendo frequentado uma faculdade cristã conservadora, eu tive muito contato com cristãos *fakes*. Somente um *fake* reconhece outro, não é? Quase todos nós do time de beisebol orávamos depois dos treinos, mas algumas horas depois estávamos debruçados sobre o vaso sanitário vomitando litros de cerveja. Em muitas ocasiões nos encontramos aos domingos para fumar maconha e resolver se apareceríamos na capela da faculdade na manhã seguinte. E aqui está o cerne da questão: nós pensávamos real mente que éramos cristãos. Quando você é um hipócrita, não gosta muito de parar para pensar sobre isso, certo?

Frequentar o ambiente universitário durante quatro anos me fez aprender que a hipocrisia afasta as pessoas da igreja mais do que qualquer outra coisa. O escritor Brennan Manning afirmou certa vez: "A maior causa do crescimento do ateísmo no mundo de hoje são os cristãos que aceitam a Jesus com as suas bocas, mas quando batem a porta o negam com seus estilos de vida."[8] Nos Estados Unidos qualquer um pode declarar que é cristão e isso não significar absolutamente nada. Ao contrário do que acontece, por exemplo, no Oriente Médio, ninguém é apedrejado ou decapitado nos Estados Unidos por dizer que ama a Jesus. Às vezes eu imagino o que uma perseguição aos cristãos no meu país revelaria. A perseguição, assim como o fogo, consome os elementos fracos (madeira e palha), mas verdadeiramente purifica os fortes (como a prata e o ouro).

Ainda me choco quando me aproximo de cristãos *fakes*, faço perguntas diretas, e eles imediatamente entram na defensiva contando sobre algum episódio do passado em vez de falar do que acontece no presente. Na universidade, quando eu realmente comecei a seguir Jesus, tive um colega no time de beisebol que tinha várias tatuagens religiosas pelo corpo e usava uma cruz no pescoço. Quando nós do time conversávamos sobre questões espirituais profundas nas viagens de ônibus para os jogos, ele era sempre o primeiro a dar opinião. Mas ele era também o mais indiscreto em relação à vida de farra. Ele era o primeiro a falar sobre quantas garotas já tinha levado para a cama e que tinha tomado todas e ficado doidão.

Lembro de me aproximar dele e de lhe perguntar com toda a gentileza: "Ei, cara, me conta como você encaixa Jesus nesse seu estilo de vida. Você acha que a sua vida atual é compatível com Jesus?"

Imediatamente, ele reagiu dizendo que frequentara a igreja a sua vida toda e que aceitara Jesus como Salvador ainda na infância.

Não se justifica um comportamento ruim de hoje mencionando um bom comportamento do passado, em outras áreas da vida. Ninguém faz isso no casamento. Quando um marido trai a esposa e ela toma satisfação, eu imagino que ele não diz: "Nós somos casados há dez anos e eu sempre fui um bom marido, por isso eu posso fazer o que quiser agora. Lembra-se de que eu fui ao altar com você? Isso prova que eu sou um bom marido."

Então por que nós fazemos isso com Jesus?

Como seria se tratássemos os nossos cônjuges e amigos da maneira como tratamos Deus? Se doássemos 10% do que ganhamos a eles, conversássemos bastante com eles aos domingos, disséssemos a todos que estamos casados com ele ou ela, mas em troca nos sentíssemos liberados para fazer tudo que desse vontade nos outros dias da semana? Será que isso daria certo? Será que se fizéssemos umas coisas boas para eles ou elas durante a semana, estaríamos livres para dormir com quem quiséssemos, para não lhes dirigir a palavra, e para mentir à vontade? Claro que não. No entanto, é o que fazemos com Deus, e de certa forma achamos que para ele está tudo bem.

Algumas pessoas pensam: "Eu fui salvo quando tinha dez anos, e, portanto, Jesus é meu camarada, tá ligado?" Tudo bem, mas talvez não no sentido que eles pensam. Jesus não compactua com o seu pecado. Na verdade, ele fica triste quando você peca. No momento em que nascemos, nos tornamos rebeldes cósmicos que cometerão traição contra o Criador do universo em todos os segundos de cada dia. Nós somos fiéis ao sexo, ao álcool, ao nosso time e à religião; mas não a Jesus. Não deveríamos tremer sabendo que estamos sempre, a cada segundo do dia, cuspindo no rosto de Deus, dizendo

a ele que preferimos os nossos vícios em vez dele? Mas ainda assim ele continua nos amando e nos buscando.

Fundamentalistas ao contrário

Legalismo é acreditar que a sua justiça (a sua aceitação por parte de Deus e dos outros) depende só de você. É achar que podemos fazer por merecê-la. É achar que tem a ver com o que fazemos ou deixamos de fazer. Por causa disso, passamos a direcionar nossos atos somente para fortalecer a pessoa incrível que achamos que somos. Isso produz uma arrogância do tipo "eu tenho todas as respostas e vocês são todos uns idiotas".

De acordo com essa definição, deve haver algumas pessoas "religiosas" no seu meio que não se comportam assim. Alguns dos maiores legalistas que eu já encontrei são *hipsters* de vinte anos de idade. Os maiores legalistas de hoje estão na nova geração. A arrogância permeia os *campi* universitários mais do que em qualquer outro lugar.

Uma vez, durante uma aula de filosofia, estávamos tendo uma discussão que de repente se virou contra mim. Todos expressavam seus pontos de vista e discutiam o tema em questão. Como cristão, eu expus minhas ideias sob um ponto de vista cristão. De repente, percebi um mal-estar na sala, como se eu tivesse dito alguma coisa terrivelmente chocante. Alguém então falou: "Você não pode achar que a sua visão é a única. Isso é muito arrogante de sua parte."

E eu fico pensando por que nós cristãos somos sempre taxados de conservadores radicais, quando na verdade todo mundo age da mesma forma. Reflita sobre isso: cada ponto de vista é único para uma pessoa. Até a colega que me acusou de arrogante por eu achar que a minha opinião era a certa estava fazendo a mesma coisa: ao dizer que eu estava errado, ela afirmava que estava certa. Que

arrogante da parte dela, não é? Não exatamente, mas segundo a sua lógica, sim.

Eu contra-ataquei com uma pergunta: "Será que eu sou mesmo orgulhoso ao me posicionar sob uma autoridade externa que tem uma história de mais de 2 mil anos, atingindo bilhões de pessoas que fazem o mesmo que eu, enquanto você faz o que quer da sua vida, sendo a sua própria autoridade e agindo como se fosse o seu próprio deus? Por que isso me torna mais orgulhoso? Por que o arrogante aqui sou eu?"

Em outra ocasião, alguém me perguntou: "Por que eu deveria me tornar um cristão? Eles são todos hipócritas!" Ao que eu respondi: "Sim, nós somos. Todos são. A não ser que — e com certeza você não acha isso — todo mundo seja um hipócrita *exceto você*."

No ambiente cristão, essa atitude legalista é quase predominante. Ela está em mim também, e eu oro a Deus diariamente para que ele tire de dentro de mim esse espírito que diz que eu sou uma autoridade sobre mim mesmo. Porque nós podemos, claro, achar que os fundamentalistas são aqueles que usam terno na igreja e ouvem músicas chatas, ou podemos nos remontar ao fundamentalismo pelo que ele realmente é: uma questão pessoal. Lembre-se de que o fundamentalismo acrescenta regras à Bíblia e dimensiona coisas muito além do que a própria Bíblia fala.

Atualmente, existe uma turma estranha de jovens cristãos que são quase fundamentalistas ao contrário, mas que mesmo assim são fundamentalistas. Eles olham para a geração mais antiga que diz claramente que cristãos não devem beber cerveja e reagem declarando: "Nós só vamos beber cerveja." Ou eles miram naqueles cristãos que dizem que devemos nos vestir com a melhor roupa para ir aos cultos, e falam, "Nós só vamos à igreja com calça jeans justa e blusa decotada."

Eles se definem muito mais por aquilo que são contra do que pelo que são a favor. Eles estão fazendo exatamente a mesma coisa

do que aquilo contra que eles se posicionam. Eles estão enfatizando comportamentos, roupas e outros temas secundários como requisitos para conquistar acesso ao Reino. É uma enfermidade que nos assola a todos colocar a nossa vanglória em absolutamente tudo *exceto* em Jesus, e se acharmos que não fazemos isso é sinal de que a coisa é mais séria ainda.

Os fundamentalistas da geração de nossos pais ainda estão por aí, mas eles não exercem tanta influência nos dias de hoje. Os fundamentalistas atuais nem sempre usam terno. Às vezes eles usam calças jeans justas. Às vezes eles exigem que você beba cerveja para ser um cristão livre de verdade. Às vezes, eles só permitem tocar o velho *rock grunge* em seus cultos na igreja e fazem da camisa de flanela um traje obrigatório para a banda de louvor. Agora uma ideia rápida: caso você esteja mais preocupado em alardear a sua liberdade cristã do que promover a unidade da Igreja, é quase certo que você não é livre de verdade. Você é apenas um escravo da sua pretensa liberdade.

Liberdade verdadeira significa ser capaz de desistir de todos os seus direitos por amor ao outro. Pergunte a Jesus. Ele veio a esta terra voluntariamente. E por vontade própria viveu aqui por 33 anos. Espontaneamente, ele se deixou escarnecer, surrar e ser crucificado. Tudo pelos outros. Tudo por nós.

Fomos todos convidados para a festa Jesus ilustra o amor do Pai por todos nós na parábola do filho pródigo (ver Lucas 15:11-32). Um dos filhos trabalha duro na fazenda de seu pai, enquanto o outro pede a antecipação da herança e diz "Fui!", para gastar toda a grana em viagens e festas até ficar pobre ao ponto de ir comer com os porcos.

Você já deve ter ouvido a versão da Igreja para essa história, que concentra suas baterias no filho mais novo e no seu estilo de vida de garotão, cheio de farra até ele ver que aquilo não levou a nada. Envergonhado e sem grana, ele imagina que seu pai jamais o amaria de novo como filho, mas poderia pelo menos lhe dar um emprego como lavrador, uma vez que um lavrador vivia melhor do que ele naquele momento.

Então, o filho gastador volta para casa disposto a mendigar um emprego, mas, em vez de enxotá-lo dali, seu pai corre para recebê-lo, o abraça forte e o beija. Ele ignora completamente o discurso de pedido de perdão preparado pelo filho e dá ordem para que se organize uma festa tão sensacional que faria inveja às de celebridades, para comemorar o retorno do filho para casa. Ele queria servir como empregado, mas seu pai disse: "Não, você é meu filho!" É um belo retrato da graça, da redenção, e da benignidade do Pai celestial por nós.

Mas isso é só a metade da história. É aqui que ela fica interessante: a parábola do filho pródigo foi contada para pessoas religiosas, não para rebeldes. Então, por que o foco das igrejas costuma ser colocado no filho rebelde? E o que dizer do outro filho?

Antes de escrever essa história, Lucas registra que os fariseus resmungavam e reclamavam que Jesus "recebia pecadores e comia com eles" (Lucas 15:2). Os religiosos não mudaram muito, não é? Um dos melhores indicadores de um coração verdadeiramente cristão é observar que tipo de pessoa ele atrai e que tipo de pessoa ele repele. Se Jesus estiver em você, é bem possível que você atraia os membros marginalizados e desprezados da sociedade, assim como ele fez. E algumas pessoas não ficarão satisfeitas com isso.

Jesus contou a parábola para os fariseus como uma resposta a seus resmungos e suas reclamações. Esse é um dado importante, porque o ponto central da parábola não é apenas a redenção do filho mais novo. Ela também enfatiza a reação do filho mais velho à

recepção calorosa que o pai deu ao irmão desgarrado. Nós achamos que Jesus contou a história pelo irmão mais novo, mas o primeiro versículo é um indicador de que a história foi contada especificamente pelo irmão mais velho, religioso.

A Bíblia diz: "Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança" (v. 25). O filho mais velho ouviu uma celebração. Eu imagino o que ele pensou que estaria acontecendo. Até aquele momento, eu tenho certeza que ele nem desconfiava da volta de seu irmão. Talvez ele tenha pensado que seu pai estava na crise da meia-idade, havia chamado um DJ e dado uma grande festa.

Quando ele descobre que a festa é para seu irmão problemático que voltara para casa, a Bíblia diz que ele "encheu-se de ira, e não quis entrar" (v. 28). Como se pensasse: "Eu trabalhei duro para meu pai. Mas o meu irmão? Um otário que torrou a fortuna da família. Por que ele recebe homenagem e eu não?"

Possuído pela raiva, ele confronta seu pai: "Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!" (vv. 29-30).

Alguns de nós somos como esse irmão mais velho. Nós somos bons, por isso achamos que o Pai nos *deve* bons presentes. E achamos que os outros são tão pecadores que não merecem nada do Pai.

Por outro lado, alguns são como o irmão mais novo. Têm vergonha do seu passado e acham que não merecem qualquer presente do Pai. Mas a realidade é que o Pai dá seus bons presentes livremente, para quem ele escolher, como um ato radical de amor e graça.

Para os filhos desgarrados ele diz: “Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado” (vv. 23-24).

Para todos de nós que acham que são como o Ned Flanders dos Simpsons, Deus vai além do nosso orgulho e misericordiosamente nos convida à festa, dizendo: “Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado” (vv. 31-32).

O que eu mais gosto nessa história é que em nenhum momento o pai olha para o filho mais velho e diz: “Está bom, pense como quiser. Seu irmão e eu iremos comemorar!” Não, a parábola conta que o pai saiu para conversar com seu filho mais velho. E suplica para que ele participe da festa. Ninguém é mais religioso do que quem oferece graça para todo mundo, menos para os religiosos como o irmão mais velho. Deus derrama sua graça sobre o mais novo e também sobre o mais velho. Ninguém é excluído da redenção. Ninguém é excluído da graça. Toda a súplica de Deus é para que tanto o religioso quanto o rebelde venham para a festa. Nós podemos chafurdar no legalismo, ou podemos nos alegrar em tudo que pertence ao nosso Pai.

A verdade é que o pai não devia nada a nenhum dos filhos, e ambos mostraram ingratidão de maneiras diferentes.

O mais novo era tolo. O mais velho era orgulhoso.

O mais novo estava fisicamente perdido. O mais velho estava espiritualmente perdido.

O mais novo não queria o amor do pai. O mais velho achava que podia fazer por merecer o amor do pai.

Nós, filhos de Deus, temos agido dessa maneira desde o princípio dos tempos em relação ao nosso Deus Pai. Ainda assim, ele nos convida para desfrutá-lo e a tudo que lhe pertence. Da mesma forma que os dois irmãos da parábola de Lucas 15, nós precisamos aprender que a alegria de nossas vidas não está naquilo que recebemos do Pai, mas em como nos relacionamos com ele enquanto seus filhos. Ele está dando uma festa, e todos fomos convidados.

A realidade é que é mais difícil para as pessoas religiosas chegarem a Cristo do que qualquer outra pessoa, porque elas entendem que já são boas o suficiente. Na parábola do filho pródigo, nós vemos que o irmão mais novo fica feliz em receber a graça de seu pai. Mas Jesus não nos conta se aconteceu o mesmo com o outro irmão. Não há uma conclusão. O pai sai-lhe ao encontro, dialoga com ele, mas não há indicação de como o irmão mais velho responde ao convite de seu pai.

Jesus deixa a história em aberto como um convite para nós, "irmãos mais velhos". Ele está, essencialmente, perguntando: "Você vai participar da festa?"

Não importa como nós chegamos a Jesus, se estamos indo a ele pela primeira vez, se estamos voltando para ele depois de fingirmos que estávamos lá, ou até se estamos tentando ser bons filhos ao acrescentar mais regras e mandamentos à Bíblia: todos necessitamos da sua graça e da sua verdade. Não encontraremos Jesus no *rapper* fanfarrão que agradece a ele na TV nem na pessoa religiosa que prega gritando na esquina ou no jogador de beisebol que participa de um estudo bíblico e duas horas depois vai fumar maconha. Algumas vezes nós interpretamos mal a verdade, em outras nós interpretamos mal a graça.

Mas o Deus da Bíblia é um Pai amoroso, que está cheio tanto de graça quanto de verdade.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Jeff reconhece que algumas vezes se apega às regras religiosas e ao tradicionalismo em vez de apoiar na fé viva. E você?
2. Por que você acha que algumas regras — como as proibições de bebida alcoólica, de falar palavrões e de ter tatuagens — têm mais peso nos ambientes religiosos do que cuidar dos pobres e dos abatidos?
3. Você acha que a reação generalizada dos cristãos à comunidade gay demonstra misericórdia, justiça e solidariedade? Por quê?
4. Jeff afirma: "O céu não é um lugar para pessoas que têm medo do inferno; é para pessoas que amam a Jesus." Qual o seu entendimento do céu?
5. "Quando não temos o verdadeiro poder transformador de Jesus no coração, nós seguimos uma lista de comportamentos exteriores para que os outros possam nos ver e nos identificar como cristãos." Esta tem sido a sua experiência? Explique.
6. Se é verdade que o tipo de pessoa que você atrai ou repele revela a autenticidade da sua fé, como você está indo?
7. Na parábola dos dois filhos, o pai deseja que ambos desfrutem da festa. A sua tendência é mais para resistir ao convite ou para aproveitar a festa? Por quê?

CAPÍTULO 4

A RELIGIÃO FAZ INIMIGOS; JESUS FAZ AMIGOS

O que começou como uma noite normal no boliche com alguns amigos, acabou como uma coisa bem diferente. Quando eu cheguei com a minha turma na pista e começamos a jogar, reparamos numa outra galera que estava ali. Eles eram um grupo de rapazes populares de um colégio que acabara de abrir próximo ao nosso bairro. Eles haviam sido da nossa escola nos primeiros dois anos do Ensino Médio, mas, por algum motivo, depois que eles trocaram de colégio se tornaram nossos rivais e não nos falamos mais.

O ambiente do boliche, naquela noite, estava tenso. A temporada de futebol americano tinha acabado havia poucos dias, e havia sido marcada por alguns episódios que foram muito além da competição saudável. Eles não gostavam de nós, e nós não gostávamos deles. Trocamos olhares hostis, mas aparentemente cada galera tinha escolhido ficar na sua.

Isso até a hora de deixarmos o local. Foi quando eu recebi um torpedo de uma das garotas que estavam com eles. Eles disseram para que ela nos desse o recado sobre como eles se sentiam. É claro que, para uma turma de adolescentes cheia de testosterona, aquilo não ia ficar barato. Nós respondemos marcando um

encontro no parque para algumas horas depois, a fim de acertar as contas pessoalmente. E eles aceitaram.

Como sabíamos que todo mundo estava esperando havia muito tempo para ver esse confronto entre as duas escolas, nós resolvemos convocar todos os colegas que topariam entrar na parada. Mas não sabíamos que o outro colégio estava fazendo o mesmo. Nós chegamos ao parque e, juntando as duas galeras, havia em torno de 150 garotos. Os urros começaram, as duas turmas foram se aproximando, e o pau estava prestes a quebrar. Foi quando ouvimos sirenes. O caos imediatamente se instalou. Todo mundo começou a correr, derrubar cercas, e fugir do local o mais rápido possível.

Esse foi o maior pico de adrenalina que já vivenciei. Na época eu fiquei furioso porque todo o nosso plano foi por água abaixo. Mas hoje eu percebo que aquelas sirenes de polícia foram enviadas por Deus. No dia seguinte nós soubemos que um integrante de uma gangue do bairro foi detido com uma pistola no local do confronto.

Se os policiais não tivessem aparecido naquele momento, a coisa ficaria feia, e dá pra imaginar o que teria acontecido se essas armas de fogo tivessem entrado em cena. Mas por que a gente estava lá? Para brigar com uns caras que eram meus amigos alguns anos antes? Por que eu me coloquei naquela situação?

Nós somos treinados para fazer inimigos. Nós somos treinados para nos afirmar sobre os outros e nos colocar contra os outros. Desde a infância, aprendemos que é “nós contra eles”. Como aluno veterano eu deveria desprezar os calouros. Como jogador de beisebol eu deveria lançar a bola com violência sempre que meu adversário esboçasse qualquer hostilidade.

Negros contra brancos.
Conservadores contra liberais.

Ricos contra pobres.
Republicanos contra democratas.
Americanos contra qualquer país com o qual esteja em guerra.
O seu time contra o do outro.[9]

Esse processo começa tão cedo que sequer reparamos. Nós gostamos de nos colocar contra os outros. Isso nos dá autoridade moral e afirmação. Sejamos sinceros: às vezes os cristãos são os piores. A nossa denominação é a melhor de todas. O nosso louvor é melhor do que o louvor da igreja do outro lado da rua.

Calvinistas contra arminianos.
Complementarianos contra igualitarianos.
Carismáticos contra cessacionistas.
Católicos contra protestantes.

Como se os que morrem pelo mundo afora se importassem com isso.

Veja bem, não estou afirmando que algumas dessas elucidações e diferenciações não sejam necessárias. No Evangelho de João, Jesus ora para que venhamos a ser "um" (João 17:21). A única maneira de nos tornarmos um é se envolvendo numa discussão saudável sobre os temas em que discordamos. Porém, não dá para acreditar que algum não cristão vai querer aderir à família de Deus se enxergar em nós um povo tão ou mais divisor do que o resto do mundo. Algumas vezes, a forma *como* nos posicionamos na sociedade de hoje é tão importante quanto *pelo que* nos posicionamos.

Os inimigos da religião

A religião, infelizmente, é conhecida por colecionar inimigos. Mulheres? Gays? Muçulmanos? Façamos deles nossos inimigos.

Sim, eu sei que isso não é verdade para todos. Sim, eu sei que a religião não faz isso o tempo todo. Porém, observando a História, está claro que quando isso acontece, quase sempre encontramos pessoas que acham que sua posição diante de Deus depende de sua justiça própria. Até homens que se declaravam não religiosos, como Stalin e Hitler, agiam baseados em sua superioridade moral, presunção e vaidade.[10] É assim que funciona. No momento em que uma pessoa acha que conquistou a bênção de Deus por seus próprios méritos, ela está naturalmente inclinada a demonizar os que agem de maneira diferente.

E não pense que isso é algo que aconteceu "lá atrás". Basta ligar a tevê em qualquer canal para descobrir quem são os inimigos dos cristãos. A maior diferença entre as pessoas religiosas e as que amam o evangelho é que as religiosas enxergam certas pessoas como os inimigos, enquanto os seguidores genuínos de Jesus enxergam o pecado como o inimigo.

Até onde eu sei, eu sou o meu pior inimigo. Ninguém me causou tanta dor, tristeza e decepções quanto eu mesmo. A Bíblia raramente me diz para lutar contra alguém que não acredita no que eu acredito, mas constantemente me diz para lutar contra o pecado e a enfermidade que me levam para longe de Jesus (ver Colossenses 3:5).

As pessoas religiosas veem "os outros" como o problema; os seguidores de Jesus veem a "nós mesmos" como o problema. Quando Jesus disse aos seus discípulos para amar seus inimigos (ver Mateus 5:44), ele não acrescentou "contanto que eles se pareçam com você, falem como você, e ajam como você". Amar um inimigo significa amar a "eles". É triste que uma pessoa como Martin Luther King Jr. seja vista como um radical por obedecer aos princípios básicos do cristianismo. Não há um só versículo na Bíblia que me diga para lutar em favor do meu partido político. Ou lutar

para que haja orações nas escolas. Na verdade, os períodos históricos em que o cristianismo mais sofreu perseguição e recebeu sanções dos governos foram os períodos em que ele mais prosperou.[11]

Eu me lembro do momento em que essa ficha caiu para mim. Eu estava almoçando com minha mãe num restaurante simples que tinha uma comida deliciosa. Quando começamos a comer, fiquei tenso. Eu já era cristão e minha mãe era uma lésbica assumida. Eu não deveria odiá-la? Não me disseram para "não me associar" com ela?[12] Será que a minha mãe não sabe que os homossexuais não herdarão o reino de Deus?

Em vez disso eu tomei a decisão de escutá-la. Afinal, ela era a minha mãe! Eu a ouvi desabafar sobre suas ideias, seus sentimentos; tudo que ficara guardado no coração dela durante anos. Eu soube então que ela havia sido rejeitada por algumas comunidades religiosas — foram episódios horríveis de supostos cristãos que ofereciam graça e redenção para todos em volta, contanto que os seus pecados fossem socialmente aceitáveis. O pior é que eu não podia discordar de minha mãe. Eu tinha visto a mesma coisa acontecer.

Quantas vezes eu ouvi um líder de louvor, que provavelmente passou a noite anterior vendo pornografia na internet, dizer à igreja no dia seguinte que ser gay é pecado? Quantas vezes eu ouvi pastores obesos de tão escravos da comida dizerem à igreja que os homossexuais irão para o inferno? E o que pensar daquele líder de um pequeno grupo que se divorciou quatro vezes e nos dizia como era errado ser gay? Eu sempre achei estranho que a Bíblia fale mais de divórcio do que de homossexualidade, mas isso quase não é comentado na igreja. Por que os holofotes sempre estão sobre os gays? Será que só eu acho estranho que as pessoas façam protestos no meio de eventos da comunidade gay mas nunca vemos um

grupo de gays protestando na frente de restaurantes fast-food onde os héteros se empanturram de comida?

Por alguma razão, a Igreja fez da homossexualidade um pecado master, e minha mãe sofreu o peso disto. Os religiosos são particularmente duros em relação a este assunto. Eles gostam até de citar uma passagem bíblica da primeira carta de Paulo aos coríntios:

> Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus.
>
> 1Coríntios 6:9-11

Eu não consigo ver a homossexualidade tendo qualquer proeminência nessa lista. Você consegue? O que enxergo, na verdade, é o apóstolo Paulo tentando ampliar o espectro da nossa culpabilidade, sublinhando o fato de que nenhum de nós é perfeito. Para aqueles que querem se agarrar a esses versículos, vamos dar uma olhada em alguns outros:

Você já teve um pensamento pervertido? Já assistiu um filme pornográfico? *Culpado.*

Já desejou alguma coisa mais do que a Deus? *Sim.*

Já olhou com desejo ou se envolveu com alguém além de sua mulher ou marido? Hum...?

Já roubou alguma vez? *Eu já.*

Já teve desejo insaciável por dinheiro? *Com certeza.*

Alguma vez já ficou bêbado? *Com certeza* [2]

Alguma vez já trapaceou alguém? *Sei que já fiz isso também.*

Eu não sei quanto a você, mas eu pontuei muito mal nessa lista. Mas como esse trecho bíblico termina? Os coríntios, sem dúvida, estavam marcados por pecados e não estavam representando bem a Cristo. Alguns deles ainda estavam presos a esses comportamentos, daí Paulo escrever esta carta, mas mesmo assim ele diz: "Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus."

Ele lembra de como eles foram comprados.

Lembra também que seus pecados não definem a sua identidade.

E lembra ainda que eles agora são diferentes e que podem deixar *para trás* os seus pecados.

Esta é uma afirmação polêmica! Paulo diz a eles: "Vocês *foram* lavados." O melhor desse versículo é que não parece que os coríntios daquela época tinham se purificado sozinhos. Ele não diz: "Vocês mesmos se limpem e se purifiquem." O que o texto diz é que eles "foram lavados". Uma força externa fez a limpeza. Essa é a mensagem da graça. Se você é um cristão ou uma cristã e for falar sobre 1Coríntios 6:9-10, eu lhe aconselho a incluir o versículo 11.

É somente quando entendemos que é em Jesus que somos lavados, purificados e renovados que conseguimos ver nossos pecados descendo pelo ralo. Nós não realizamos isso por iniciativa própria. Nós somos ambiciosos, sujos, amantes da idolatria e ladrões famintos de vanglória. E quando entregamos tudo a Jesus, ele nos lava. Ele nos redime a todos. E quando estivermos sentados à mesa com uma pessoa a quem nos ensinaram a odiar, o mínimo que podemos fazer é escutá-la e amá-la como Jesus nos ama.

No que diz respeito especificamente à homossexualidade, você não imagina a luta interna que eu tive com esse assunto. Eu tenho uma questão pessoal com isso, portanto, para mim, isso é mais do

que uma situação abstrata. Isso faz parte da realidade de uma das pessoas mais próximas a mim.

Aquela que me criou.
Aquela que me sustentou.
Aquela que se sacrificou por mim.

Portanto, para ser bem sincero, eu mudo de ideia a toda hora em relação a esse tema. Isso está certo? Está errado? Por que sim? Por que não?

Este é um assunto que eu quero tentar resolver. Tudo dentro de mim queria estar convencido de que não tinha problema ser gay. Examinei freneticamente os versículos para ver se a homossexualidade era proibida por Deus. Porém, mesmo após anos de luta, de muitas horas de estudo da Bíblia e de muitas orações, eu não cheguei a conclusão alguma. Quando abro as Escrituras, eu não vejo a homossexualidade ter proeminência entre os pecados humanos, mas ainda assim a vejo como uma distorção da ordem criativa de Deus.

Mas a questão importante é que minha mãe e eu discordamos sobre esse tema, e *ainda assim* nos amamos.

Você entende isso? *Nós ainda nos amamos*.

Nós temos diálogos abertos, honestos, e por vezes muito difíceis sobre homossexualidade. E nenhum de nós vai embora xingando o outro de reacionário. Nenhum dos dois sai furioso ou chateado. Porque o amor é assim.

Ele permanece.
Ele busca.
Ele insiste.

E minha mãe me ensinou isso melhor do que qualquer pessoa. Por isso eu quero dizer em alto e bom som: para que a nossa sociedade continue a se desenvolver, é indispensável que aprendamos a ter discussões saudáveis, respeitosas e bem intencionadas sobre a homossexualidade.

O motivo de essa discussão ser tão difícil para a sociedade é que quando se fala de homossexualidade, os dois lados sentem como se suas identidades estivessem sendo atacadas. Não se trata apenas de algo que as pessoas fazem, mas de algo que elas acham que são. Uma pessoa gay geralmente diz, "Eu sou assim e nunca vou mudar." Quando, portanto, sua sexualidade é questionada, a pessoa recebe isto como um ataque pessoal. O mesmo é verdadeiro para os cristãos. Quando os cristãos são atacados e vistos como sectários e intolerantes em relação à questão gay, eles reagem dizendo que são seguidores de Jesus.

É difícil desenvolver discussões sobre esse tópico porque ele fala sobre a percepção de ambas as partes em relação à identidade uma da outra. Mas se conseguirmos evitar isso por um momento e nos ater aos aspectos objetivos da questão, talvez possamos chegar a algum lugar.

Mas será que conseguiremos parar de ofender uns aos outros e deixar de viver fechados em "tribos"? Eu costumo rir quando alguém me chama de reacionário ou sectário, porque a pessoa homossexual mais próxima de mim não acha isso; ela me conhece de verdade, e teria o direito de me chamar dessas coisas se quisesse.

Nos Estados Unidos, todos têm orgulho de fazer parte de uma sociedade pluralista. Mas o pluralismo verdadeiro significa todos os pontos de vista racionais terem sua voz assegurada no debate social. Pluralismo verdadeiro significa pessoas vivendo próximo de outras que têm visões diferentes. Mas, nos Estados Unidos de hoje nós nos xingamos e, nos isolamos em grupos fechados em que todos pensam

da mesma maneira e falam as mesmas coisas — e isso não é pluralismo. O que existe é *tribalismo* — e nós perdemos a real definição do amor quando vivemos nesse tipo de sociedade.

Capengando até a linha de chegada Desviar-se do pecado não significa livrar-se de problemas, e sim confiar que o Criador conhece sua criação muito bem e que projetou o mundo para funcionar de determinada maneira. Tudo que está fora da sua ordem criadora é uma distorção, e quando nós optamos por seguir essa trilha torta, mostramos que nos consideramos nosso próprio deus e que sabemos mais do que o próprio Criador. O problema não é fundamentalmente a homossexualidade, a idolatria, o vício da bebida, a cobiça, ou estarmos certos ou errados sobre alguma coisa. A questão é: estamos mesmo dispostos a confiar que Deus sabe mais do que nós ou preferimos acreditar que nossos pensamentos, vontades e emoções são mais sábios do que Deus?

E com base nisto, eu digo sem medo de errar: as pessoas não vão para o inferno por serem gays. Nunca. Deus jamais mandará para o inferno uma pessoa simplesmente porque ela é gay. As pessoas vão para o inferno porque querem ser o deus de suas próprias vidas. As pessoas vão para o inferno porque querem ser reis. Elas querem determinar o que está certo ou errado.

A verdade é que todos nós, em certa medida, capengamos até a linha de chegada. É claro que há vitória em Jesus, e é claro também que somos mais que vencedores por meio de Cristo, como escreveu o apóstolo Paulo; mas até mesmo ele, Paulo, teve um espinho na carne (ver Romanos 8:37; 2Coríntios 12:7). E quase todos nós temos um calcanhar de Aquiles espiritual. Todos nós temos hematomas, cortes e feridas espirituais. Alguns capengam até a linha de chegada ainda lutando contra seu vício em pornografia.

Alguns capengam até a linha de chegada com sua compulsão por comida. E outros capengam até a linha de chegada com sua atração por pessoas do mesmo sexo.

A questão não é se alguém é bom ou mau, mas se é arrependido ou não. Quem é o Deus da sua vida? Quem está no controle? O que e a quem você está buscando? Você está olhando para Deus ou confiando em si mesmo? Porque eu acredito que quando a graça de Jesus alcança poderosamente o coração de alguém, essa pessoa começa a se moldar à imagem de Jesus, parecendo-se mais com ele a cada dia.

Mas vamos combinar também que nós temos esperança e vitória e que somos chamados para levar o pecado a sério, fazendo todo esforço para fugir dele e ficar firmes com Cristo. O escritor da carta aos hebreus deixa isto claro ao dizer que nós deveríamos nos livrar de "tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve e... correr com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé" (Hebreus 12:1-2).

Até ele reconhece que há coisas que nos botam para baixo. O pecado gruda em nós quase como aqueles fiapos que grudam na roupa depois que a tiramos da máquina de lavar. Mas mesmo assim o autor bíblico nos diz… corram com perseverança, olhando para Jesus. Não tirem seus olhos dele. Ele é o autor e consumador de sua fé. Mantenham os olhos em Cristo, e vão conseguir porque vocês dependem dele, e não de vocês mesmo. Mas nunca sejam orgulhosos. Nunca pensem que a vitória está garantida para uma elite, para os "bons" ou qualificados. Na verdade, ela está garantida para os humildes, para os rejeitados e marginalizados.

Uma das minhas histórias preferidas da Bíblia é a da mulher em um poço da Palestina (que está no Evangelho de João, capítulo 4, versículos 1-24). Ela é a primeira pessoa a quem Jesus se revela como Messias. Isso não é interessante? Jesus não escolhe

compartilhar essa informação primeiro com um político, um rei ou alguém importante, mas com uma mulher samaritana à beira de um poço.

Só para contextualizar, na época do Novo Testamento, os samaritanos eram vistos como casta inferior aos judeus, resultado de uma mistura impura de um judeu com uma gentia. Os samaritanos eram desprezados pelos judeus. Como se não bastasse, tratava-se de uma mulher, o que naquela sociedade significava que ela era um cidadão de segunda classe. Pior ainda, Jesus destacou a promiscuidade dela e seu intrincado histórico de relacionamentos íntimos com homens com quem se casava e quase sempre se divorciava pouco depois. Não obstante, Jesus escolhe revelar a maior verdade sobre si próprio para ela. Essa mulher é a primeira pessoa a saber que Jesus é o Messias, fato registrado no evangelho de João! E Jesus não condena esta mulher por sua promiscuidade, mas, ao contrário, lhe mostra com muita delicadeza que ele é a "água viva" que pode saciar sua sede.

De forma que Jesus, o próprio Deus, mostrou imensa graça e concedeu enorme privilégio para uma mulher inferior, de segunda classe, adúltera e promíscua. E fez isso com um propósito. Deus adora alcançar os marginalizados, para que seu poder salvador não seja creditado à sabedoria humana, mas à sua graça. Jesus destruiu completamente os paradigmas sociais, econômicos e de gênero. Essas barreiras não existiam para ele, e o mesmo aconteceu na Igreja primitiva. Os cristãos do Novo Testamento eram conhecidos por seu amor ao próximo, mas hoje nós somos conhecidos, infelizmente, por nossa indiferença para com os mais necessitados.

Na minha maneira de ver, essa questão nos remete à idolatria, que é a atitude de colocar qualquer coisa ou qualquer pessoa acima de Jesus como fonte de valor, satisfação e identidade. O problema da idolatria é que sempre que se idolatra alguma coisa ou alguém, imediatamente se demoniza o que é oposto. Então você consegue

identificar se uma pessoa idolatra um político, observando se elas demonizam o representante da oposição. É claro que um republicano pode discordar e dialogar com um democrata, mas se um republicano achar que os democratas são a fonte de todo o mal, isso é sinal da presença de um ídolo, de um falso deus sem nenhum valor. Se alguém idolatra a própria verdade, irá fatalmente demonizar os que são "ímpios" e "mundanos" e não se parecem com ele.

Quer saber o que você provavelmente idolatra? Examine o que você demoniza. Mas quando você idolatra Jesus, então demoniza os próprios demônios — o que para mim faz muito sentido. Quando Jesus e sua verdade são nosso valor máximo, nós enxergamos o Mal como a fonte de todo o mal, em vez da política, do dinheiro e de gênero. É claro que nós podemos discordar. É claro que nós podemos dialogar. Porém, quando alguma coisa torna-se o seu deus, você irá até as últimas consequências para defendê-la.

Ainda que eu não esteja de acordo com a maioria de suas opiniões, Bill Maher disse uma coisa que faz muito sentido.

> Nova regra: se você é um cristão que apoia a tortura e o assassinato de seus inimigos, é bom começar a pensar num outro nome para você...
> "Encapuzar o inimigo" não é exatamente uma coisa que Jesus faria...
> Eu nem estou lhe julgando. Só estou afirmando, com base na lógica, que se alguém resolve ignorar as coisas que Jesus mandou fazer, não é mais um cristão. Ele está só na plateia. Não é um seguidor de Cristo. Pode ser, no máximo, um fã.[13]

Então o que você acha de começarmos a levar as coisas que Jesus disse a sério, e parar de fingir que nos importamos com elas? A verdade é que por Bill Maher não ser um cristão, às vezes eu acho que deveria ignorar o que ele fala. Tipo: "Ele não sabe do que está

falando. Como ousa dizer isso?" Mas a verdade é que ele está certo. Portanto, se você ainda está descobrindo Jesus e se sente desestimulado pelo tratamento que os supostos cristãos dão a certas pessoas, saiba que eles podem nem ser cristãos, mas apenas caricaturas. E quanto a nós, se dizemos aos quatro ventos que amamos a Jesus, que tal começarmos a agir como seus seguidores e parar de agir como fãs? O mundo está esperando e vai notar a diferença.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Por que é tão difícil amar a "eles"?
2. Jeff diz que fica intrigado com o fato dos cristãos prosperarem mais quando são perseguidos do que quando têm toda a liberdade dos governos. Por que você acha que isso acontece?

CAPÍTULO 5

NA RELIGIÃO HÁ PESSOAS BOAS E MÁS;
EM JESUS SÓ HÁ PESSOAS MÁS PRECISANDO DA GRAÇA QUANDO EU FAZIA PARTE DO TIME DE BEISEBOL NA FACULDADE, NÓS VIAJÁVAMOS MUITO DE ÔNIBUS PARA JOGOS E TORNEIOS. ÀS VEZES, A VIAGEM ERA SÓ DE ALGUMAS HORAS, MAS, OUTRAS VEZES, DURAVA ALGUNS DIAS. QUEM É ATLETA UNIVERSITÁRIO NÃO TEM OPÇÃO A NÃO SER SE ACOSTUMAR A ESSAS LONGAS VIAGENS DE ÔNIBUS. NESSAS OCASIÕES, NÓS COSTUMÁVAMOS LEVAR NA BAGAGEM O MÁXIMO POSSÍVEL DE LANCHES, ABASTECER NOSSOS IPODS COM MUITA MÚSICA E FAZER TRABALHOS DE AULA. MAS É CLARO QUE MUITAS VEZES TROCÁVAMOS O ESTUDO POR UM BOM BATE-PAPO.

Eu me lembro de uma conversa que tive com um colega de time sobre os ensinos básicos de Jesus. Eu apresentei razões porque os considero inteiramente confiáveis, e ele rebateu com alguns motivos pelos quais achava que não eram. Eu adorava isso: debater, refletir, engajar. Mas nós chegamos a um impasse quando eu disse: "Jesus pagou pelos seus pecados, e você não precisa mais carregá-los." Meu colega reagiu: "Eu sei que Jesus talvez tenha feito isso pelos assassinos e pedófilos, mas eu nunca matei ninguém. Eu não sou tão mau assim."

O interessante é que essa não foi a última vez que eu ouvi uma resposta desse tipo. Na faculdade, eu devo ter tido centenas de conversas como essa. Os estudantes sempre insistiam que não eram "tão maus assim". Eles pensam: "Eu nunca matei ninguém, pago meus impostos, sou atencioso com as pessoas, e, acima de tudo, sou uma pessoa melhor do que a maioria. Logo, Deus deve me amar por isso."

Nosso problema com Jesus não é ele nos dar gratuitamente vida e graça, mas termos de admitir nossa necessidade dessas coisas. É difícil convencer as pessoas de que Jesus é um grande Salvador quando elas não acham que precisam de salvação.

Aprovado pela média Eu me formei em política e administração pública e minha aspiração inicial era ser advogado ou professor de ciências políticas e sociais do Ensino Médio, em algum colégio da minha cidade. Eu tinha muito mais facilidade com as ciências sociais do que com as exatas (como astronomia e química, por exemplo). Eu me lembro de ter estudado um pouco de biologia, e ainda que tenha sido uma matéria interessante, eu me sentia como se estivesse em contato com uma língua estranha. Isto influenciou nas notas de prova também. Mas para minha sorte o professor de biologia escolheu para avaliação dos alunos naquele semestre o método que é chamado no mundo acadêmico americano de *Grading on a curve*. Isto significa que o professor considera a maior nota da turma a máxima possível e recalcula os outros resultados da classe tendo essa nota como parâmetro.

Para alunos como eu, esse tipo de avaliação era muito bem-vindo. Eu sabia que iria mal nas provas, só que em vez de estudar a sério e orar para que me saísse bem, eu só orava para que ninguém tirasse

uma nota muito alta, para que a média da turma ficasse mais baixa e isso me beneficiasse, como, de fato, acabou acontecendo.

Sejamos sinceros: nós achamos que é assim que Deus age. Gostamos de pensar que Deus é um professor que nos observa por cima de suas lentes multifocais e avalia todo o nosso comportamento a partir de uma nota máxima.

Estatisticamente, está provado que quando um professor opta por avaliar a turma por esse método, poucos alunos tiram notas altas; a maioria da turma fica na média, e alguns são reprovados mesmo com o ajuste das notas após o parâmetro. É exatamente assim que costumamos enxergar a humanidade: Martin Luther King e Gandhi tiram as notas máximas, a maioria passa com a nota média e gente como Hitler e Stalin é reprovada.

Nós olhamos para os expoentes da sociedade e dizemos, "Bem, só uns poucos humanos podem ser como eles." E aí, nos lembramos dos piores seres humanos da história e dizemos: "Pelo menos não sou tão ruim quanto eles. Portanto, eu devo ir para o céu."

Mas a verdade é que Deus não trabalha com esse método — sua avaliação está na cruz. Tentar ser bom o suficiente para conquistar o céu é como tentar saltar do litoral da Califórnia para o Havaí. Todos fazem papel de idiotas; alguns se afogam, alguns chegam a um quilômetro, outros chegam a 10 metros, , mas ninguém sequer se aproxima do Havaí.

Se é dessa maneira que você age, saiba que eu entendo. Eu fui assim por 19 anos da minha vida. Desde que eu me entendo por gente, eu fui um bom garoto. Meus pais, meus professores e meus treinadores, todos diziam isso. No Ensino Fundamental eu era aquele menino que não fazia coisas "ruins". E daí que eu fui expulso de um colégio, comecei a consumir pornografia diariamente e tinha explosões de raiva? Eu tinha desculpas para tudo isso. Foi porque meu pai não me ensinou a ser homem. É porque todo mundo faz

isso. Sim, eu ainda me achava uma pessoa boa. Afinal, nunca matei ninguém e continuava respeitando os adultos.

Minha identidade, meu valor e meu objetivo na vida estavam associados a meu comportamento e a conquistar a aprovação das pessoas. Por causa disso, eu sacrifiquei minha vida tentando fazer os outros acreditarem que eu era uma boa pessoa. E quem se importava se eu era mesmo? Eu só queria que as pessoas achassem que eu era. Toda a minha energia estava empenhada em manter a avaliação das pessoas sobre mim num patamar elevado. Eu imagino quanta gente vive dessa maneira! Contanto que os outros pensem que somos bons, não nos importamos realmente com o que a nossa vida se torna. A reputação exterior vale muito mais do que uma autêntica mudança pessoal.

Então, no Ensino Médio, eu entrei para um time de beisebol cujo técnico era um cristão convicto e maduro. Eu me lembro de uma vez em que ele fez um discurso antes do treino e lançou uma pergunta que me deixou assustado. Ele discorria sobre como o ser humano se concentra no exterior, mesmo sabendo que Deus se importa mais com o que acontece em nosso interior. De repente, ele se voltou para mim e perguntou: "Jeff, se eu conectasse um projetor ao seu cérebro e nós assistíssemos todos os pensamentos que você teve na última hora, o que veríamos? E no ultimo mês? E na sua vida inteira?"

Naquele momento eu senti que ele me pegou. Se alguém visse meus pensamentos, provavelmente eu nunca mais mostraria a cara. Mas Deus, com certeza, vê meus pensamentos. Todos eles. E enquanto vê, ele diz: "Jeff, eu vou resgatar você", com um sorriso nos lábios. Aquilo me impactou. Eu percebi que a única coisa que estava me afastando do céu era o fato de lutar para provar que sou bom. Uma economia da graça, de certa forma, governa todos nós — aqueles que acham que são qualificados, na verdade, não são; e

aqueles que reconhecem que não são qualificados é que são. Deus não nos avalia por parâmetro.

O JOGO MORTAL DA COMPARAÇÃO

Estive, há pouco tempo, visitando um orfanato no interior de Uganda. Era bonito e calmo por lá. Uma grande diferença que eu reparei entre como as crianças vivem na África e nos Estados Unidos é que na África elas só tinham um espelho na casa inteira, e a maioria das crianças quase não ia até o espelho . Por causa disso, a garotada usava outros meios para ver suas imagens refletidas. Eles escutavam o que os amigos diziam sobre elas, procuravam ver seu reflexo na água ou simplesmente passavam longos períodos sem ver sua imagem refletida. Se alguma criança se enxergasse refletida em uma poça de lama, ela terá um retrato confiável de si mesma? Claro que não. Se o barro se misturar com muita chuva pode até refletir alguma imagem, mas a lama irá distorcer enormemente o seu reflexo.

Não é isto que fazemos quando nos comparamos com outras pessoas? Sempre pegando as pessoas mais desqualificadas que conhecemos como parâmetro para nos sentirmos melhor olhando para nossos reflexos numa poça de lama. Se as comparações não mostram fielmente quem nós somos, por que então confiamos nelas? Se quisermos saber, de verdade, quem somos, teremos que nos mirar na água pura, limpa e calma. Só assim obteremos um retrato claro de nós mesmos. E é isso que Jesus faz.

Jesus é essa água pura e límpida que não turva, na qual enxergamos imediatamente nossas inadequações. Você pode retrucar: “Bem, eu nunca traí meu esposo ou esposa!” Mas de acordo com Jesus, talvez você tenha traído, sim. Ele disse no evangelho de Mateus: “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não

adulterarás'. Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração" (Mateus 5:27-28). Caramba! Parece que Jesus não é daqueles professores que abaixam o padrão para facilitar a vida da turma; na verdade, ele veio para elevar o padrão. Ele passa a questão do externo para o interno. Se formos honestos, vamos descobrir que nossos corações, pensamentos e ações estão em confronto direto com o nosso Criador.

No evangelho de Mateus, Jesus faz uma declaração que poderia ter sido vista como extremamente deprimente: "Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus" (Mateus 5:20). Esta afirmação deve ter abalado as multidões. Eu consigo imaginar as pessoas olhando umas para as outras, sussurrando entre si: "Ele não pode estar falando sério! Ele realmente disse isso? Não pode ser verdade! Os fariseus são as pessoas mais corretas e religiosas da face da terra. Como podemos ser melhores do que eles?".

Os fariseus eram a seleção do bem. Eles eram os melhores: a elite da religião. E ainda assim Jesus diz que nem mesmo toda a retidão deles seria suficiente para entrarem no Reino dos céus. Isso porque Jesus deixa totalmente claro que muito embora eles pudessem ser exteriormente justos, seus corações eram como o interior de um copo sujo.

Do ponto de vista lógico, será que nós queremos mesmo aspirar à eternidade com base na comparação com alguém? Isso não parece ser um padrão confiável para apoiar toda nossa vida e eternidade. Além disso, não é cansativo ficar nos comparando sempre com os outros? E nós fazemos isso não apenas no aspecto moral, mas no social e no econômico, além de muitos outros. É exaustivo. Uma das coisas que mais me fascina em Jesus é que eu finalmente posso

parar de fingir, posso reconhecer que não sou bom o suficiente e aprender a andar em liberdade. Isso é uma boa nova.

A BOA NOVA DE QUE TODOS SOMOS MAUS

Eu ainda posso sentir o cheiro de biscoito velho e de poeira de giz naquela sala de aula que eu frequentava aos domingos pela manhã. Lembro que eu sentava numa cadeira de plástico laranja, vestido com meu uniforme de escoteiro, e escutava aquela senhora de óculos falando sobre a Bíblia, enquanto movia algumas letras pelo quadro de feltro. A cada domingo, eu me sentava ali e a ouvia falar sobre os personagens clássicos do Antigo Testamento, como Davi, Noé, Abraão, Adão e Jonas. Eu ficava imaginando como alguns lugares da Bíblia deviam ser bonitos com base nas histórias que ela contava. Eu era — e ainda sou — um aprendiz altamente visual, mas não conseguia entender como era aquele mundo antigo, de tantos séculos atrás.

Como qualquer criança que tem um herói, eu queria estar lá. Eu queria respirar o mesmo ar que Davi respirava. Queria estar na arca com Noé. Então, na pré-adolescência, eu assisti ao filme *A vida em preto e branco* [*Pleasantville*], que basicamente resumia minha visão sobre a Bíblia naquela época. Todo mundo nesse filme vivia em preto e branco, ninguém se machucava, ninguém falava palavrão e tudo parecia perfeito. Eu me lembro de assistir ao filme e pensar: "Isto se parece muito com a Bíblia que eu estou aprendendo!"

Quando finalmente comecei a ler a Bíblia por mim mesmo, aos 19 anos, eu fiquei chocado — ou melhor, apavorado — com as histórias. Fiquei, em parte, zangado, e em parte me sentindo enganado pela maneira como tantos fatos da Bíblia foram maquiados. Na catequização me falavam que eu tinha de ser como os "heróis" do Antigo Testamento, mas quando li suas histórias

reais, reparei que muitos deles tinham arranhões em suas armaduras, ou seja, em suas histórias.

Quanto mais eu lia, mais achava que a Bíblia se parecia muito mais com o filme *Os 300 de Esparta* do que com *A vida em preto e branco*. Por exemplo, por que na catequese a arca de Noé era sempre mostrada como uma porta da felicidade, com o sol brilhando e arco-íris por todos os lados? Por que as pessoas pintavam esse episódio bíblico e o penduravam em quadros acima das lareiras? Elas faziam aquilo parecer mais um cruzeiro turístico do que um derramamento da ira de Deus como, de fato, foi. Se alguém fosse retratar o dilúvio de forma adequada ou transformá-lo em filme de uma maneira honesta, provavelmente seria proibido para menores de tão violento.

Eu fico só imaginando o som das milhares de pessoas se afogando, de crianças chorando à procura de suas mães que afundaram na enchente. As cabeças das pessoas abrindo ao bater com força nos rochedos, arremessadas de um lado para o outro pelas águas violentas como se fossem bonecos de pano. Eu não acho que o convés da arca era um lugar aonde Noé iria para tomar um drinque. Pouca gente deve achar relaxante assistir a milhares de cadáveres estraçalhados flutuando pela superfície de um dilúvio. Eu ainda tremo quando imagino o que deve ter acontecido nesse episódio da Bíblia.

Deus mandou a chuva assassina porque estava arrependido até de ter nos criado. O livro de Gênesis diz: "O SENHOR viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. Então o SENHOR arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra; e isso lhe cortou o coração" (Gênesis 6:5-6).

Noé e o dilúvio estão longe de ser a única história da Bíblia que não é indicada para crianças. Os textos antigos estão cheios de adultérios, assassinatos, estupros, incestos, bebedeiras, mentiras,

fraudes e traições — a maioria dessas coisas cometidas também pelos "heróis". Muitos dos salmos foram escritos como lamentos — Davi os escreveu em um misto de angústia e depressão. Ló, sobrinho de Abraão, se embebedou, fez sexo com suas duas filhas e as engravidou (Gênesis 19:30-38). Amnom, filho de Davi, estuprou a própria irmã Tamar e, depois, foi morto por seu irmão Absalão (2Samuel 13). No livro de Juízes, um homem santo matou sua amante, esquartejou o corpo dela em 12 partes e as enviou para as 12 tribos de Israel (Juízes 19:29-30). E conta a tradição que os meninos hebreus só podiam ler o livro de Cantares quando atingissem certa idade. Parte deste livro era considerado erótica, sexualmente explícita e provocativa.

Eu ficava impactado — e, às vezes, até incomodado — quando lia os relatos sem cortes da Bíblia. Aquilo parecia bem mais próximo da realidade do que aquilo que eu aprendia na catequese. Fiquei chocado ao descobrir que:

Adão era um covarde que nada fez para defender sua mulher.

Noé era alcoólatra.

O Rei Davi cometeu adultério e, depois, para encobri-lo, encomendou o assassinato do marido da adúltera.

Foi aí que a Bíblia começou a ficar interessante para mim. Eu me identifiquei com os personagens imediatamente. Quando era garoto, eu achava que a Bíblia era só um código de princípios morais para se usar na vida. Ela era desinteressante e inacessível. Eu até gostava de algumas das histórias, assim como dos provérbios e dos salmos, porém, na maioria das vezes, a Bíblia parecia irrelevante. Deus parecia um pai furioso, Jesus parecia de outro mundo, e todas as genealogias e medidas me davam dor de cabeça.

Quando, porém, eu comecei a reparar o quanto as Escrituras eram ousadas e explícitas, tudo começou a se tornar vivo. Eu

comecei a perceber, então, que não era um herói e que não era isso que Deus queria de mim.

É assim que nós podemos identificar os religiosos: eles fazem questão de ser heróis; eles têm de vencer todos os dias; decorar muitos versículos bíblicos; conhecer os últimos sucessos da música gospel; defender Deus. Mas esse problema não é novo. Na verdade, Jesus lidou com a mesmíssima coisa. Em João 5, ele disse aos líderes religiosos: "Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito;
contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida" (João 5:39-40).

Jesus diz que é possível ler a Bíblia como um manual, mas se você fizer isso, perderá de vista a questão mais importante.

Deus não nos dá pontos por nos esforçarmos. Ele quer que nos aproximemos dele corretamente. Achar que alcançará a vida eterna por ler muito a Bíblia é como olhar para o para-brisas enquanto se dirige um carro, achando que isso vai lhe levar onde quer chegar. O para-brisas não está lá para ser olhado; ele existe para que olhemos através dele.

É assim que acontece com a Bíblia. Ela não nos foi dada para que pudéssemos saborear e ruminar o nosso caminho para a eternidade, mas para fortalecer nossa esperança de um encontro especial com o Criador. Jesus é bem claro: nós não somos o centro das Escrituras, e sim Ele. Jesus diz, basicamente, que todo o Antigo Testamento aponta para ele. É uma afirmação e tanto vinda de um camarada que não tinha onde cair morto e sobre quem circulavam rumores de ser filho ilegítimo!

Quando eu comecei a entender isso, muitas histórias que ouvi na catequese começaram a fazer sentido. Eu passei a enxergá-las menos como histórias de grandes heróis a quem eu deveria imitar e mais sob o ângulo das nossas grandes falhas que são trabalhadas por

Jesus. Cada personagem, cada história, cada esquema do Antigo Testamento é uma sombra ou um símbolo de Jesus. Isto é uma boa nova, porque se não houver heróis nós podemos parar de tentar ser os salvadores da pátria. Eu vou dar três exemplos de histórias onde nós deixamos de entender completamente o significado de Jesus.

Jonas

"Jonas e a baleia" está entre os maiores clássicos de história bíblica para crianças. O profeta Jonas é engolido por uma baleia e vive em sua barriga durante três dias por ter desobedecido a uma ordem de Deus. Mas façamos uma retrospectiva para aqueles que talvez não conheçam a história ou a tenham escutado de maneira diferente.

Jonas era um cara que conhecia Deus. Ele foi um profeta chamado para levar a mensagem divina ao povo. Certo dia, Deus pediu a Jonas para ir até a grande cidade de Nínive para que o povo de lá soubesse de Sua existência. Quando ler *Nínive*, por favor pense em *Las Vegas*. Cidade do pecado. Rebeldia. Bebedeira. Portanto, quando Deus lhe disse para ir até Nínive, Jonas "deu uma de migué" e se fingiu de morto. Ele se recusou. Não achava que aquele povo devasso merecia salvação.

Então, Jonas embarcou em um navio e seguiu na direção oposta. Deus, porém, continuou a perseguir Jonas e a pressioná-lo, mandando uma tempestade em alto mar para chamar sua atenção. Os outros marinheiros sabiam que alguma coisa anormal estava acontecendo e, depois de muitas escaramuças e discussões, lançaram Jonas ao mar, a pedido dele próprio. O profeta sabia que a tempestade era por sua causa. Imediatamente, a tormenta cessou e um grande peixe, não necessariamente uma baleia, engoliu Jonas

por inteiro. Ele ficou preso na barriga do animal por três dias (ver Jonas 1).

Geralmente, nós contamos essa história como se fosse conosco, ou seja, "eu não quero ser como Jonas, que desobedece a Deus e é lançado no mar". Mas a história ganha outro sentido quando lida na perspectiva de Jesus. Experimente lê-la contrastando as atitudes de Jonas às ações de Jesus. Jonas virou as costas para o povo de Nínive, pensando que eles não eram dignos do amor de Deus; mas Jesus veio para nos salvar, *sabendo* que não éramos dignos, mas nos amando mesmo assim. Jonas foi parar na barriga de um peixe por três dias — por ter desobedecido — e com isso salvou um barco lotado de naufragar; e Jesus esteve no interior da terra por três dias (muito embora tenha sido completamente obediente) e salvou toda a humanidade da morte.

A história de Jonas não diz respeito a Jonas.
A história de Jonas não diz respeito a nós.
A história de Jonas diz respeito a Jesus.

Caim e Abel Caim e Abel foram os primeiros filhos de Adão e Eva. Esses dois irmãos foram acusados de levar ofertas para Deus, e a Bíblia diz que Abel trouxe uma oferta que foi "do agrado" de Deus, mas que a oferta de Caim foi rejeitada (ver Gênesis 4:1-16). Normalmente, essa é a única parte da história que se ouve na igreja. Aprendemos que devemos trazer a oferta que Deus pede, e não a que nós achamos que ele gostará. Isto é verdade, mas não é a história toda.

Por Deus não ter se agradado da oferta de Caim, este se enfureceu e matou o irmão numa crise de inveja. Mas o sangue de Abel ficou "clamando… na terra" por justiça e pela culpa de Caim.

Agora, vamos contrastar o sangue de Abel com o de Jesus: o sangue de Abel clamou pela culpa de Caim, enquanto o sangue de Jesus clama pela nossa libertação. Todos nós fomos como Caim, cometendo homicídios enfurecidos e até matando o próprio Deus. Mesmo havendo sangue em nossas mãos, o perfeito sacrifício de Jesus clama por nossa inocência. Somos livres para prosseguir. Sem culpa. Este é o veredito de Deus. Perfeitos, imaculados e justos. Mesmo que tenhamos matado o Filho de Deus.

Isto é graça, e isto é libertação, porque custou tudo a ele.

Davi e Golias Davi foi o pastor adolescente que matou o guerreiro gigante Golias com uma pedra e um estilingue, certo? (ver 1Samuel 17). Perdi a conta das vezes em que ouvi na catequese "Se você tiver fé como Davi, poderá matar os gigantes em sua vida!" Isso era dito repetidas vezes. Então, se eu tiver muita fé, posso parar de ver pornografia. Se eu tiver muita fé, posso parar com minhas explosões de raiva. O problema era que isso não funcionava. Eu reunia toda a fé que conseguia, orava e dizia a Deus que daquela vez seria diferente. Eu citava versículos da Bíblia para mim mesmo sempre que me sentia tentado. Mas independentemente do que eu fizesse, quando meus gigantes caíam por terra — a luxúria, o orgulho, o legalismo — eu ia até eles, verificava se estavam mortes e eles logo se levantavam e metiam a porrada em mim.

Eu tentava ser como Davi, mas fui percebendo aos poucos que não conseguia ser como ele. Isto porque eu estava tentando ser o personagem errado da história. Há três personagens nessa história, muito embora só se fale de dois: Davi e Golias. O terceiro personagem de quem ninguém fala é Israel, os espectadores na linha lateral do campo de batalha.

A nação de Israel inteira estava sentada no topo do morro, vendo aquela cena e imaginando que em breve todos ali estariam mortos. Eles estavam aterrorizados porque viam o tamanho de Golias, e tinham consciência de como eram frágeis diante dele. O livro de 1Samuel conta que Israel "temia muito". Nós somos como a fraca, débil e incapaz nação de Israel dessa parte da Bíblia. Isso torna Davi o Jesus dessa história.

Jesus é um Salvador melhor, porque enquanto Davi matou Golias — um inimigo gigantesco e terrível —, Jesus matou o pecado, um inimigo muito mais poderoso e terrível. Ele arrancou sua cabeça, para que não tivesse mais poder. Nós podemos ser sinceros e transparentes em relação aos pecados e fracassos, porque não somos nós quem está combatendo. Jesus combateu por nós. Isso é uma boa nova, porque significa que somos livres para fracassar. Se nós somos Israel, então vamos representar bem o personagem. Vamos ser honestos em relação à nossa fraqueza, honestos para admitir que estamos com medo, e honestos quanto ao fato de que é Jesus quem destrói os pecados que nos atormentam. Deus nos enxerga como Israel, e não como o herói da história.

Tanto Davi quanto Jesus utilizaram meios improváveis para aniquilar o inimigo. Davi contava apenas com sua velocidade e um estilingue; Jesus destruiu o pecado sendo manso, humilde e sacrificando-se na cruz, em vez de implantar um reinado tirânico e político como todos achavam que ele faria.

Os caminhos de Deus não são os nossos. Mas os seus caminhos salvam, e os nossos não.

É por isso que se trata de uma boa nova o fato de não sermos bons o suficiente. Contudo, há um aspecto tão duro na graça que muitas pessoas se recusam a aceitá-la. Outras religiões e visões de mundo de alcance global apontam escadas que seus fieis precisam

utilizar para galgar o céu, enquanto a fé cristã genuína só é vivida em plenitude ao rastejarmos como soldados para obtê-la. Nós precisamos nos abaixar. Precisamos ser humildes a ela. E eu garanto que há alegria do outro lado.

O paradoxo da Bíblia é que ela diz que somos muito mais pecadores do que achamos, mas diz, ao mesmo tempo, que somos muito mais amados do que pensamos. Muitas pessoas não conseguem entender a graça, e tentam se convencer de que estão bem, de que podem dar conta sozinhas porque, no fundo, são boas o suficiente. Eu conheço essa linha de raciocínio muito bem, pois foi assim que pensei durante muitos anos. Nossos corações, porém, não gostam disso. Nós sabemos que "bom o suficiente" é um conceito relativo. O coração não para de sussurrar as nossas imperfeições. E se isto não for o suficiente, fazer menção do mal pode se virar contra nós. Às vezes, dizemos que coisas como genocídio, assassinato e adultério são más. Ao fazer isto nós estamos apelando para algum tipo de padrão que também pode se virar contra nós.

Portanto, vamos acabar com esse jogo de comparações. Vamos acabar com essa luta constante por um padrão moral mais elevado, sempre olhando as pessoas de cima. Vamos acabar com a pretensão de que podemos conquistar pela força o que é impossível de ser conquistado. Vamos parar de tentar sermos perfeitos e justos porque não é esse o tipo de pessoa que Deus procura. Ele procura pessoas que sejam humildes para admitir suas necessidades e se renderem a um Salvador, porque, se podemos confiar no que a Bíblia diz, não importa o quanto estamos perdidos ou nos sentimos incapazes: se uma pessoa ama a Deus, Ele pode e irá usá-la como desejar.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Você já imaginou Deus nivelando os cristãos por aquele de "nota máxima"? Por quê?

2. Muitas vezes nós estamos mais preocupados com a aparência externa de nossas vidas do que com uma autêntica transformação interna. Descreva uma pessoa em sua vida com quem isto não acontece.

3. Jeff diferencia enxergar a Bíblia como um código moral de enxergá-la como uma coletânea de histórias nuas e cruas da vida real. Por que algumas vezes a Bíblia é amenizada para consumo público?

4. Qual é a sua história preferida do Antigo Testamento? De que forma ela aponta para Jesus?

5. Jeff escreve que nós somos livres para fracassar e não precisamos combater o pecado em nós mesmos por causa da graça de Deus. Você concorda? Por quê?

6. Qual é o seu nível de relacionamento com a Bíblia?

CAPÍTULO 6

RELIGIÃO É O MEIO DE CONSEGUIR COISAS DE DEUS; SE BUSCARMOS JESUS NÓS TEREMOS DEUS

Durante toda a minha vida, foi só minha mãe e eu. Tenho duas irmãs, mas elas foram criadas por meu pai, enquanto eu fui criado por minha mãe. Como a maioria dos casos de guarda de filhos de casais separados, nós fazíamos aquela coisa de alternar finais de semana, indo eu para a casa de meu pai e minhas irmãs vindo periodicamente para nossa casa. Para ser sincero, isso nunca me afetou muito. Quando somos crianças, apenas vivemos as situações como elas se apresentam. Aquilo parecia normal, sobretudo porque nos bairros onde eu cresci, na região de Tacoma, era raro ver uma família com uma mãe e um pai vivendo juntos.

Lembrando disso tudo, vejo que eu não mudaria um milímetro da minha trajetória. Isso me fez quem sou hoje, e sou grato pelo modo como aquelas experiências me moldaram. Atualmente, todos da minha família moram próximos uns dos outros e nos damos muito bem. Eu amo meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Durante a minha infância, entretanto, certamente tivemos nossas diferenças.

Quando eu tinha 11 anos, uma de minhas irmãs veio morar conosco. Devido aos problemas mentais e físicos de mamãe, nós

tínhamos pouco dinheiro. Morávamos numa casa de dois quartos minúscula, num bairro de baixa renda. Quando minha irmã chegou, não tínhamos nem espaço nem recursos financeiros para acomodar outra pessoa dentro de casa, mas tivemos de dar um jeito. Como minha irmã era mais velha que eu e era menina, ela ganhou um quarto só para ela. Minha irmã estava começando o Ensino Médio naquela época e, portanto, dividir um quarto com o irmão mais novo era impraticável. Ainda que fôssemos irmãos, nunca havíamos morado juntos. Foi uma grande mudança.

Hoje eu vejo que aquela foi a maneira que minha mãe encontrou para fazer sua filha sentir-se bem e de oferecer o mesmo que ela tinha na casa de papai. E como não havia muito para onde correr, eu colocava meu colchão no assoalho do corredor, durante a noite, e aquele foi o meu quarto de dormir pelos dois anos seguintes. Mas não era tão ruim assim. Eu tinha roupa lavada e passada, comida na mesa, e tinha um colchão para dormir todas as noites. Porém, em algumas ocasiões, eu orava: "Deus, onde você está? Se você me ama tanto, por que passamos tanta dificuldade? Por que mal podemos fazer uma compra de supermercado? Por que todos os meus amigos moram em casas legais, tem tudo o que querem, e eu estou aqui dormindo no corredor?"

Para falar a verdade, eu não fazia essa oração sob o peso de uma dor absoluta. Era mais uma oração envergonhada. Eu estava entrando na pré-adolescência, quando muitas mudanças começam a acontecer. Na escola, eu também entrava numa fase nova, com uma estrutura completamente diferente. Todos pareciam prestar atenção em tudo, e foi a primeira vez que eu senti a pressão dolorosa de ter que me encaixar no grupo. De repente, tudo parecia ter importância. A maneira como eu me vestia, como me expressava, se eu conseguia ser bom nas coisas que eram mais valorizadas pelo novo grupo. Foi quando eu comecei a me sentir infeliz e envergonhado por ter de dormir num corredor.

O que meus colegas achariam disso?
Será que eles ainda me aceitariam se soubessem?
Eu seria alvo de chacotas?

Sim, eu ainda me lembro da pressão desses pensamentos.

Naquela época eu tinha uma ideia vaga de Deus. Como uma criança de 11 anos, eu mal sabia a diferença entre Deus e Papai Noel: eu pedia alguma coisa e esperava que ela acontecesse. Portanto, eu me revirava no colchão, à noite, imaginando por que não tinha meu próprio quarto e uma cama, se Deus me amava tanto. Hoje, me parece frívolo se importar tanto com coisas como essa, mas aquele mal-estar me conduziu para uma verdadeira apatia em relação a Deus.

Uma série de perguntas contribuíram para isso: Deus devia estar desinteressado de mim, porque se estivesse interessado não demonstraria? Por que minha mãe enfrentava tantas dificuldades na vida? Por que tínhamos que recorrer a ajudas do governo para comprar comida? Por que nos mudávamos tanto? Por que não podíamos comprar meu equipamento de beisebol, enquanto alguns de meus amigos tinham tudo o que pediam aos pais? Era como se Deus fosse uma eterna máquina caça-níquel; e se nenhuma provisão farta estava vindo era sinal de que ele não me amava.

Distorcendo a Bíblia Quando era mais novo, eu pensava que a bênção de Deus sobre mim, minha mãe e minha irmã só podia ser medida pelas nossas posses físicas e terrenas. Eu achava que se eu fosse bom, Deus me devia alguma coisa. Para piorar a situação, sempre que eu ligava a TV, um pastor, vestido com um terno de 10 mil dólares, repetia a mesma coisa. Só muitos anos depois, quando já

estava na faculdade e comecei a estudar a Bíblia, é que consegui perceber que havia caído numa das maiores mentiras da religião.

Na parábola do jovem rico, o rapaz não queria Deus, ele só queria o que Deus poderia dar a ele (ver Marcos 10:17-27). Muitos cristãos não estão nem um pouco interessados em Deus; eles só querem usá-lo para conseguir o que cobiçam de verdade: posição social, um bom trabalho, um carro zero, perdão, o que for.

Até mesmo os benefícios de um relacionamento com Deus, perdão, amor, redenção, graça, etc., podem ser colocados no lugar de Deus, se estivermos mais preocupados em conquistar essas coisas do que enxergá-las como uma via de acesso a ele. Em vez de Deus ser Deus, nós fazemos dele a nossa prostituta. Assumimos o papel de cafetões, criando as nossas próprias regras e dando ordens, e só nos dirigimos a ele quando precisamos que ele execute alguma tarefa. Ele faz o que nós mandamos. Tudo que precisamos fazer para ter uma vida feliz e abundante é "semear uma semente de fé" ou falar alguns versículos que prometam "bênçãos", mesmo que completamente fora do contexto.

Eu já escutei muitos dos que se dizem pastores citarem: "Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos" (2Coríntios 8:9). Eles então defendem a teoria de que nós devemos ser ricos porque Jesus já se fez pobre. Mas com isso tiram o real significado da frase: Paulo está falando de riquezas espirituais, e não financeiras. Jesus era rico em sua herança espiritual no céu, mas colocou tudo de lado para nos resgatar. E nós éramos pobres, fracos e enfermos pelo pecado, contudo Jesus nos deu a herança que ele deixou para trás, que são todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais (ver Efésios 1:3).

Eu também ouvi muita gente dizer: "Amado, oro para que você tenha boa saúde e tudo lhe corra bem, assim como vai bem a sua

alma" (3João 2). De acordo com alguns pastores, se alguém está doente é porque está em pecado. Mas o que vemos neste versículo é João orando para que a saúde do nosso corpo acompanhe a saúde da nossa alma. Há uma diferença. Nossas almas estão bem alicerçadas quando temos Jesus, e podemos orar por saúde física e vitalidade; mas se isto não estiver presente, sabemos que o alicerce ainda está lá, mesmo assim. A bênção e a prosperidade de Deus, segundo o Novo Testamento, são invisíveis e espirituais, não financeiras ou físicas.

Uma das coisas mais perigosas da Bíblia é que ela é grande o suficiente para expressar exatamente aquilo que nós queremos que ela diga — se estivermos dispostos a ignorar o contexto. Quer fazer sexo com a namorada antes do casamento? Tenho certeza de que existe um versículo sobre o amor na Bíblia que você pode distorcer para justificar isso. Quer um divórcio conveniente porque cansou de servir ao seu cônjuge? Certa vez eu ouvi uma pessoa argumentar que "Deus quer que prosperemos", e uma vez que ele não amava mais sua esposa, aquele casamento não era de Deus. Ora, esse homem desconsiderou completamente os vários ensinamentos de Jesus que dizem o contrário. Quer viver de forma devassa, amontoando posses e riquezas, e chamar isso de "estar sendo abençoado por Deus"? Há muita literatura disponível para respaldar isto.

A coisa mais perigosa do coração humano é que nós queremos inverter os papéis, assumindo a iniciativa no lugar de Deus e fazendo dele um mero servidor de nossos pedidos. Nós nos tornamos senhores e fazemos de Deus um mendigo. Nós olhamos para ele da mesma maneira que alguns infelizmente olham para uma comunidade de pessoas sem-teto: com desprezo, à disposição dos nossos caprichos, e dependente de nossa atenção. Nós tomamos a iniciativa e Deus responde. Mas na Bíblia é exatamente o contrário.

Jesus é Senhor; nós não.

Jesus é Rei; nós não.
Jesus é Salvador; nós não.

A melhor parte é que isso também é boa notícia. Somente quando clamamos a Deus humildemente para agir sobre nossas vidas, sabendo que se ele não o fizer, nós sucumbiremos, é que, na verdade, estamos num lugar seguro.

Quando se trata de sinais da bênção de Deus em nossas vidas, os pastores da prosperidade e alguns cristãos distorcem as Escrituras. Eles nos dizem que se alguma coisa não vai bem conosco, deve ser por causa de algum pecado. Se quisermos ser curados, se quisermos uma boa casa para morar, se quisermos nos ver livres das tribulações, tudo o que precisamos é de uma fé ativa. Mas se uma vida sem dificuldades é sinal da bênção de Deus, então Deus deve ter ficado bem zangado com Jesus, Paulo, Jó e muitos outros.

Crucificado?
Lançado na prisão?
Náufrago?
Enfermo?

Ou Deus os odiava, ou eles estavam cheios de pecado. O menino de 11 anos que dormia no corredor não chegava aos pés deles.

Desejando os presentes em vez do Doador

Por natureza, todos desejamos e buscamos tudo fora de Deus. Todos nós colocamos os presentes acima do Doador. Todos nós valorizamos mais a criação do que o Criador. A maioria das coisas

que nós supervalorizamos não é necessariamente má. Elas são até boas. Mas as distorções que fazemos dessas coisas são ruins. Para obter uma boa visão do motivo pela qual estamos aqui e por que tudo foi criado, nós precisamos retornar à história da Criação.

No livro de Gênesis, aprendemos que Deus criou todas as coisas: as plantas, as árvores, os pássaros, os mares, o sol, os planetas e tudo mais. E então ele criou Adão e Eva, os colocou num jardim, e disse para eles "cuidarem dele e cultivá-lo" (Gênesis 2:15). Todos os dias depois de criar alguma coisa, Deus declarava que o que havia feito era "bom". Ele não dizia que era ruim. Ele não dizia que era "mundano".

Ele dizia que era bom. Tudo era muito bom.

Isto significa que Deus criou o sexo. E ele declarou que o sexo era bom. Claro que no contexto da aliança de casamento, e nesse contexto o sexo é lindo e maravilhoso. Eu sei que alguns religiosos já detonaram o sexo, classificando-o como sujo, maligno, nojento e não recomendado para as pessoas "de Deus". No máximo, ele seria útil para a procriação, mas nunca para ser desfrutado. Eu sei que as garotas cristãs, especialmente, sofrem ao, após ouvirem a vida inteira que sexo é pecaminoso e sujo terem que, assim que se casam, ligar o botãozinho do "agora sexo é maravilhoso". Isso não é chocante? É como se o sexo fosse uma invenção nossa. Mas o sexo é invenção de Deus. Não fomos nós que o criamos. Deus não colocou Adão e Eva nus em um jardim e horas depois voltou gritando para Adão sair de cima de sua mulher e se vestir.

É importante entender plenamente que o sexo, assim como outras expressões humanas, como a política, as vocações profissionais, a arte, a música e o prazer, não são maus. Afinal, Deus disse que eram bons! Mas essas coisas não nos definem, não são sinais da bênção de Deus, podem ser facilmente distorcidas. Ver conquistas materiais como uma evidência do amor de Deus não é

novidade, embora tenha se enraizado com muita força no solo americano nos últimos tempos. Contudo, não devemos bater nisso com muita força, pois acabaremos do lado oposto da fronteira, fazendo a mesma coisa, só que vestidos com roupas diferentes.

Está rolando por aí uma estranha tendência no cristianismo clássico que parece convencionar que se uma pessoa não é pobre, se não reparte tudo que tem, então não é um bom cristão. O problema então continua o mesmo. Esses cristãos também estão atrelando o seu valor diante de Deus pelas atitudes e comportamento externos. Isto não é bom nem útil. Tudo pertence a Deus. Nós somos mordomos que recebemos por empréstimo alguns dons e talentos da parte dele, e devemos usar esses dons para edificar o Seu reino e não o nosso. Para alguns ele dá mais do que para outros, mas não podemos nos mensurar pelo que temos ou pelo que não temos. Só podemos nos mensurar pelo fato de amarmos e conhecermos a Jesus.

Criados para ele

Eu ainda me lembro do meu primeiro beijo em Alyssa. Foi exatamente o esperado: totalmente sem jeito, desconfortável — e inesquecível. Pode acreditar que eu dei soquinhos no ar de tanta felicidade depois que nos despedimos. Eu ainda me lembro também da primeira vez que andamos de mãos dadas, da primeira vez que nos abraçamos, da primeira vez que dissemos "Eu te amo". Você pode me chamar de sentimental, ou talvez seja porque eu me lembro de muitas coisas, mas o fato é que tudo isso foi incrível e significativo para mim. A parte gostosa de sermos casados é que eu vou poder beijá-la e segurar suas mãos sempre que quiser pelo resto da minha vida. Essas coisas são grandes benefícios de estarmos juntos. Mas o ponto é esse: elas não são a *essência* de estarmos juntos.

Eu acho que, como cristãos, muitas vezes nós confundimos benefícios com essência. Nós valorizamos mais os *benefícios* de um relacionamento do que sua essência. Essa inversão de prioridades é terrível, porque somente quando se busca um relacionamento na perspectiva certa é possível desfrutar plenamente de seus benefícios. Quando o foco está nos benefícios, eles nunca parecem nos satisfazer, e acabamos perdendo o sentido da coisa. Eu gosto muito da maneira como o escritor C. S. Lewis focaliza a questão: "Coloque as coisas prioritárias na frente e as coisas secundárias irão se harmonizar. Coloque as coisas secundárias na frente e perderá tanto a primeira quanto a segunda. Nós nunca desfrutaremos na sua plenitude, até mesmo do prazer sensual de um alimento, se formos pessoas dominadas pela cobiça."[14]

Às vezes, o jogo da vida é como uma propaganda enganosa: alguma coisa nos seduz, nós mordemos a isca, mas vemos que não nos satisfaz. E aí, pensamos: "O que aconteceu? Disseram que a satisfação era garantida!" O problema é que nada pode se sustentar por si mesmo. Tudo se autoextermina no momento em que concentra o foco em si próprio.

Coma só pelo prazer de comer, e isso nunca lhe satisfará.

Alimente-se tendo em vista a nutrição, dê graças a Deus por criar os alimentos, e estranhamente você se sentirá satisfeito.

Será que sou o único a ficar preso nesse ciclo por centenas ou até milhares de vezes? Nós sofremos um curto-circuito sempre que procuramos os benefícios e não a essência, porque essa é a maneira de Deus nos chamar a atenção e de nos mostra que só ele é a satisfação verdadeira. Deus quer que o busquemos em primeiro lugar.

É por isso que a religião que vomita um evangelho falso e transforma Deus em Papai Noel é tão danosa. Ela coloca as coisas secundárias em primeiro lugar, o que é apenas uma outra maneira

de se definir *idolatria*. Quando nos concentramos em Deus, podemos verdadeiramente desfrutar de seus presentes de uma maneira significativa. Mas quando colocamos o foco em ganhar presentes, eles se tornam motivo de angústia e não de genuína alegria.

Não seria estranho se um pai desse um belo presente de Natal para seu filho e logo depois de abrir, o garoto corresse para o quarto, trancasse a porta, e só saísse lá de dentro depois de vários dias porque estava muito ocupado com o brinquedo? O menino não apenas enjoaria rápido do brinquedo como também desapontaria seu pai por nem sequer ter dito um "obrigado". Presentes implicam numa resposta de gratidão para com a pessoa que deu. E não pode ser diferente com Deus. Quando o filho ou a filha recebe um presente, como exatamente isso, um presente, agradece ao seu Pai e o aproveita ao máximo porque não é um escravo do presente. Mas se o filho ou a filha se agarra ao presente e desaparece da presença do Pai, ele fica entristecido e decepcionado. Porque quem recebeu está colocando uma expectativa naquele presente que não poderá ser sustentada.

Então, o que você busca afinal: os presentes ou a essência? Bênçãos ou intimidade? Voltemos ao meu relacionamento com Alyssa. Se a principal razão de eu ter casado com ela fossem os benefícios físicos, então, quando eles não estivessem lá, ou ficassem indisponíveis, eu me enfureceria, ficaria infeliz ou arrumaria as malas e iria embora. Se um de nós dois fica gripado, por exemplo, não é prudente ter contato físico até que a doença desapareça. Esses períodos de gripe sinalizam porque eu realmente me casei com ela. Se eu ficar inquieto além do normal por não poder tocá-la, isso demonstra que a motivação principal do nosso relacionamento são os benefícios e não a Alyssa. Mas, se eu me casei apenas para estar com ela, para conviver com sua essência e não para desfrutar dos benefícios do relacionamento, mesmo que ela esteja doente, ou sofra um acidente que mude sua aparência física ou fique paralitica, eu

serei feliz, pois continuarei a tê-la sempre. Ao apostar todas as fichas do nosso relacionamento na essência de quem Alyssa é de verdade, em vez de naquilo que ela pode me dar, eu estou firmado numa terra bem mais consistente. O que Alyssa tem para me dar pode desaparecer ou mudar rapidamente, mas a pessoa que ela é só a morte pode extinguir.

É assim que funciona com Deus. Quando entendemos que ele é o nosso objetivo supremo, encontramos uma alegria e um poder que começa a se parecer com o cristianismo do Novo Testamento. Se, entretanto, depositarmos a nossa esperança, fé e valorização naquilo que Deus dá, o que acontecerá quando essas coisas se extinguirem ou nos deixarem? É quando as pessoas dizem, "Eu tentei crer em Deus, mas não deu certo para mim." Geralmente, a verdade é que eles tentaram *usar* Deus e não deu certo para eles. Até mesmo os dons mais belos como perdão, consciência limpa, alegria de viver e adoção na família de Deus são benefícios de *ser* um cristão, mas não o objetivo supremo.

Todos esses benefícios existem para abrir a possibilidade de vivermos numa intimidade sólida com o nosso Criador pelo resto da eternidade. Sua face, e somente ela, deve ser a razão de nossas vidas. Se não for, significa que estamos adorando alguma outra coisa que não Ele, e mais cedo ou mais tarde este ídolo será tirado de nós por uma provação, circunstância ou morte.

No Novo Testamento, o apóstolo Pedro disse: "Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus" (1Pedro 3:18). Ele diz que Jesus sofreu e trocou de lugar conosco para levar-nos a Deus. Pedro não diz que é para nos conduzir a um carro zero. Ele não diz que é para nos dar saúde e riqueza. Ele não diz que é para dar-nos bênçãos materiais. Ele diz que Jesus morreu para conduzir-nos a *ele mesmo*. Não é maravilhoso? Nós fomos criados para Deus!

Santo Agostinho chegou à mesma descoberta nesta oração bem conhecida: "Tu nos fizestes pra ti, e nossos corações estarão inquietos até descansarem em ti."[15]

Não é mesmo impressionante que Deus nos dê a si mesmo? O infinito, glorioso, espetacular e totalmente amável Deus do universo é todo nosso. Nós podemos esgotar o dinheiro, podemos esgotar o sexo, podemos esgotar nosso trabalho, mas não podemos esgotar Deus. Ele nos dá a única coisa que nunca se acaba, que nunca ficará velha e que nunca falhará: ele mesmo!

Além disso, Deus deixa claro na Bíblia que ele é a única coisa que não pode ser tomada de nós.

Meu emprego pode ser tomado.
Minha saúde pode ser tomada.
Minha habilidade para digitar e escrever pode ser tomada.
Porém, a minha identidade como filho de Deus nunca pode ser tomada.

Alegria apesar das circunstâncias Contato que tenhamos a presença de um Deus infinito e amoroso, nós podemos tudo, mesmo se nosso mundo estiver caótico. É este poder que parece estranho para os outros. Um incrédulo não se impressiona quando louvamos a Deus por um novo carro, mas ele é tocado quando algum cristão é despejado de sua casa e ainda assim agradece a Deus. Alegrar-se no Senhor não por causa das circunstâncias, mas apesar das circunstâncias é o que faz Deus parecer grande — e é uma alegria verdadeira que vem de dentro.

O que mais me incomoda sobre o cristianismo do tipo "Papai Noel" é que ele escarnece de alguns dos mais poderosos testemunhos da graça de Deus. Posso citar uma história da igreja perseguida que me faz chorar sempre que a escuto. Em seu livro *The Insanity of God* [A insanidade de Deus], Nik Ripken conta muitas

histórias de cristãos que enfrentam provações e tribulações por causa da perseguição. Alguns são executados, outros torturados, e alguns espancados. De alguma forma, esses cristãos ainda se mostram fortes — e na maioria dos casos, a fé deles até aumenta! Deus é mais glorificado em nossas vidas quando lhe mostramos estar cada vez mais firmes independentemente do que aparecer em nosso caminho.

A história a que me referi, e que mostra isso tão maravilhosamente, é sobre um homem chamado Dmitri, que se entregou ao amor de Jesus durante o período comunista na Rússia. Pouco depois de se tornar um seguidor de Jesus, ele abriu sua casa para pessoas ouvirem o evangelho, cantarem louvores e estudarem a Bíblia. Logo, muita gente começou a aparecer. Foram tantas pessoas que o governo acabou sabendo, e Dmitri foi exonerado de seu emprego público. Mesmo assim, ele continuou a pregar e a ler a Bíblia para os que o procuravam em sua casa. E é aí que a história fica realmente interessante.

Certa noite, quando estava pregando em sua casa, alguns policiais apareceram. Um deles agarrou Dmitri, encheu-lhe de tapas e disse: "Nós já lhe alertamos e vamos lhe avisar pela última vez! Se você não parar com essa maluquice, apanhar vai ser o mínimo que vai lhe acontecer." E Nik Ripkin escreve: "O policial que esbofeteara e ameaçara Dmitri já se preparava para sair quando uma vovozinha que participava do culto se levantou e balançou o dedo na cara do agressor. Emanando uma autoridade digna dos profetas do Antigo Testamento, ela disparou: 'Você colocou suas mãos em um homem de Deus e não irá sobreviver!"[16]

Eu queria que aquela senhora fosse minha avó — ou minha segurança particular. Uma coisa eu sei com certeza: não se pisa na bola impunemente com uma vovozinha cheia de amor por Jesus. E ela estava absolutamente certa! Apenas dois dias depois aquele

policial morreu de um ataque cardíaco. Na reunião seguinte, compareceram 150 pessoas, e por causa disso, Dmitri passou 17 anos na cadeia.

Ele foi arrancado de sua família, de seus filhos e de seus seguidores. Enfrentou torturas, humilhações e espancamentos. Ele era o único crente entre 1.500 prisioneiros de alta periculosidade. Dmitri reparou que o afastamento do corpo de Cristo era, na verdade, mais doloroso do que a tortura física que ele enfrentou na prisão. Os guardas pareciam não conseguir quebrá-lo. Todos os dias, ao longo dos 17 anos, ele acordava, ficava de pé, levantava suas mão em louvor a Deus e cantava uma canção para Jesus. A mesma canção todos os dias. Enquanto ele louvava, os demais prisioneiros riam, o xingavam e às vezes até lançavam fezes sobre ele na tentativa de calá-lo.

Sempre que Dmitri achava um pedaço de papel, ele levava para dentro de sua cela. Neles, escrevia quantos versículos da Bíblia pudesse se lembrar, e quando a folha estivesse cheia ele a pregava numa pilastra de concreto no canto da cela. Ele chamava isso de "ofertas de louvor" a Deus. Sempre que os guardas viam aquilo, arrancavam os papéis e o espancavam brutalmente. Ainda assim, ele não desistia. Durante 17 anos, ele nunca desistiu.

Em determinado momento, quando os guardas já haviam se cansado e viram que não conseguiriam impedir aquele prisioneiro, eles decidiram executá-lo. Quando estava sendo levado para o paredão da morte, os 1.500 presos começaram a cantar a mesma canção que eles ouviam Dmitri cantar todas as manhãs, e levantaram suas mãos para Jesus.

Os carrascos de Dmitri imediatamente o largaram e se afastaram dele com expressão de terror.

Um deles teve forças para perguntar, "Quem é você?" Dmitri enrijeceu os músculos das costas e se posicionou da forma mais ereta e orgulhosa que

pôde.

Ele respondeu: “Sou um filho do Deus Vivo, e Jesus é o seu nome!”[17]

Dmitri foi libertado pouco depois desse episódio e retornou à sua família. Que história magnífica de fé verdadeira, dor, provação e glorificação de Jesus em qualquer circunstância! Mas o que proporcionou tamanho poder a Dmitri? Pergunte a si mesmo: o que o sustentou em circunstâncias tão adversas? Será que alguém disse a ele para não beber cerveja ou não fazer tatuagens? Será que se ele se mantivesse em fé dentro da prisão Deus o recompensaria em dinheiro? É claro que não. O que tornou Dmitri tão poderoso é que ele via a presença de Deus como a sua recompensa.

Mesmo na prisão.

Mesmo quando os camaradas prisioneiros atiravam fezes nele.

Mesmo enquanto estava sendo torturado.

Dmitri sabia que ele havia criado para manter intimidade com seu Criador, e com isso ele pôde enfrentar todas as adversidades. O que nos leva a concluir que:

Jesus não nos promete *sucesso* terreno; nos promete *ele mesmo*.

Jesus não nos promete *riquezas* ; promete uma vida abundante *nele*.

Jesus não nos promete *vida fácil*; ele promete estar *conosco*.

Antes de me tornar cristão, eu tinha dificuldade de assimilar que o amor de Deus não é medido pelas situações terrenas. Eu me identificava completamente com as pessoas que diziam: “Se Deus não puder me dar bênçãos terrenas, porque irei segui-lo?” A minha convicção, hoje, como cristão, é que Deus vale a pena. Todos nós desejamos ser valorizados, amados, e reconhecidos por aquilo que

verdadeiramente somos. A maior parte das metas tangíveis ou sociais, tais como dinheiro, poder e relacionamentos parecem estar um passo à frente de nós. Uma vez conquistadas, porém, essas coisas nunca trazem o sentimento de autovalorização que espera-se obter delas. Não somos nada além de escravos da próxima meta. Podemos até escolher que tipo de senhor queremos servir, mas seremos escravos mesmo assim.

Uma coisa garantida sobre Jesus é que ele nos dá segurança. Podemos estar doentes, podemos estar saudáveis, podemos ser ricos ou pobres — se temos Jesus no coração, temos descanso. Um dos meus versículos favoritos do Novo Testamento está na carta aos efésios: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo" (Efésios 1:3).

O apóstolo Paulo nos lembra que não temos necessidade de todas as bênçãos físicas, porque já temos todas as bênçãos espirituais. Não precisamos de segurança financeira, porque temos segurança espiritual. Não precisamos de saúde física, porque temos saúde espiritual. E a melhor parte, Paulo diz, é que estas bênçãos estão nas regiões celestiais.

Quando era mais novo, eu era um verdadeiro pivete, e roubava até os meus próprios amigos. Imediatamente depois de roubar alguma coisa, eu a escondia em casa, dentro de uma gaveta. Quando os amigos de quem eu roubava me encontravam no dia seguinte, eles queriam tirar satisfação e começavam a me revistar, mas eu sempre dava risada porque o que eu tinha roubado deles nunca estava comigo. Estava escondido lá em casa num lugar onde ninguém poderia achar.

A nossa segurança em Jesus também é assim, exceto pelo fato de que não precisamos roubá-la, pois nos é dada de graça. Nossas bênçãos e segurança estão nas regiões celestiais onde ninguém

pode tocar ou macular. Elas estão junto ao Deus Todo-Poderoso e bem longe do pecado e da morte.

Portanto, quando a morte, o pecado, a tribulação ou o sofrimento vierem, nós poderemos sorrir, porque nossas vidas estão escondidas com Cristo em Deus (ver Colossenses 3:3-4). Não é aqui na terra, mas já foi conseguida e dada. Ache uma pessoa que creia realmente nisso e você achará alguém que não pode ser tocado. Ela pode até ser machucada, maltratada e ferida pela vida, mas nada pode prevalecer sobre esta pessoa porque sua vida verdadeira não está mais aqui.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Fale sobre um momento da sua vida em que você enxergava Deus com um Papai Noel.

2. Explique a diferença entre riqueza espiritual e riqueza financeira. Qual delas é mais natural de se reconhecer quando você pensa na bênção de Deus sobre a sua vida? Por quê?

3. Jeff escreve que, às vezes, nós confundimos a essência de alguma coisa com os benefícios dela. Isto já lhe aconteceu na caminhada cristã? Para você, qual é a essência de seguir a Jesus?

4. Como você vê a ideia de que Deus não pode ser esgotado e que Ele é a única coisa na sua vida que nunca se extinguirá?

5. "Jesus não nos promete uma vida fácil, mas promete que estará conosco." Como você reage a isso?

6. Você está disposto(a) a seguir Jesus mesmo que isto signifique não alcançar o sucesso da maneira como ele é entendido no

mundo de hoje? Por quê?

CAPÍTULO 7

NA RELIGIÃO, SE ALGUÉM SOFRE É PUNIÇÃO DE DEUS. MAS DEUS JÁ PUNIU JESUS EM NOSSO LUGAR; PORTANTO O SOFRIMENTO É SUA MISERICÓRDIA

Ao fim do meu primeiro ano de faculdade, voltei para casa após passar um ano em San Diego. Eu havia começado a seguir Jesus há pouco tempo e queria um recomeço, menos distrações e mais beisebol. Eu pensei que voltar para casa seria um período de crescimento e vitória enorme, mas as coisas não saíram como planejado. Foi um dos anos mais difíceis de minha vida. O pecado estava me dominando, eu parecia não mudar e meu mundo desabou quando minha namorada terminou comigo.

Certo dia, no outono daquele ano, eu estava deitado na cama completamente esgotado. A minha exaustão não era por conta de um esforço físico; eu estava emocionalmente exausto. Você já se sentiu assim? É tão estranho... quando o sofrimento emocional é forte, a gente sente fisicamente. Eu não conseguia dormir há algumas semanas, e o curioso é que a única coisa que eu queria fazer *era* dormir. O sono era o único momento em que eu não me sentia deprimido ou sobrecarregado. Era o único momento em que a dor desaparecia. Então, já era quase a hora do almoço quando a aula terminou e eu desabei na cama. Foi então que tudo transbordou sobre mim. Foi nesse momento que eu tive um

pensamento assustador, mas muito claro: o caminho mais fácil para eliminar essa dor é acabar com a minha vida.

"Hã? É serio que eu acabei de pensar isso?" Eu achava que só pessoas super-deprimidas tivessem esses pensamentos suicidas. Logo caí em mim, chocado por ter pensado naquilo. O mais chocante era como a ideia era atraente. Era um sussurro que prometia me dar algo que jamais poderia — a paz.

Durante as semanas seguintes, esse pensamento voltou a me assombrar. Normalmente eu me contentava em dormir, mas a necessidade de fugir daquele sofrimento estava se tornando insuportável. Como um fim de namoro poderia ser sério o suficiente para me deixar tão mal? Como é que eu não conseguia superar isso? Por que parecia que meu mundo estava acabando? Por que eu não conseguia enfrentar essa dor de frente? Por que eu me importava com o que os outros iriam pensar? A ferida estava muito sensível e muito vulnerável para ser exposta.

Eu não sabia na época, mas agora consigo ver que eu fiz daquele relacionamento um ídolo na minha vida. Era o meu deus funcional.

Eu não apenas gostava da minha namorada; eu a *adorava*.

Ela não era só minha namorada; ela era meu *deus*.

Meu valor, minha identidade e minha satisfação estavam todos atrelados a ela, e quando eu perdi o controle da situação e o controle sobre ela, senti como se meu deus tivesse sido tirado de mim. Essa é a verdade sobre qualquer ídolo: ele abala nossas estruturas quando nos abandona. Quando perdemos uma coisa boa, ficamos tristes. Mas quando perdemos algo fundamental, sentimos como se não conseguíssemos mais viver.

E foi isso que aconteceu comigo. Pelos meses seguintes, eu passei a odiar a vida. Não via razão para viver e somente seguia a maré, enquanto tentava botar um sorriso no rosto. E no meio disso tudo eu tinha começado a me relacionar mais profundamente com Jesus havia poucos meses, voltando a ler a Bíblia e a orar.

Nessa época, um dia pela manhã, me lembro que estava lendo a Palavra e, de repente, explodi. Peguei a Bíblia, atirei contra a parede e gritei: "Isso aqui não funciona! Se você é tão amável e bom, Deus, porque a minha vida é essa droga? Eu tenho me comportado e tenho obedecido. E mesmo assim, as coisas só pioraram desde que comecei a seguir você!"

O que aconteceu em seguida me deixou chocado, e ainda é difícil para mim descrever. Embora não fosse audível, alguma coisa fora de mim falou algo que eu jamais imaginaria: "Agora que você resolveu ser honesto, podemos finalmente chegar em algum lugar."

Apesar de tudo, meu coração ainda estava muito ocupado se afundando no orgulho. "Como Deus ousa me retribuir dessa maneira? Como ele ousa deixar tantas coisas ruins acontecerem comigo? Eu fui bom. Ele me deve!" Lá estava eu amaldiçoando Deus com as mesmas cordas vocais que Ele havia me dado. Até o fato de eu estar respirando naquele momento era Sua graça sobre mim. E foi um golpe mais duro ainda quando comecei a ver pessoas aparentemente ímpias e perceber como suas vidas eram ótimas. Imediatamente decidi correr para Deus com minha queixa: "Deus, por que eles têm vidas tão bacanas se eles nem servem a ti? Isso não é justo!"

De novo ouvi aquela voz inaudível: "Se fosse para ser justo, você estaria no inferno."

Ai!

No entanto, era verdade. Nenhum de nós merece a vida. Ela é uma dádiva. Se quiséssemos justiça verdadeira, nenhum de nós estaria aqui. Isso coloca uma nova perspectiva sobre a vida quando percebemos que até a capacidade de levantarmos da cama de manhã é uma extensão maravilhosa da graça do nosso Criador. Ser grato é o caminho mais rápido para a alegria. Ele não nos deve *nada,* e, no entanto, nos dá *tudo*.

Onde Deus está quando dói?

Mais cedo ou mais tarde a vida acaba te pegando. E te pega de jeito. Sua mãe pode ter um câncer, você pode não passar para a faculdade que gostaria, e a mulher ou o homem da sua vida te abandonam. É nesses momentos que todos nós nos perguntamos: "Onde Deus está? Onde está o Deus amoroso no meio dessa dor?"

Essa questão continuava a me assombrar. Como é que todos aqueles pastores que ouvi durante a vida toda diziam que se eu conhecesse Jesus, minha vida ficaria melhor? Chega de dor. Chega de sofrimento. Para mim, se é que era possível, as coisas pioraram. Meus fracassos começaram a me perseguir, eu não conseguia parar de fazer o que sabia que estava errado, me sentia culpado o tempo todo, e os relacionamentos e as circunstâncias da minha vida estavam desmoronando. Tantas coisas ruins no melhor momento da minha vida.

Eu estava só começando a ter um lampejo da redenção de Deus em meio ao sofrimento. Neste mundo a dor é inevitável, e às vezes é uma das únicas coisas que podem nos fazer crescer.

Quando viajo, adoro ouvir todos os estereótipos sobre a cidade de Seattle, onde cursava a universidade: "Lá todo mundo toma café o dia inteiro e veste camisa de flanela?" Não, nem todo mundo. Só deixamos as crianças tomarem café a partir dos cinco anos.

"Todo mundo é *hippie* em Seattle?" Existem pelo menos duas pessoas no meu quarteirão que não são hippies.

E a que eu ouvia com mais frequência era: "Lá não chove o ano inteiro?" A resposta é não, seus ignorantes . Nem perto disso. Só chove dez meses no ano.

Também ouvi: "Lá é muito bonito! Tem muito verde." Essa é realmente verdade. Não existe outro lugar na Terra que eu gostaria

mais de estar no verão do que em Seattle. As montanhas, as árvores, os lagos, os rios — são mesmo incríveis. A temperatura média varia entre 20 e 27 graus e sopra uma brisa fresca, então você pode ficar ao ar livre sem morrer de insolação.

Toda vez que eu viajo para o sul dos Estados Unidos em julho ou agosto, meses de verão, sinto como se o próprio Satanás estivesse soprando nas minhas costas no minuto em que desembarco do avião. Ficar a ponto de desmaiar de calor não é o meu verão ideal.

Seattle é um lugar bonito de verdade. Mas essa beleza tem um custo. O que a deixa tão verde? O que a faz tão fresca? O que faz de sua folhagem tão vasta e frutífera?

A resposta é: a chuva.

Seattle não seria Seattle sem a chuva. Os meses em que mais chove alimentam os meses mais incríveis. Sem a chuva não há beleza no verão. A chuva dá profundidade, beleza e raízes. Se uma planta for apenas exposta ao sol e a nenhuma chuva, ela ficará seca, frágil e morrerá.

Muitas vezes maldizemos a chuva em nossas vidas — sofrimentos, provações, obstáculos —, mas a verdade é que nada cresce sem a chuva. Sem ela não há fruto — somente folhas secas, sujas e lascadas. Algumas vezes o sofrimento é, na verdade, uma benção de Deus, e não uma maldição. As Escrituras deixam claro que o sofrimento não é a fonte do mal, nem tampouco seu causador, mas é algo que Deus pode usar para nos beneficiar (ver Gênesis 50:20).

A história de José é um dos exemplos mais famosos. Ele foi vendido como escravo para o Egito por seus irmãos. Ele foi então privilegiado pelas autoridades egípcias e no curso dos anos galgou posições até se tornar o segundo homem mais poderoso depois do faraó. Por causa disso, quando a fome assolou o Egito, José foi o único que pôde ajudar. Quando seus irmãos foram ao Egito para

comprar trigo, José não só os mandou de volta com abundância de alimento, como também devolveu o dinheiro deles na bagagem.

José ter sido vendido como escravo foi horrível.

José ter sido jogado numa prisão por coisas que não havia feito foi horrível.

Mas Deus usou isso.

O sofrimento nunca é de Deus, mas ele pode redimi-lo. Que melhor exemplo pode haver do que o assassinato e a crucificação do seu próprio Filho? A intenção do mundo era má e Jesus era visto como um fracassado, mas Deus reverteu isso em bem e derrotou as forças do mal naquele momento. Ele consegue ver todo o cenário.

Nós sabemos o que queremos; mas Deus sabe do que precisamos.

Ele nos provê até mesmo quando pensamos que ele está nos tirando. E quando ele faz isso, está nos dando uma nova forma e nos moldando maravilhosamente conforme a imagem de seu Filho. Se tudo fosse legal o tempo todo na vida, nós não teríamos um autêntico crescimento. Quando os tempos são difíceis, quando estamos machucados e ficamos revoltados com isso, na verdade eles estão prenunciando uma temporada de sol e de vida.

Apenas aguarde.

Vai chegar.

Quando passo por um período especialmente ruim, eu leio essa citação da autora Elisabeth Kübler-Ross sem parar, pra me dar esperanças: "As pessoas mais bonitas que conhecemos são aquelas que têm enfrentado derrotas, conhecido o sofrimento, a luta, a perda e encontraram um caminho pra sair do abismo. Essas pessoas têm um reconhecimento, uma sensibilidade e uma compreensão da vida que as enche de compaixão, bondade e uma preocupação amorosa. Pessoas bonitas não acontecem por acaso."[18]

Eu adoro isso: "Pessoas bonitas não acontecem por acaso."

Preciso ser cuidadoso aqui, no entanto. Se uma garota é estuprada, ela não deveria agradecer a Deus por isso. Uma mulher que perdeu o marido num acidente de carro não pode se sentir feliz. Às vezes a vida faz a gente sofrer. Profundamente. Às vezes não tem explicação.

E aí o que nós fazemos então? O que fazer quando a única coisa que você quer é gritar para Deus e dizer a ele como tudo isso é horrível? Temos que fazer exatamente isso.

Chorar.

Berrar.

Gritar.

Ser sincero.

Ser transparente.

E baixar a guarda.

Nos primeiros 19 anos da minha vida, eu queria que Deus me desse uma resposta, mas agora descobri que é melhor quando eu *o* compreendo. Uma resposta não vai trazer aquele marido de volta. Uma resposta não vai aliviar aquela dor. O que fará isso é a graça de Deus no íntimo das nossas almas. Como cristãos, Deus não nos promete uma vida fácil, mas ele promete estar conosco em qualquer situação. Ele nunca nos deixará ou nos abandonará (ver Hebreus 13:5).

Eu não sou teólogo. Não posso justificar o mal e o sofrimento e não posso dar uma fórmula mágica que explique porque coisas ruins acontecem. Mas, vamos ser sinceros, é de uma resposta mesmo de que precisamos? Se alguém respondesse legitimamente sua dúvida sobre o porquê de haver o mal e o sofrimento, você ficaria totalmente satisfeito? Eu pensava que se pelo menos tivesse a resposta certa, eu ficaria conformado. Mas eu percebi que uma resposta correta não alivia a dor.

O que realmente queremos é a cura.
O que realmente queremos é a intimidade.
O que realmente queremos é não nos sentirmos sós nos momentos difíceis.

E Jesus responde a essas questões. Ele sabe como é a vida. Ele não fica flanando lá no céu, dizendo para sermos bons e justos, sem nos estender a mão. Jesus não nos faz ir até ele; ele vem até nós. Ele andou sobre a mesma terra que nós andamos. Ele teve que lidar com as mesmas coisas que nós lidamos — passou fome, teve problemas de relacionamento, sofreu a morte e a traição de amigos.

Quem poderia compreender melhor o quanto esse mundo é hostil do que o Filho de Deus, que não só passou por tudo isso como deixou seus próprios habitantes matá-lo?

Deus não está castigando você

Pelo fato de eu ficar acessível a todos por meio do YouTube, de e-mail, Facebook e outras redes sociais, as pessoas frequentemente me enviam mensagens contando alguma situação que estão passando. Já recebi vários e-mails de pessoas me relatando sobre abuso sexual. Não consigo nem descrever a tristeza que sinto quando leio essas histórias. Esse assunto é um dos mais difíceis de se lidar. Uma das mensagens era de uma mulher que havia sido estuprada por vários homens enquanto servia o exército. No e-mail, ela dizia que só havia contado isso para sua mãe, e aparentemente, quando ela contou para a mãe, esta lhe respondeu: "Quando você não está bem com Deus, coisas ruins acontecem."

Dizer que eu fiquei indignado quando li o que a mãe dela havia dito é pouco.

Aquilo é pura maldade e não ajuda em nada. Deus não se alegra no sofrimento.

Usei esse exemplo porque sei que ela não foi a única a passar por isso e a receber uma resposta semelhante. Quer seja pela TV, pelos pais ou pelos nossos pensamentos, quando coisas ruins nos acontecem, às vezes pensamos que Deus está nos punindo, que ele deve nos odiar ou que não se interessa por nós.

Mais uma vez eu repito: quando sofremos, não é Deus que está nos castigando. Tenho absoluta certeza disso porque Deus já nos assegurou que toda nossa punição foi colocada sobre Jesus. De fato, séculos antes de Jesus vir à Terra, Deus prometeu que ele tomaria o nosso fardo sobre si mesmo. No Antigo Testamento, o profeta Isaías disse:

> Foi desprezado e rejeitado pelos homens; um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento; Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.
>
> Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido.
>
> Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.
>
> Isaías 53:3-5

Jesus foi rejeitado.
Ele conheceu o sofrimento.
Ele foi desprezado.

O Deus do universo escolheu voluntariamente esse caminho de maneira definitiva para que nós não tivéssemos que enfrentá-lo. Ele trilhou o caminho do sofrimento eterno para que nós não

tivéssemos que fazê-lo. Além disso, ele se identificou conosco no sofrimento físico. É possível ver isso pela Bíblia toda! Na cultura hebraica, Deus está sempre dando atenção especial aos pobres, aos oprimidos e humilhados. Ele diz que é "Pai para os órfãos e defensor das viúvas" (Salmos 68:5).

Na sua Palavra, Deus deixa muito claro que quando um de seus povos sofre, ele sofre. Quando um de seus povos sente dor, ele também sente dor. Quando um de seus povos é afligido, ele também é afligido. Deus está tão ligado a seus povos que se qualquer coisa acontecer contra eles, é como se acontecesse com o próprio Deus. Nós não estamos sós.

Ele volta a dizer nos Salmos que ele "cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas" (147:36). Apesar de não sermos capazes de explicar por que coisas ruins acontecem ou de conhecermos a razão dos sofrimentos, sabemos qual não é a razão:

Não é porque ele não nos ama.
Não é porque ele não se importa.
Não é porque não somos percebidos.

Deus não nos dá uma resposta pronta e agradável para o motivo de o sofrimento e o mal existirem, mas ele nos mostra de maneira explícita e flagrante qual não é a razão deles existirem. Sabendo o que Jesus fez na cruz, seu amor é muito poderoso e muito óbvio para dizermos que ele não se importa. Um Deus que odeia o sofrimento e o mal tanto quanto nós estava disposto a se submeter a isso para que nós fôssemos reconciliados.

Ele se envolveu com nossa desordem.
Ele se envolveu com nossa aflição.
Ele se envolveu com nossa dor.

E ainda hoje ele sabe qual é a sensação.

Como cristãos, o exemplo que Jesus nos deixou deve servir para ajudarmos as pessoas que estão sofrendo. Se vivermos bastante, iremos nos deparar com o mal terrível que esse mundo é capaz de impor às pessoas. Luto. Vergonha. Morte. Sofrimento. Dor. Tudo isso está ao nosso redor todos os dias. Não podemos evitar. Este é o mundo em que vivemos.

Quando as pessoas vêm até nós no meio da sua dor, como temos a petulância de citar alguns versículos bíblicos como se eles por si só fossem ajudá-las? Como ousamos pensar que podemos iludi-las? Como ousamos espiritualizar tudo ou ser como aquela mãe que insinuou para a própria filha que o estupro era culpa dela?

Não foi isso que Jesus fez.

Ele arregaçou as mangas e se envolveu.
Ele deu ouvidos.
Ele sofreu lado a lado conosco.
Ele se aproximou.

Ele nos sussurra esperança e promessas quando estamos no meio da dor. Seria útil se começássemos a fazer o mesmo. Quando estou sofrendo, uma das coisas que mais me encorajam é ter meus amigos e minha família à minha volta. A simples presença deles — sem dizer nada, apenas sentados lá comigo — na verdade me diz tudo. Esse é um lugar ao qual precisamos chegar porque é aí que Jesus está. Ele se envolve intimamente com nosso sofrimento. Ele se identifica.

Assim como eu ouvi, certa vez, um pastor dizer belamente: "A cruz é a maneira de Deus dizer 'Eu também'."[19]

Portanto, vamos continuar dizendo para nós mesmos e para o próximo: o que precisamos é ajudar-nos quando estivermos no

fundo do poço. Seja uma injustiça absurda ou o próprio mal, continue garantindo às vítimas de que aquilo não é culpa delas. E se você não puder explicar ou entender o porquê, nem tente. O importante é estar presente, ser gentil, baixar a guarda, se envolver naquilo e deixar a graça de Deus falar. Porque a verdade é que, não importa o quão profunda seja a ferida, sempre haverá esperança. Deus não nos abandonou à própria sorte.

Uma esperança ancorada Quando se trata de sofrimento, os cristãos têm a esperança da ressurreição sólida como uma rocha. Temos a promessa assegurada de que esta vida não é tudo o que existe. Há muito mais. No centro da mensagem cristã está um Deus que é próximo e um Deus que sopra o fôlego da ressurreição ao que está morto.

Haverá um tempo em que Deus consertará todas as coisas. Primeiro, ele se vingará do mal. Depois, ele irá restaurar, redimir e ressuscitar tudo. Então, se algo ruim aconteceu com você, se você experimentou alguma injustiça, nunca se esqueça de que Deus vê todas as coisas e é um Deus de justiça. Todo pecado ou foi pago por Jesus na cruz ou será pago por aquele que não creu nele no fim dos tempos. Como o apóstolo Paulo nos faz lembrar: "Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: Minha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor" (Romanos 12:19).

Isso significa dizer que podemos deixar a justiça com Deus.

Se a vingança é responsabilidade dele e podemos confiar que ele vai cuidar disso, então o nosso trabalho é perdoar.

Muitas vezes, quando eu tento me vingar do meu sofrimento, fico amargo em relação à pessoa ou à circunstância. O problema da amargura é que ela é como tomar um veneno achando que ele vai matar a outra pessoa — mas é a própria pessoa amarga quem morre.

Contudo, uma vez que Deus nos perdoou completamente, nós podemos mudar de atitude e perdoar também. Deus cuidará de fazer justiça.

A bela promessa de Jesus é que temos a esperança da ressurreição. A Bíblia deixa claro que esta vida não é a etapa final. Estamos em um intervalo de tempo em que o pecado foi derrotado, mas ainda podemos sentir seus efeitos. A morte não tem a última palavra, mas ainda está presente. Nós estamos no limbo, esperando pelo dia em que o céu e a terra serão unidos e transformados. E esse dia está chegando.

O escritor da carta aos hebreus nos diz que "a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos" (Hebreus 11:1). Se você crê em Jesus, tem essa esperança. Ele promete que você será totalmente vivificado. Todo mal será desfeito. Jesus virá para redimir, renovar e restaurar todas as coisas. A Bíblia fala sobre a etapa final como um "novo céu e uma nova terra" (Apocalipse 21:1). Ela não fala que anjinhos com asas e harpas estarão sentados em nuvens fofinhas. Ela diz que Deus enviará dos céus uma nova terra.

Um lugar real, sem sofrimento.

Sem morte.
Sem pecado.
Sem lágrimas.
Sem dor.
Sem angústia.

Esse é o lugar que Jesus está preparando e nós temos essa esperança. Esta vida e toda a sua bagagem pesada estão indo embora. Nós fomos feitos para algo maior. Melhor. Extraordinário.

Enquanto isso Jesus nos mandou seu Espírito Santo para nos consolar.

Para nos guiar.

Para estar conosco.

Para nos ajudar a crescer.

E nesse tempo de espera, ele promete que não nos abandonará. Nunca.

Se temos Jesus, não há porque ficarmos desesperados. As pessoas que não conhecem Jesus não têm essa esperança. Mas quando vamos a ele, ele nos dá. A vida é difícil e nos maltrata, mas já temos o sabor e o peso da esperança para aguardarmos ansiosamente por esse dia:

> Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou. Aquele que estava assentado no trono disse: 'Estou fazendo novas todas as coisas!'"
>
> Apocalipse 21:3-5

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Você enxerga sua vida — até as partes mais difíceis — como uma dádiva de Deus? Por quê?
2. Como Deus redimiu o sofrimento na sua vida e fez dos tempos de escuridão uma benção?
3. "Pessoas bonitas não acontecem por acaso." Você concorda ou discorda dessa afirmação? Por quê?

4. Jeff escreve que Deus se envolve com nossa desordem e nossa dor por causa de um amor profundo por nós. Como você enxerga essa verdade?

5. Existem pessoas que você precisa perdoar? Como você pode trabalhar na direção do perdão, e talvez da reconciliação, para evitar ser envenenado pela amargura?

6. Como você pode se tornar alguém que crê totalmente na esperança da ressurreição? Uma fé assim mudaria suas prioridades? Que outras mudanças você poderia experimentar a partir disso?

7. Conte algo novo que Deus tem feito em sua vida.

CAPÍTULO 8

A RELIGIÃO DIZ: "DEUS VAI AMÁ-LO SE..."
JESUS DIZ: "DEUS AMOU TANTO QUE..."

Eu seguia Jesus há quase um ano e já era visto como modelo de cristão pelo time de beisebol da minha faculdade. Eu não ia a festas com o pessoal do time e não falava sobre as garotas do mesmo modo que eles falavam, então eu acabava andando mais com um outro colega do time. Foi naquele ano que a verdadeira, bela e escandalosa graça de Deus me derrubou.

Claro, eu já havia começado a seguir Jesus.
Claro que eu já cumpria todas as obrigações "cristãs".
Claro que eu participava de 47 estudos bíblicos na faculdade.
Tá bem, talvez nem tantos assim.

Mas Deus não tinha desistido de seu plano de expor completamente a imundície do meu pecado e de me atordoar com a Sua graça. Quando nos tornamos cristãos, começamos a seguir Jesus; mas nos momentos em que ele anula completamente a nossa justiça própria e nos dá uma dose poderosa da sua graça verdadeira e transformadora, é que segui-lo se torna muito mais especial.

Logo que comecei a seguir Jesus, muitas de minhas tentações desapareceram inteiramente, mas havia uma que parecia não querer me deixar: a luxúria. Ainda havia coisas impuras que eu queria olhar e garotas com quem eu queria sair. Essa tentação trazia um apelo especialmente especificamente poderoso: é como se ela me chamasse pelo nome e eu não pudesse recusar. Isto acabava gerando num ciclo infinito de culpa e desespero porque, uma vez sendo cristão, eu sabia que não deveria querer aquelas coisas. Eu achava, equivocadamente, que Jesus faria aquelas tentações desaparecerem instantaneamente. A vida que eu tinha escolhido viver no passado ainda me assombrava, me perseguia e me atraia o tempo todo.

Uma noite, durante meu segundo ano de faculdade, Deus decidiu me mostrar como eu era incapaz de lutar contra o meu pecado e o quanto sua graça era poderosa para quebrá-lo. Eu estava sentado no sofá da minha sala jogando Halo 3 no videogame, mas logo fiquei entediado. Pensamentos libidinosos começaram a chamar meu nome. Eu sabia que não deveria ceder, mas ainda havia uma parte de mim que dizia: e daí? Qual o problema em se divertir um pouco? Ninguém vai saber.

Foi então que mandei um torpedo para uma garota com quem havia tido um relacionamento totalmente baseado no sexo. Ela disse que não estava fazendo nada e queria me encontrar, então fui até a casa dela já ciente, tanto quanto ela, de nossas intenções. Mesmo enquanto dirigia até lá, eu sentia uma batalha cósmica se travando na minha alma. Uma parte de mim queria muito isso, mas a outra parte sabia que havia algo melhor e tentava me convencer de que o sexo não me traria a satisfação prometida. Mas decidi seguir em frente. Em vez enxergar a garota como outra alma feita à imagem e semelhança de Deus, eu a vi como um objeto. Em vez de confiar que Deus desejava me proporcionar uma alegria mais profunda do que aquela, eu achava que sabia bem o que me faria feliz.

Eu nunca vou esquecer do que senti quando cheguei em casa. Me senti vazio, doente, sujo. Afinal, eu era um cristão. Eu sabia que não deveria ter feito aquilo. Eu não poderia mais fazer aquilo! Ainda por cima, me senti mais envergonhado porque planejei aquilo e tive muitas oportunidades de dizer não. Isso nunca tinha me acontecido antes e nunca mais aconteceu desde então. A vergonha e a culpa eram tão palpáveis que eu literalmente passei mal. Fiquei acordado até às seis da manhã vomitando, me sentindo sujo, inútil e pensando como eu tinha errado com Deus e como Ele deveria me odiar.

Eu pensava: "O que é pior? Ser cego e viver na ignorância, ou saber o que é certo e ainda assim fazer o que é errado?" Eu sabia que estava errado e fiz do mesmo jeito. Lá estava eu, mergulhado na minha própria vergonha e culpa, quando uma voz mansa e baixa sussurrou nas profundezas da minha alma:

Eu *amo* você.

Eu *desejo* estar com você.

Eu me *deleito* em você.

Eu vi que você faria isto antes de eu ir para a cruz e mesmo assim eu fui.

Foi então que eu tive um sentimento de absoluta quietude e paz. Eu não ouvia aquelas palavras com meus ouvidos, mas as sentia sussurradas até os meus ossos. Imediatamente, o alívio e a revelação de que eu não havia surpreendido Deus tomaram conta de mim. Eu não o peguei desprevenido. Quando Jesus foi à cruz, ele viu tudo o que eu serei, tudo o que farei (inclusive aquilo), e tudo o que ainda vou querer fora da sua vontade; mas ainda assim ele veio com alegria e me resgatou. Ele me olhou e disse: "Eu quero esse garoto."

Eu não poderia conquistar isto e, com certeza, não mereço isto. Mas ele me ama gratuitamente e me deu a sua graça. Não só eu não

merecia o seu amor naquele momento, mas talvez merecesse o contrário. Mas ele escolheu deixar sua beleza e seu esplendor se derramarem na minha feiura. Foi aí que me toquei: a graça de Deus não é legal ou fofinha. Ela é escandalosa.

Pela primeira vez me dei conta de como eu era inadequado. Eu percebi como era incapaz de me libertar do pecado sozinho. Eu estava me afogando naquela sujeira, sem poder sair, quando a graça veio e me alcançou. Ela não esperou do lado de fora, mas entrou na minha luta. Nós não precisamos esconder o fato de que somos errados, porque Deus não esconde o fato de que é exatamente esse o tipo de gente que ele veio salvar.

Graça escandalosa Deus não esconde o pecado. Na verdade, ele o expôs há mais de 2 mil anos num pedaço de madeira em forma de T. Jesus veio à Terra, viveu a vida perfeita que nós jamais poderíamos ter vivido e morreu como deveríamos ter morrido. E cada gota de sangue que ele derramou foi uma gota de amor caída sobre nós. Você já sentiu como se o seu pecado tivesse que ser pago?

Ele foi.
Todos os nossos pecados.
Toda a nossa imundície.
Toda a nossa culpa.
Toda a nossa vergonha.

Jesus pagou o preço em nosso lugar.

Este tipo de graça é perigosa. Olhar nos olhos de alguém e dizer "Eu te perdoo", sem impor condições e sem contrato para assinar, é perigoso. Esse tipo de graça, quando compreendida, vira a vida das

pessoas de cabeça para baixo. Este tipo de graça fez com que 12 homens comuns e iletrados virassem o mundo de cabeça para baixo há mais de 2 mil anos. Este tipo de graça faz com que um mártir olhe seu executor nos olhos com coragem pouco antes de ser decapitado. Esta é a graça que Jesus trouxe.

Por alguma razão, o único caminho para o crescimento espiritual é ter esta verdade martelando sempre em nossas cabeças. Nós tendemos a nos desviar e tendemos a abandonar o Deus que amamos. Nós podemos conhecer a verdade, mas não entender verdadeiramente o que esta verdade significa. Eu gosto particularmente do modo como o apóstolo Paulo coloca na carta aos romanos: "Àquele que não trabalha, mas confia em Deus que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça" (Romanos 4:5).

Observe que Paulo diz que Deus justifica o ímpio. Você crê num Deus que justifica pessoas ímpias? De verdade? Não as pessoas certinhas, não as pessoas boas, não as pessoas que se esforçam muito, mas os ímpios.

> Deus torna corretos os que não são corretos.
> Ele faz santos os que são imundos.
> Ele purifica os impuros.
> Ele chama os perversos de inocentes.
> Ele "justifica os ímpios".

É interessante que quando nós nos sentimos ímpios, nos escondemos, mas Deus não se esconde neste texto. Ele se gloria de tornar corretos aqueles que merecem o oposto disso. De um jeito estranho, parece que a única qualificação para sermos justificados é, na verdade, sermos ímpios. É como se Deus estivesse dizendo que o

único caminho que nos qualifica é admitir que não somos qualificados.

E a graça vem para aquele "que não trabalha". Bem, deixe-me esclarecer: trabalhar não é uma coisa ruim. Disciplina não é uma coisa ruim; na verdade, eu incentivo que façamos essas duas coisas. Porém, trabalhar para conquistar a salvação é uma coisa terrível. Nós não podemos conquistar o favor de Deus, não importa o quanto nos esforcemos. Nunca será suficiente. No que diz respeito à graça, nós não precisamos nos esforçar mais; precisamos, sim, descansar mais! Às vezes o mais difícil é parar e descansar. Estranhamente, é trabalhoso não trabalhar para Deus. É por isso que o escritor de Hebreus diz que nós precisamos "nos esforçar por entrar nesse descanso" (Hebreus 4:11).

Paulo continua, dizendo aos romanos que se os cristãos não trabalham e não confiam em Deus que justifica o ímpio, então a fé é "creditada como justiça". No momento em que confiamos em Jesus, nossa condição se torna a Sua condição. Nós não somos mais representantes de nós mesmos; Jesus nos representa. Nossa fé não é conquistada. Ela é dada. Quando cremos em Jesus, Deus então nos olha da mesma forma como olha para Jesus. Mesmo quando erramos, Deus olha para nós e diz: "Minha criança pura, sem manchas, inocente, perfeita e santa, você é livre!"

É isto que muda o coração de uma pessoa e o que nos leva à adoração. É isto que muda a vida de alguém.

Você não precisa continuar tentando.
Você não precisa esconder o seu pecado.
Você só precisa crer em Jesus, que tomou o seu lugar na cruz.

Você só precisa entregar: entregar o seu pecado. Entregar a sua culpa. Entregar a sua vida. E entregar o controle a Jesus.

Ele levou sobre si a nossa vergonha. Ele levou o nosso pecado. Ele levou a nossa imundície para que Deus pudesse ser justo e justificar aquele que tem fé em Jesus. Ele não só nos livra de uma fria; ele bota Jesus numa fria em nosso lugar. Pare de trabalhar para fazer algo que Jesus já fez. Está consumado. Se você crê nele, sua fé é creditada como justiça.

Cura verdadeira Um ótimo exemplo do conflito entre religião e graça é a passagem bíblica sobre a mulher adúltera no evangelho de João. Esta passagem inspirou um parágrafo de um poema que eu escrevi chamado "Cura Sexual".[20] Sempre que acharmos que estamos muito impuros ou indignos, basta olharmos para a maneira como Jesus tratou com a mulher flagrada em adultério (ver João 8:1-11).

Os líderes religiosos a jogaram no templo e estavam prontos para executá-la. Eles se escondiam atrás de suas leis que justificavam o apedrejamento da mulher. A história parece fazer alusão ao fato de que Jesus estava lá ensinando a multidão. No momento em que vê este acontecimento, ele para e diz aos líderes que qualquer um deles que não tenha pecado, é digno de atirar a primeira pedra. Você consegue imaginar algum ruído? Silêncio — e então se ouve o som de pedras caindo no chão e de passos se afastando. O interessante de acordo com o padrão de Jesus é que havia somente uma pessoa que realmente tinha o poder de apedrejar a mulher: ele mesmo. Sim, Jesus tinha o direito de apedrejá-la. Ele não tinha pecado — e mesmo assim foi o único na multidão que não quis fazê-lo.

Novamente a graça de Jesus se mostra escandalosa. Os fariseus estavam certos: a lei de Moisés ordenava que eles apedrejassem aquela mulher (ver Levítico 20:10; Deuteronômio 22:22). Ela era

culpada e não podia se esconder. (Em tempo: a lei ordenava que o amante fosse apedrejado também. E onde estava ele? Por que ele não foi arrastado até a arena pública e humilhado? Sim, a religião sempre tem dois pesos e duas medidas.) Eu não consigo imaginar a vergonha que aquela mulher teve de suportar. Ser arrastada diretamente do ato de adultério para o pátio público do templo na frente de todos. A exposição. A nudez. No exato momento em que ela não pode se esconder, as vozes da religião começaram a cuspir sobre ela: "Você não é digna. Você não é boa o suficiente. Você merece a morte."

Mas então a voz da graça se manifestou. Bradou contra a condenação religiosa e com a autoridade de Deus em seus lábios, sussurrou: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado."

Perceba a ordem das coisas. A religião diz para tentar não pecar mais e você não será condenado. Jesus inverte isto. Nós entendemos que somos livres e não estamos mais condenados, e então podemos ir e viver uma vida de liberdade e santidade.

Podemos levar este relato para nossa vida pessoal. O que escondemos de Deus? O que nos deixaria nus e expostos como a mulher adúltera caso fosse revelado?

Nosso vício de poder e controle?
Os comprimidos que tomamos para aliviar a dor e a solidão?
Uma insegurança profunda?

E se deixássemos a graça de Jesus tocar nessas áreas de nossas vidas? Muitas vezes, não é graça de Deus que está sendo suprimida, mas o fato de estarmos nos escondendo. Todos nós usamos máscaras, ou seja, todos projetamos no exterior, para os outros, uma imagem que não representa verdadeiramente quem somos. Nós nos

escondemos atrás dos empregos, das realizações, do desempenho esportivo, das nossas notas, dos nossos relacionamentos e assim por diante. Nós não queremos que ninguém veja quem realmente somos — o nosso eu verdadeiro.

O problema de usar máscaras acontece até mesmo quando recebemos amor. Na verdade é a máscara que está recebendo o amor, não nós. Qualquer coisa que recebermos sempre atingirá a máscara e não poderá penetrar as nossas almas. O mesmo acontece com a graça de Deus. Cada segundo de cada dia ele nos procura e oferece a graça, mas até que tiremos essas máscaras, nós nunca poderemos aceitá-la.

Quando nos expomos e ficamos completamente vulneráveis, nós perdemos o controle, mas ganhamos alegria e liberdade. Não importa qual seja o nosso pecado. Nada está fora da graça. Nenhum pecado é tão poderoso que Deus não possa perdoar. Toda vez que esta mentira é sussurrada em meu ouvido, eu me lembro do que o apóstolo Paulo disse: "Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça" (Romanos 5:20).

A graça sempre vence.

Uma verdadeira história de amor

Cá entre nós, eu sou chegado a um filme água-com-açúcar. Não sei se eu quero que esse fato seja registrado em livro pra todo mundo ver, mas, agora que somos amigos eu posso ser sincero. Há alguma coisa nas histórias de amor que sempre me chama a atenção.

Uma das minhas histórias de amor preferidas foi escrita há mais de 2.500 anos e está relatada no Antigo Testamento. É uma das preferidas porque é real — não é um filme da Disney nem um conto de fadas. Ela envolve dor e infidelidade e ainda assim a graça a permeia inteira. Ela começa com um homem chamado Oseias, que

foi escolhido por Deus como um profeta. Ele era um homem devoto e honrado. Se Oseias fosse vivo nos dias de hoje, estou certo de seria do tipo que paga os impostos direitinho, ajuda velhinhas a atravessar a rua e trabalha como voluntário às terças e quintas-feiras à noite no abrigo de seu bairro.

Voltando à história, algo chocante acontece. Deus diz a Oseias para se casar com uma prostituta chamada Gômer. Eu amo o modo como a Bíblia retrata isto: "Vá, tome uma mulher adúltera [prostituta, em outras traduções] e tenha filhos da infidelidade" (Oseias 1:2).

Não é estranho o Criador do universo fazer um pedido como esse? Tenho certeza que milhares de pensamentos devem ter passado pela cabeça de Oseias. "Sério? Uma prostituta?" Eu consigo imaginar que ele se deixou tomar pelo orgulho nessa hora: "Uma prostituta? Eu mereço mais do que isso. Tenho sido bom. Por que ela, Senhor?" Apesar disto, Oseias ouve e obedece. Ele busca e se casa com Gômer. Ele entra em uma aliança eterna com uma prostituta.

Isso tudo teria um final feliz se depois de se casar com Oseias, Gômer desse uma virada de 180 graus e deixasse aquele seu trabalho. O problema é que não foi isso o que aconteceu. A infidelidade não era somente um ato para Gômer, mas um estilo de vida. Mesmo depois de casada, ela continuou a ir atrás daqueles homens. Ela continuou sendo meretriz. Ela continuou se entregando aos homens. A situação ficou tão séria que Oseias teve que resgatá-la, comprando-a no mercado de escravos (ver Oseias 3:2). Quantos sentimentos ele não teve naquele momento: vergonha, constrangimento, inadequação?

Imagine a situação de ter que readquirir sua própria esposa do mercado de escravos? Certamente ela deveria estar lá naquele mercado completamente nua. Os homens aplaudindo, gritando, oferecendo moedas, dando lances por ela como se ela fosse um

pedaço de carne. E Oseias lá de pé com uma angústia profunda, disposto a pagar o maior preço na esperança de que sua esposa pudesse voltar para casa.

Estou certo de que houve momentos em que Oseias se revoltou contra Deus. "Eu me casei com ela! Não é suficiente?! Eu tenho mesmo que continuar indo atrás dela? Se ela não me quer, isto é escolha dela!"

Foi provavelmente nesse momento que Deus calmamente revelou o seu propósito. Ele não quis que Oseias casasse com Gômer só para tornar sua vida miserável. Ele disse para Oseias casar-se com ela na esperança de que a nação de Israel finalmente percebesse como Deus buscava seu povo. Nós somos as meretrizes espirituais. Nós entregamos nossas vidas inteiras em altares de falsos deuses — dinheiro, sexo, reputação, trabalho, *etc.* — e Deus continua a nos buscar. Ele continuar a nos procurar. Ele continua a nos cortejar. Este é o Deus da Bíblia.

Um Deus de busca.
Um Deus de aliança.
Um Deus de amor e graça infalíveis.

Essa história, como um retrato de nós, mesmos não é nem um pouco lisonjeira. Mas eu amo a forma como esta história ilustra um retrato poderoso da verdadeira natureza de Deus. Ele não se casa conosco apenas uma vez. Ele não vem atrás de nós apenas uma vez. Ele não nos salva apenas uma vez (ver Lucas 15:4-10). Quando ele faz uma promessa a seu povo, ele a cumpre. Ele não desiste e sua busca por nós é incessante. O seu amor não é suave e fofinho. Ele é feroz, impetuoso e ciumento (ver Êxodo 20:5).

A minha parte preferida da história é que Deus não nos força a nos casar com ele ou a obedecê-lo, mas assim como com Oseias, ele

nos atrai poderosamente para si. Da mesma maneira, Oseias trouxe Gômer de volta de uma vez por todas, totalmente restaurada apesar dos acontecimentos desastrosos e inesperados de antes; então Deus em Jesus faz a mesma coisa. Nós fugimos, nos rebelamos, nos desviamos, mas em Jesus temos uma âncora. Nós fomos comprados. O amor de Deus é tão poderoso que, quando ele finalmente penetra o nosso coração, nós só podemos ter um coração transformado. Muitas vezes as pessoas descrevem Deus como o juiz supremo, que nos condena por nossos pecados. A verdade é que ele é um marido amoroso, que nos constrange com seu amor e não com o medo.

É esse o amor que você conhece, ou será que você obedece a Deus pelo medo? Tanto o medo quanto o amor levam à obediência, mas somente o amor leva à alegria. O medo diz: "Faça isto, senão você terá problemas." O problema do cristianismo baseado no medo é que só obedecemos quando o medo está lá. Se você só quer obedecer a Deus quando se sente ameaçado pelos seus mandamentos, não é Deus que você adora, mas o seu medo.

O amor, no entanto, constrange o coração e produz alegria e obediência duradouras. O amor de Oseias era tão poderoso e persistente que, lentamente mas de maneira definitiva, trouxe Gômer de volta à aliança. Nenhuma vez ele a ameaçou com divórcio, mas, a cada vez, mostrou mais graça.

A graça de Deus é um motivador muito mais poderoso que o medo. O amor é o motivador mais profundo. Só o amor pode produzir não apenas a obediência voluntária, mas também duradoura. Se somos motivados pelo medo, pelas regras, pela raiva ou qualquer outra emoção, isto só vai durar enquanto aquela emoção estiver ali. O amor, sendo uma condição do coração, dura mesmo que já tenha passado a emoção inicial.

Não somos empregados de Deus

Na história de Oseias e Gômer nós vemos que Deus é um Deus de alianças. Uma aliança de amor é um amor que implica em comprometimento e promessa profundos. Ele não é baseado em sentimentos ou nas atitudes de uma pessoa, mas na boa vontade daquele que inicia a aliança. Deus ama porque ele é amor. Ele não nos ama porque somos dignos de amor. Existe uma diferença.

A ideia de aliança tem sido vista há muito tempo nas nossas relações mais preciosas. Infelizmente, alguns delas se desgastaram completamente. Considere o relacionamento conjugal. Devido ao egoísmo nós não prometemos mais ficar com alguém até morrermos. Nós podemos dizer "até que a morte nos separe", mas na realidade queremos dizer "até que você não me satisfaça ou me complete mais". Claro que não admitimos isto, mas as estatísticas de divórcio falam mais alto. O divórcio se tornou normal. Em vez de o amor ser um ato de vontade própria e comprometimento, nós o transformamos numa emoção rasa cuja ausência justifica a separação.

Contudo, nós não tratamos a relação de pais e filhos assim. Imagine uma criança derramando alguma coisa no chão e o pai dizendo: "Esqueça! Pra mim chega. Eu acho que não amo mais você." Nós imediatamente sabemos que nao seria certo o pai falar isto. Ainda acreditamos que a relação de pais e filhos é como uma aliança que não pode ser quebrada. E deveríamos enxergar a relação conjugal da mesma maneira. Deus valoriza o casamento como um dos principais caminhos para conhecermos quem Ele é e como se relaciona conosco. É por isso que Jesus é tão veementemente contrário ao divórcio. Cada vez que um divórcio acontece, o casal está contando uma mentira sobre o relacionamento de Deus com a humanidade. Deus nunca vai embora porque nós estamos em uma aliança.

Um dos lugares mais flagrantes onde Deus nos mostra a importância da aliança está na história do filho pródigo, que já contei em parte no capítulo 3. Algo realmente interessante acontece bem no meio da história.

O filho mais novo tinha destruído totalmente a sua vida. Ele pegou toda a sua herança e gastou até o último centavo. Ele não tinha nada para mostrar a não ser bolsos vazios e um coração vazio. Enquanto comia com os porcos, ele caiu em si e percebeu que na sua casa até os empregados de seu pai estavam vivendo melhor do que ele. Então ele pensou: "Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados" (Lucas 15:18-19).

Eu acho interessante o fato de o filho ensaiar seu discurso de retorno antes mesmo de voltar para casa. Ele não é o único! Eu faço isso o tempo todo. Quando eu cometo um erro, logo penso no melhor pedido de desculpas que eu posso dar a Deus ou a alguém antes mesmo de abordá-los.

Mas quando o filho se aproximava de casa, o pai o viu à distância. Ele então correu em sua direção, o recebeu, o abraçou e o beijou. Repare que o pai correu. Ele é quem estava buscando o filho. Ele não ficou esperando o filho voltar rastejando para casa. Note também que na cultura hebraica, era vergonhoso um homem idoso correr. Contudo, o pai não se importou. Ele correu. Enfrentou o constrangimento. Suportou a censura. Então abraçou o seu filho.

De onde o filho tinha vindo? A Bíblia diz que ele veio de um chiqueiro, o que significa que provavelmente estava coberto de lama e fezes. E quando você abraça alguém que está imundo, você fica imundo.

Esta é a figura de Jesus na cruz, com seus braços esticados, absorvendo e sendo impregnado de toda a nossa imundície. Ele não

espera nós nos limparmos. Ele simplesmente nos abraça e toma toda a nossa sujeira sobre si mesmo.

Então, enquanto se abraçam, o filho faz para o seu pai o discurso que havia ensaiado anteriormente: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho" (Lucas 15:21).

Eu sempre imagino o pai dizendo: "Sim, você errou feio. Não merece mais ser chamado de filho. Você deve agora fazer trabalhos domésticos para compensar seu erro e me reembolsar." Mas isto não é nem de longe o que ele realmente falou. Na verdade, o que ele fala poderia até ser considerado rude! Ele sequer toma conhecimento do discurso de arrependimento do filho.

> Mas o pai disse aos seus servos: Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado'. E começaram a festejar.
>
> Lucas 15:22-24

Em outras palavras: "Pare de se humilhar. Você está em casa. Isto é o que importa. Vamos celebrar."

Embora o filho tenha pedido para ser tratado como um empregado do pai, este se recusou. "Você é meu filho." Ele não deu ao filho a oportunidade de reembolsá-lo: em vez disso, deu-lhe plenos direitos como seu filho. O anel e a túnica significava reintegração total à família.

Nós não fazemos assim com Deus o tempo todo?

> Nós preferimos ser seus empregados a sermos seus filhos.
> Nós preferimos estar sob contrato a estar sob aliança.

Nós queremos tão desesperadamente merecer. Pagar de volta. Ter o mérito sobre algo bom em nós.

Mas a parte escandalosa da graça é que nós não trabalhamos para Deus. Na realidade Ele é quem trabalha para nós. Isso não é absurdo? Ele nos traz para dentro da família, não para dentro da empresa. Quando cai a ficha de que ao nos entregarmos a Jesus nós somos eternamente dele, imediatamente sentimos segurança e liberdade.

Não há segurança em ser um empregado. O contrato pode ser rompido. Quando somos empregados e alguma coisa dá errado, podemos ser demitidos. Porém, quando somos filhos que estão passando por uma fase difícil ou de instabilidade, os pais se envolvem mais intimamente em nossas vidas! Isto acontece com cada pai que eu vejo. Quando o filho está sofrendo, quando está se rebelando, os pais não o "demitem". Na verdade eles ficam acordados até mais tarde pensando, orando e acompanhando aquele filho, que passa a receber *mais* atenção.

É assim entre Deus e nós. Ele não nos abandona. E quando estamos mal e atravessando dificuldades, o Pai até nos dá mais atenção. Não existe merecimento quando se trata de ser um filho. Você simplesmente é.

O nome do meu pai é Gary Bethke. Imagine que alguém venha até mim e me pergunte: "Jeff, você é filho de Gary Bethke?" Não seria estranho se eu dissesse: "Bem, sabe, eu realmente quero ser e estou tentando ser, mas está difícil." Eu imagino a cara que aquela pessoa faria. Nós não tentamos ser filhos de alguém. Simplesmente somos. Então por que fazemos isto quando alguém nos pergunta: "Você é cristão?" Não faz sentido dizer: "Bem, eu tento."

Nós não temos que tentar sermos filhos ou filhas de Deus. Nós somos. Ele se tornou nosso Pai celestial e também nosso eterno Marido. Ele usa os relacionamentos mais permanentes que

possamos compreender na Terra para descrever o Seu relacionamento conosco.

Liberdade verdadeira Uma das coisas que mais gosto na graça de Deus é que raramente nas Escrituras nós a vemos exigir algum tipo de ação como forma de pagamento. A graça simplesmente flui. É um tipo de amor unilateral que vem do coração de Deus para o nosso.

Esse tipo de graça é escandaloso. Muitas pessoas religiosas adoram dizer coisas como: "É melhor você se ligar. A graça, dada tão livremente, gera um bando de hipócritas que tiram vantagem disso. Todo mundo vai sair falando 'É fácil ser perdoado.'"

"Isso é pura anarquia", eles dizem.

A verdade é que, sim, podemos tirar vantagem dela. É por isso que se chama *graça*. A parte que recebe a graça pode até ser ferida, pois a graça é extremamente vulnerável. Mas nesta vulnerabilidade encontramos pessoas sendo inteiramente transformadas pelo poder da graça e nunca tendo o desejo de tirar vantagem dela. Quando ouvimos que estamos livres, não há nada melhor do que abrir mão da nossa vida inteira por aquele que nos libertou.

Somente quem vê Deus como um juiz e não como Pai é que tenta extrair vantagem da graça. As pessoas se perguntam o tempo todo: "Quanto eu posso me aproximar do limite sem me meter em apuros?" Isso quando se trata de uma relação legal ou judicial, mas raramente alguém faz essa pergunta quando a relação é íntima. Como eu pareceria imbecil se perguntasse: "O quanto eu posso me aproximar de não amar Alyssa sem que ela se divorcie de mim?" Não, o que eu pergunto é o quanto eu posso me aproximar *de* Alyssa. Eu a estou buscando, e não fugindo *dela*.

Existe uma história antiga que conta que Abraham Lincoln readquiriu uma escrava do mercado. Ele comprou a mulher e então

partiu. Ele simplesmente viu sua escravidão e quis libertá-la. Ela prontamente o seguiu e perguntou: "O senhor me comprou. O que quer de mim?"

Ele respondeu: "Você está livre. Eu só queria lhe livrar da escravidão. Você está livre pra fazer o que quiser agora." Esta é a definição de liberdade.

A mulher não acreditou. "Livre? Livre pra fazer o que eu quiser?

Ele respondeu que sim.

"Livre para ser o que eu quiser?"

Ele respondeu que sim.

"Livre para ir onde eu quiser?"

Ele novamente respondeu que sim.

Então ela disse com um sorriso no rosto: "Se esse é o caso e eu estou realmente livre para fazer o que eu quiser, então eu vou seguir ao senhor."[21]

Quando entendemos como é grande o presente que Jesus nos deu, não conseguimos deixar de segui-lo. Já que ele deu a sua vida por nós, nós não conseguimos deixar de dar a nossa a ele.

Esse é o escândalo da graça. Eu creio totalmente que, como cristãos, podemos tirar vantagem da graça, mas quando realmente a experimentamos, nunca fazemos isto. Quando experimentamos a alegria e a vida de Cristo em nós, então nada mais nos satisfaz. Não que vamos querer usar sua graça para fazer todas as coisas que costumávamos amar. É que estas coisas não nos atraem mais porque agora nós *o* amamos!

Todavia, existe um elemento nesta graça que irrita alguns religiosos. Eu também costumava me irritar. É que a graça verdadeira não pode ser controlada. Ela não pode ser domada. Ela não pode ser usada pela liderança como uma construção social para manipular as pessoas. A graça é indomável. E você tem que confiar que ela fará o seu trabalho.

Na mitologia grega as Sirenas eram personagens extremamente sedutoras. Elas eram sereias que viviam numa ilha e seduziam com seu canto e sua música hipnotizante os que passavam por ali com seus barcos. Os marinheiros inocentes seguiam as vozes das sereias até a parte mais rasa do mar, onde naufragavam. Acreditava-se que os marinheiros descobriram onde as Sirenas ficavam, e então faziam todo o possível para neutralizar suas canções.

No poema épico de Homero, *A Odisseia*, os marinheiros colocavam cera nos ouvidos para evitar que fossem seduzidos para a morte. Para que Ulisses ouvisse a música — e soubesse em que momento seria seguro que seus marujos destampassem os ouvidos —, ele mandava que seus homens o amarrassem no mastro para que ele não pudesse desviar o barco. Certa vez, enquanto eles passavam perto das Sirenas, Ulisses ordenou que o soltassem para que ele fosse até elas, mas os marinheiros o amarraram ao mastro com ainda mais força.

Já no épico *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes, que conta a história de Jasão roubando o velo dourado, a história das Sirenas traz um detalhe diferente. A ilha das sereias também está presente, assim como um barco se aproximando dela. Contudo, nesta versão, as Sirenas são uma mistura de pássaros com mulheres, e os marinheiros não usavam a cera para tampar os ouvidos. Os argonautas são salvos das sereias por um homem chamado Orfeu. Quando ele vê seus homens prestes a mergulhar na água, em vez de amarrá-los ou colocar cera em seus ouvidos, começa a tocar sua lira para abafar o som das sereias. Orfeu fez a mesma coisa que as Sirenas, porém sua música era mais alta e atraente. Por causa disso, todos os homens foram salvos, com exceção de um. Eles não tiveram que se amarrar e se obrigar a permanecer no lugar, porque

seus ouvidos estavam "cheios com um som metálico; e a lira superou a voz das sereias."

Essa é a verdade da graça de Deus. Não é que estejamos nos segurando firme na esperança de não sermos seduzidos pela nossa carne e os pecados antigos, e sim que a graça de Deus é tão boa e preciosa que nos obriga a ficar com ela. A graça é uma música mais bonita que o pecado. Nós não queremos tirar proveito dela porque não há nada melhor para se tirar proveito. Da mesma maneira que a música de Orfeu era bonita, a graça de Deus é uma força poderosa, maravilhosa, convincente e sedutora que nos convida a nos perdermos nela.

Nós não dizemos: "Ah, é melhor eu não fazer isso senão Deus me castiga." Em vez disso, dizemos: "Sua graça é muito melhor do que qualquer outra coisa que me ofereçam."

Não agradamos a Deus quando nos agarramos à obediência cheios de tensão e ansiedade. Nós O agradamos quando mostramos ao mundo como Ele é *realmente* amável.

A melhor parte dessa graça é que ela muda as pessoas. A graça verdadeira nos ama exatamente onde estamos, mas ela nos ama demais para nos manter ali. A graça barata, que não é graça de modo algum, é como uma versão horrível de amor que vê seu amado em perigo e só diz: "Eu amo você." Isso não resolve a situação. Nós precisamos ser resgatados. E Deus faz exatamente isso. Nós sabemos que aceitamos a graça transformadora de Deus se começarmos a ser diferentes. Não devemos pensar que a graça está além do nosso alcance. Deus a está oferecendo a nós.

Ela é de graça.

Ela nos dá vida.

Você confia nele?

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Jeff escreve que Jesus conhece tudo sobre seus pecados e ainda assim foi à cruz e disse: "Eu quero esse garoto". Como você reage ao amor poderoso de Jesus por você?
2. O seu entendimento da graça é escandaloso? Explique.
3. Que máscaras você usa? Como elas te afastam da graça de Deus?
4. Por meio do profeta Oseias, aprendemos que Deus nos busca incodicionalmente. Você já se sentiu cortejado por Deus? Se sim, descreva como foi.
5. Você vê o seu relacionamento com Deus mais como uma aliança ou como um contrato? Por quê?
6. A graça de Deus é descrita nesse capítulo como sendo melhor do que qualquer outra coisa que o mundo tenha a oferecer. Pense em alguém que você conheça que realmente precise dessa graça. Como você a descreveria para essa pessoa?

CAPÍTULO 9

A RELIGIÃO APONTA PARA UM FUTURO SOMBRIO, JESUS APONTA PARA UM FUTURO LUMINOSO

Quando me tornei cristão, lá no começo, eu achava que só as questões religiosas tinham importância, tais como o estudo bíblico, a oração, as canções de louvor e a observância do domingo como dia santo. Eu achava que era só ficar firme nessas práticas que eu cruzaria a linha de chegada. Eu tinha certeza de que, quando finalmente cruzasse essa linha, tudo isso aqui explodiria e viveríamos felizes para sempre nas nuvens brancas e macias do paraíso.

Até que eu a carta aos romanos:

> A criação foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto.
>
> Romanos 8:20-22

Até a criação sente a escravidão e a decadência do pecado, sofre de dor e, de alguma forma, será "libertada da escravidão" ao mesmo tempo em que seremos. À primeira vista, você pode pensar que essa

ideia é meio *hippie*. Esse versículo quase faz parecer que Deus estabeleceu uma aliança com sua criação, assim como fez conosco.

Foi aí que me toquei: na verdade, Deus se importa com um monte de coisas às quais não damos a menor importância.

> Deus se importa, de verdade, com os destinos da terra, mas nós parecemos achar que ela vai pegar fogo.
>
> Deus se importa, de verdade, em inspirar boas obras de arte, mas nós parecemos achar que elas só devem servir para proclamar mensagens de salvação.
>
> Deus se importa, de verdade, com trabalhos seculares, mas nós parecemos achar que a única coisa que o deixa feliz é trabalharmos em "ministérios cristãos."

Nossas vidas aqui na terra não são apenas tapa-buracos até irmos para o céu. Nós devemos criar, cultivar e redimir enquanto estamos aqui. Eu descobri que o mal-entendido deriva da falta de conhecimento da razão por que fomos criados.

Como e *para que* Fomos criados

Para entender por que fomos criados, nós precisamos retornar ao jardim antigo. Para aquele lugar onde todo mundo andava nu, onde não havia pecado, e onde animais como gorilas e leões provavelmente andavam livremente, bem próximos de Adão e Eva. Um período histórico sensacional, na minha opinião. Como o livro de Gênesis registra, "Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre os pequenos animais que se movem rente ao chão" (Gênesis 1:26).

Deus, quando criou a humanidade, nos criou à sua própria imagem. Deus havia criado muitas coisas até ali, mas não havia criado nada "à sua imagem". No Antigo Testamento, a frase "imagem de Deus" é encontrada apenas em três ocasiões, todas no Gênesis, se referindo a Deus criar o homem. Nós somos os únicos criados à sua imagem, o que significa que assumimos alguma forma da natureza de Deus refletindo em nós e sobre nós.

O fato de podermos criar é um sinal de que fomos criados à sua imagem. Nenhuma outra criatura tem essa capacidade de criar. Certo, alguns animais podem construir ninhos e trabalhar, mas eles não podem criar. Os animais não conseguem fazer alguma coisa do nada. Está para nascer um cavalo que escreveu um roteiro de cinema premiado ou um tubarão que pintou um por do sol numa tela. Somente os seres humanos estão apropriadamente capacitados para criar.

Como filhos de Deus nós devemos usar nossas vidas sabendo que elas refletem e carregam a imagem de nosso Pai. Muito frequentemente, em vez de agir como espelhos que apontam para Jesus, nós tentamos agir como outdoors, fazendo propaganda de nós mesmos. Mas, fora de Jesus nós não temos capacidade alguma para criar. Da mesma forma que a lua não pode brilhar sem o sol, porque tudo que ela faz é refletir a luz do sol, não podemos criar ou refletir a imagem de Deus por conta própria. Tentar obter glória por coisas que fizemos é como a lua gritar no meio da noite: "Olhem como eu sou impressionante", quando a única razão dela estar brilhando é o sol. O brilho da lua é um brilho *emprestado*.

É, em parte, por isso que Deus nos quer envolvidos em sua criação, administrando-a e cultivando-a. Vou dar um exemplo. Minha esposa Alyssa é fotógrafa, e eu duvido que ela gostaria que eu dissesse: "Olha, Alyssa, eu te amo muito, mas detesto as suas fotos. Elas não fazem o menor sentido e são uma enorme perda de

tempo." Sem dúvida, ela ficaria furiosa comigo. A fotografia é algo que ela cria e que tem sua personalidade. Quando elogio as suas fotos, eu estou elogiando *ela*.

Eu mostro que a amo ao amar também o que ela cria. E é assim em relação a Deus. Não podemos dizer que o amamos se também não amarmos o que ele criou. Isso se aplica a pessoas de diferentes raças, culturas e países. Uma vez que são todos feitos à imagem de Deus, todos têm valor e dignidade. Você quer mudar radicalmente a sua maneira de enxergar os outros? Enxergue-os como semelhantes que carregam a imagem de Deus: pessoas erradas como você, mas ainda assim portadoras da imagem. Nós amamos a Deus quando amamos o seu povo.

Ministério cristão

Logo que me tornei cristão, eu tinha muito entusiasmo, mas nenhum conhecimento. Mesmo quando ainda era um franguinho na fé, eu achava que sabia exatamente o que Deus queria e pensava em relação a milhares de assuntos. Por exemplo, a bebida alcoólica era pecado. Não havia dúvida alguma. Eu até me recusava a ler sobre o primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia, para não vê-lo transformando água em vinho.

Ficar bêbado? Sim, é um pecado.

Fazer um irmão ou irmã trocar as pernas? Sim, decididamente é pecado.

Mas a bebida alcoólica sendo um pecado por si mesma? Não consigo encontrar nenhum versículo que afirme isso. O mesmo acontece em relação a tatuagem.

Porém, o que mais eu batia na tecla com meus amigos era em relação à música secular. Não havia maneira de alguém ser cristão se escutasse a música que era feita pelas "marionetes do diabo". Se a

letra da canção não tivesse palavras como “amém”, “aleluia” e “transubstanciação” — ainda que eu não soubesse o que essa última palavra significava —, na minha cabeça ela não era aceitável. Por causa disso eu fiz uma coisa que lamento até hoje.

Naquela época eu tinha uma enorme quantidade de músicas arquivadas no meu iTunes, e talvez somente vinte por cento delas podiam ser classificadas como “cristãs”; portanto, eu dediquei uma noite inteira para vasculhar toda a minha lista de músicas, selecionando e deletando tudo. Naquela noite eu mandei milhares de músicas para a lata de lixo. E, para o grand finale, eu cliquei em ‘esvaziar a lixeira’. Vou ser sincero: naquele momento eu me senti um cara santificado. Eu podia ver Deus sorrindo para mim em aprovação. Ou seja: como ele não me deixaria ir direto para o céu depois de eu deletar músicas como as do rapper Lil’ Wayne, por exemplo, do meu iPod?

Então, um ano ou dois depois disso, dedicados quase que exclusivamente ao estudo da Bíblia, eu comecei a fazer umas perguntas que me incomodavam. Por que existia essa tal de “música gospel”, afinal de contas? Música não pode ser “salva”. Quando eu comprei canções evangélicas, eu não as batizei e ministrei-lhes a primeira comunhão antes de ouvi-las. Eu queria saber o que, na verdade, tornava uma música “cristã”. E por que o cristianismo é a única religião que tem a sua música separada pela fé e não por gênero.

Por que será que quando vou à uma loja de discos, eu não vejo uma seção muçulmana, ateia ou agnóstica? Não parece estranho que toda música seja segmentada por gênero, com exceção da música cristã, que é separada por visão de mundo?

Esta é uma revelação tanto sobre os cristãos quanto sobre os não cristãos. Sobre os cristãos porque nós gostamos de nos recolher em nossa própria subcultura e lá ficar, e sobre os não cristãos porque

eles não deixam os seguidores de Jesus terem voz ativa na indústria musical como um todo.

Então, eu comecei a sentir falta de algumas canções que havia deletado. Eu pensava que iria me acostumar em ouvir só música gospel, mas isto nunca aconteceu. Esse tipo de música muitas vezes parecia ultrapassado, brega e genérico. Algumas letras até eram boas, mas a música era terrível. Só para você ter uma noção, se você conseguir substituir a palavra "Deus" pelo nome da sua namorada em uma canção, provavelmente é porque a música não é lá tão profunda ou densa do ponto de vista teológico.

Quanto mais eu me aprofundava nas Escrituras mais eu percebia que os cristãos não haviam extraído aquela sua visão da Bíblia. A ideia vinha dos filósofos gregos, que introduziram a noção pesada de colocar o sagrado contra o secular. Eles diziam que havia aspectos do corpo que eram mundanos e aspectos do espírito que eram mais relevantes. Mas Deus nunca declarou isto. Em Gênesis 1 nós lemos que tudo que ele criou é bom.

Tudo.

Isto implica que música, arte, política, comida, animais, plantas e árvores são todas coisas boas em si mesmas.

Essas coisas não são más em si mesmas, e sim nosso abuso delas. Dificilmente você encontrará alguma coisa que a Bíblia considere inerentemente má. Quase tudo que a Bíblia condena é um abuso de seu propósito original ou do uso original estabelecido pela criação de Deus. Sim, Deus criou todas as coisas, portanto elas não têm que ser rotuladas como "cristãs" para serem boas. Ele criou as árvores, criou as moléculas. Ele criou as papilas gustativas, que enviam sinais incríveis para o meu cérebro toda vez que eu como o *guacamole* caseiro feito por Alyssa. Como eu poderia não dar glória por isso? Não existe divisão entre secular e sagrado, e nós nos equivocamos quando insistimos que existe.

Como cristãos, nós deveríamos ser receptivos à cultura e à arte de qualidade, não tentando nos isolar delas e viver só de cópias genéricas que possam ser rotuladas de "cristãs". Afinal de contas, o Criador de tudo é nosso Pai, e se nós criamos mal, então estaremos pecando. Isto pode soar meio duro num primeiro momento, mas deveria nos inspirar a tentar fazer melhor. Precisamos observar a gravidade de nossos atos. Como portadores da imagem de Deus, nós fomos feitos para refletir uma imagem adequada do que Deus é. Quando fazemos coisas ruins, nós refletimos uma falsa imagem de Deus.

Estamos dizendo com isso que Deus é um plagiador, quando na verdade ele não é.
Estamos dizendo que Deus é brega, quando na verdade ele não é.
Estamos dizendo que Deus não acredita na excelência de todas as coisas, quando na verdade ele acredita.
Estamos mentindo sobre ele.

Na minha infância, eu só via arte na igreja quando ela retratava o sangue de Jesus ou uma imagem da cruz. Eu pensava: "Não existe arte no mundo cristão fora do contexto da salvação? A arte não pode se expressar por si mesma como algo belo e significativo e ainda assim apontar para Jesus?" Uma representação pictórica de seu sacrifício em nosso favor é emocionante, mas podemos também demonstrar beleza e admiração com expressões artísticas em nosso dia a dia.

No fim de sua vida, o apóstolo Paulo se dirigiu ao discípulo Timóteo e escreveu: "Tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração" (1Timóteo 4:4-5). Deus deveria receber muito mais glória pelas coisas do que nós damos a ele.

Se somente dermos glória a Deus pelas coisas explicitamente cristãs, nós somos ladrões. Ele quer toda a glória. Quando damos uma garfada em algum alimento, devemos expressar o quanto Deus é tremendo por ter criado a comida. Quando ouvimos uma bela música, devemos fazer o mesmo. Quando não o fazemos, estamos roubando. Deus não está recebendo a glória devida por muitas coisas.

Eu tive muita dificuldade com isso na faculdade. Eu orava um bom tempo pela manhã e depois ia para a sala de aula. Às vezes, porém, era assaltado por pensamentos estranhos e sentia que o que eu estava fazendo não trazia benefício algum. Então, eu sentia o impulso de voltar para o meu quarto para orar ainda mais e ler a Bíblia. É claro que isso é ótimo, mas eu sentia falta de Deus no meu cotidiano e não percebia que ele estava lá o tempo todo. Ele estava na sala de aula tanto quanto estava no meu quarto. Ele estava presente, querendo receber a glória pelas refeições que eu fazia naquele dia tanto quanto recebia glória quando eu orava e o adorava.

Eu adotei essa linha de pensamento durante todo o tempo da minha caminhada com Deus. Cheguei a abandonar o time de beisebol no último ano da faculdade porque queria me concentrar no estudo da Bíblia e almejar um emprego mais "santo" como o de pastor ou teólogo. É claro que estudar as Escrituras é essencial para se ter uma vida saudável com Jesus, e que, de certa forma, somos todos teólogos. Mas alguns de nós temos uma teologia terrível e eu achava que tinha que ter um emprego cristão. Até hoje eu me pergunto: "Quem mostrou Jesus para os outros jogadores depois que eu larguei o time?" Deus me deu um grande talento para jogar beisebol para que eu pudesse me infiltrar naquele universo como missionário, conhecendo a linguagem e os costumes do meio, para levar pessoas até Jesus.

Quando me tornei cristão, eu pensava que para ser um bom cristão, precisava fazer parte do ministério. Eu achava que quem não fosse pastor ou algo equivalente seria sempre um cristão de segunda classe. Na minha concepção, eu acreditava que para estar próximo de Deus a pessoa precisava ser um pastor, teólogo ou padre. Ela poderia até ser, por exemplo, líder de estudo bíblico, tudo bem, mas não seria tão santa. Ser líder de estudo bíblico, como eu na época da faculdade, era como fazer parte de uma equipe júnior de natação ou ser reserva de um time de futebol, em que você joga na segunda divisão ou, às vezes, tem o privilégio de sentar no banco de reserva. Mas não é isso o que a Bíblia diz.

Pedro era pescador.
Paulo fabricava tendas.
Jesus era carpinteiro.

Isso não soa estranho? Jesus, literalmente, trabalhava com madeira o dia todo. Ele nunca foi sacerdote de algum templo; ele era carpinteiro. Um trabalhador braçal típico, que pegava no pesado oito horas por dia. Fico assustado de pensar quantas vezes eu o ignoraria se viesse a cruzar com ele na rua nos dias de hoje. Provavelmente ele seria um carpinteiro da construção civil com mãos calejadas, usando um daqueles uniformes surrados de operário de obra.

De fato, poucas pessoas mudaram suas vocações depois que começaram a seguir Jesus nos primeiros 200 anos do cristianismo, a não ser que suas profissões violassem as Escrituras, como a prostituição e a feitiçaria. Como os cristãos eram perseguidos, eles trabalhavam como sempre fizeram para sustentar suas famílias, e depois exerciam algum ministério na igreja subterrânea. Se alguém

era um ferreiro quando se convertia ao cristianismo, continuava sendo um ferreiro. Era um ferreiro para a glória de Deus.

Como o apóstolo Paulo deixou claro: "Quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Coríntios 10:31). Não existe algum asterisco depois deste versículo que acrescente, com letrinhas miúdas no fim do texto: "Mas apenas se essa comilança ou bebedeira acontecer de um modo explicitamente cristão como na Santa Ceia ou numa confraternização da igreja." Não, Paulo diz que é em todo lugar. Sem especificação. Sem exceção. Contudo, se a Bíblia considerar pecado, ou se você tiver consciência clara de que está fazendo algo para sua glória pessoal em vez de para a glória de Deus, então não faça. Mas precisamos reconhecer que não damos a Deus a glória que ele merece.

Você pode glorificar a Deus onde quer que ele tenha lhe colocado. Ninguém tem que se sentir culpado por ser um *chef* de cozinha. Nem se sentir culpado porque quer ser pintor, mas seu pai quer que você seja pastor. Tantas vezes os cristãos acabam no ministério por pressão de seus pais ou pastores, sem se dar conta de que onde eles estão já é seu campo missionário.

Mães solteiras, eu serei bem direto no que vou lhes dizer: não sucumbam ao fardo de quererem ser mais do que são fora de casa e não estarem conseguindo isso, principalmente se tiverem filhos pequenos. Vocês não precisam liderar um grupo de mulheres, promover um estudo bíblico, ou prestar serviço na comunidade. Seus filhos ocupam todo o seu tempo, como é natural nesse período da vida. Vocês não precisam liderar nenhum ministério na igreja. Seus filhos são o seu ministério!

O apóstolo Paulo convoca os cristãos para um "ministério da reconciliação" (2Coríntios 5:18), que soa para mim como uma proposta em aberto. Você pode adorar a Deus limpando golfada de bebê com gratidão no coração tanto quanto promovendo um estudo

bíblico para milhares de pessoas. Isto porque a maneira como você educa uma criança, a maneira como a ensina sobre os caminhos de Jesus, a maneira como demonstra graça e verdade em primeira mão, isto é Deus derramando o seu ministério de reconciliação por meio de você. Deus está feliz com você. Ele está à procura de corações agradecidos, e não de comportamentos cristãos estereotipados. Se alguma coisa é feita com gratidão no coração, este é o verdadeiro comportamento cristão.

O cristianismo se expande rapidamente quando discípulos de Jesus ocupam todos os setores da sociedade — serviços, política, música, arte *etc.* —, glorificando a ele e extraindo do que fazem o maior prazer possível.

> Você gosta de cozinhar? Faça para a glória de Deus.
> Trabalhar com carros? Faça para a glória de Deus.
> Você gosta de escrever? Faça para a glória de Deus.

Se você tiver gratidão no coração e estiver usando a sua área de atuação para refletir a beleza de Deus como Criador, então estará O adorando! Ouvir música gospel não é adoração; é uma ajuda para a adoração. Eu encontrei um nível mais profundo de alegria e ligação com Jesus quando descobri que fazer uma refeição com o coração agradecido é tão sagrado quanto o meu momento de oração. A verdade é que Deus não lhe quer fazendo apenas coisas "cristãs". Ele quer todo o resto. Quando descobrimos a beleza da graça de Deus nas coisas mundanas, e não apenas nas religiosas, começamos a enxergá-Lo na perspectiva certa.

Verdadeira adoração

No Novo Testamento, Jesus encontra uma mulher samaritana que vive em promiscuidade. Eu contei parte dessa história no capítulo 4, mas vale recapitular. Uma vez que Jesus era judeu, ele não deveria estar conversando com ela. Os samaritanos eram vistos pelos judeus como um povo marginalizado e de sangue impuro. Para piorar, ela era mulher, e as mulheres eram consideradas cidadãos de segunda classe naquela época — e ainda por cima, a interlocutora de Jesus era uma mulher promiscua! Ainda bem que Jesus não era candidato à Presidência, senão a sua aproximação daquela mulher teria se tornado um escândalo na imprensa. Mas ele não demonstrou se importar muito com os costumes e padrões sociais — que novidade —, então começou a conversar com ela. Com um certo senso de humor, Jesus pediu a ela para ir buscar seu marido. Quando a samaritana lhe disse que não tinha marido, Jesus basicamente respondeu "Eu sei que o cara com quem você está ficando agora não é seu marido."

> A mulher lhe disse então: "Senhor, vejo que é profeta. Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar." Jesus declarou: "Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade."
>
> João 4:19-24

Os judeus e os samaritanos divergiam sobre o lugar certo de prestar culto a Deus. Era em Jerusalém, ou os lugares antigos como os montes sagrados eram tão bons quanto? Jesus manda esquecer

tudo isso. Ele revela que com sua morte e ressurreição as coisas irão mudar radicalmente. A adoração não será mais por manifestações exteriores em alguns lugares sagrados, mas a santidade será uma atitude de adoração em espírito e em verdade. A fé não se limitará mais a um edifício; mas morará em todos os corações que amarem Jesus. Quando o povo de Deus se movimenta, a igreja se movimenta. Ela não é feito de tijolo e argamassa, mas de carne e osso.

O melhor dessa passagem bíblica é que ela nos conta o que Deus procura. Não precisamos adivinhar — não temos que tentar agradá-lo às cegas — porque ele mesmo nos diz. Ele busca adoradores que o adorem em espírito e em verdade.

O termo *adoração* remete a glória e ações de graça. Nós estamos adorando quando damos glória a alguma coisa. Nós nos sacrificamos por aquilo ao qual damos glória. Algumas vezes é ao sexo; algumas vezes ao nosso trabalho; outras vezes à nossa imagem e reputação. Mas todos nós adoramos alguma coisa, e colocamos pseudo-deuses no trono de nossos corações.

Quando Jesus morreu na cruz, ele reverteu completamente o curso da história, permitindo que Deus retomasse o seu lugar apropriado como único Deus verdadeiro de nossas vidas.

Adoração apropriada é viver uma vida em espírito e verdade.

A Deus pertence cada partícula de verdade no universo inteiro. Se alguma coisa é verdadeira, é Dele. Deus é a fonte de toda verdade e luz, logo, se alguma coisa é verdadeira, é porque veio dele. Isto significa que Deus pode receber adoração de qualquer coisa se ela for verdadeira.

Tomemos a canção "Man in the Mirror", de Michael Jackson. Eu amo esta música, mas já ouvi muitos cristãos dizerem que não é correto escutá-la. Segundo eles, o artista não era cristão, portanto, Deus não poderia receber glória dessa música.

Mas eu enxergo de maneira diferente.

O motivo de eu gostar desta música é porque ela é verdadeira. A premissa da letra é que para fazer qualquer mudança no mundo, precisamos começar conosco mesmos e nos olharmos no espelho. Isso é verdade, concorda? Então, quando eu ouço essa canção de Michael Jackson, ela é uma adoração para mim, porque fortalece a minha afeição por Jesus, faz perceber que eu preciso me concentrar mais no meu pecado do que no pecado dos outros, e me encoraja a fazer a diferença.

Não deveríamos nos limitar a dar glórias a Deus pelas coisas explicitamente "cristãs". Nós devemos mais louvores a Deus do que imaginamos. E ainda por cima, como é grande e majestoso um Deus que admite receber glória e louvores por uma música composta por alguém que não o ama, não é mesmo? Ele é grandioso a esse ponto. Deus recebe glória por tudo, e todos irão, no fim, glorificá-lo, seja por sua graça ou por sua justiça.

Vamos agora tomar a música clássica como exemplo. Na maioria dos casos, não há letra, mas há uma magnífica fusão de instrumentos e sonoridades. Quando ouço esse tipo de música, eu me delicio percebendo como os instrumentos clássicos são diferentes, e isto desperta gratidão na minha alma em relação a Deus. Como Ele é maravilhoso por ter criado instrumentos que soem desta maneira! Como Ele é maravilhoso por ter criado a nossa audição para recebermos os sons de maneira tão poética! No momento em que meu coração e minha mente agradecem a Deus por isso, eu estou adorando.

No livro de Atos do Apóstolos, Paulo usa um filósofo pagão para provar seu argumento. Verdade é verdade, não importa se ela saia da boca de uma mula, de um filósofo, ou do próprio apóstolo dos gentios.[22] Na verdade, se formos sinceros, muitas vezes quando nós rejeitamos a verdade vinda de uma fonte não cristã, estamos tentando justificar a nossa própria rebeldia.

Para aqueles que possam estar indecisos sobre essa questão, faço a pergunta: por que não fazemos isso com todas as outras coisas? Por que não fazemos isso com os médicos? Não seria constrangedor se perguntássemos a um cirurgião minutos antes de sermos levados para o centro cirúrgico: "O senhor é cristão? Se não for, não poderá me operar!" Isto seria insano. Nós avaliamos os médicos segundo a sua especialidade e experiência. Ou o médico é bom em medicina ou não é. E podemos dar glória a Deus e louvá-Lo, quando saímos de uma sala de cirurgia curados, por ele ter dado esse dom tão especial para aquele cirurgião, seja ele cristão ou não.

O mesmo acontece com a música e a arte. Não importa se a obra de arte é cristã; importa se ela é verdadeira, bela ou excelente. Como o apóstolo Paulo nos diz: "Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele, a glória para sempre" (Romanos 11:36).

Deus é glorificado em tudo que ele criou. Estou afirmando aqui que tudo deve ser recebido de coração aberto? De jeito nenhum. Há muitas coisas neste mundo que não são verdadeiras no sentido bíblico. É por isso que precisamos deste contato com as Escrituras sagradas. A Bíblia é o nosso teste decisivo. Está em sintonia com a Bíblia? Encaixa com ela? Está de acordo e se assemelha com o caráter de Deus revelado em Jesus? Faça da palavra de Deus o seu filtro e esteja seguro da verdade de qualquer coisa de acordo com a revelação de Deus.

Jesus deixou os ingredientes da adoração extremamente claros: espírito *e* verdade. Para que alguma coisa seja considerada adoração aceitável, tem que conter ambos. O problema é que muitas pessoas são muito boas em adorar em espírito, mas não em verdade, enquanto outras são boas em adorar em verdade, mas não em espírito.

As que adoram em espírito e não em verdade são fáceis de identificar. Elas geralmente dizem coisas como: "Eu sou espiritual, mas não religioso." Elas costumam basear suas vidas nos cinco

sentidos. Se alguma coisa dá boa sensação, tem gosto bom ou cheiro bom, ela deve ser boa. Essas pessoas são guiadas pelos impulsos de suas emoções e cobiças.

O apóstolo Paulo, em Atenas, se dirigiu a esse tipo de pessoa. Paulo andou pela cidade e viu imagens de ídolos por toda parte, e isso o entristeceu (ver Atos 17:16). Havia indícios de adoração em abundância, mas não da adoração *correta*. Foi quando ele decidiu expor a inutilidade dos ídolos atenienses. Paulo deixou bem claro para os seus interlocutores gregos que os deuses do sexo, do dinheiro e do poder não poderiam salvar. Esses deuses eram feitos por mãos humanas e nada poderiam fazer por eles. Pense nisto: quando foi a última vez que a sua namorada ou namorado lhe libertou de tudo o que lhe escraviza? E quem mais morreu para que você pudesse ser uma nova pessoa? Os ídolos sempre prometem muito e cumprem pouco.

A distorção oposta também é fácil de enxergar. Uma pessoa que adora em verdade, mas não em espírito, geralmente possui 19 bíblias em sua estante — todas cheias de poeira. Eles sabem de cor os Dez Mandamentos, embora não vivam de acordo com eles. Eles parecem conhecer todas as regras, mas não mostram carinho, amor e compaixão. Têm uma postura rígida; não têm jogo de cintura. Eles adoram pela letra da lei, e não pelo espírito da lei como a Bíblia recomenda (ver João 4:24).

Combinar adoração com espírito e verdade é maravilhoso. A Verdade com o Espírito se torna vibrante, intensa e viva. Ela é pura e renovada. Faz brotar frequentemente a gratidão em nosso coração. Isto é adoração verdadeira.

A MAIOR DAS MENTIRAS

Deus se importa com todas as esferas desta vida — a ciência, a política, a comida, a arte, a música, são todas dele, o que significa que ele as quer de volta. E quer isto em forma de glória. Ele quer redenção nesses campos. E nos redime para que voltemos e continuemos a sua obra redentora em todas as áreas da existência. Nós somos criados para cultivar, e não para ficar conversando sobre coisas religiosas o dia inteiro. Jesus deixa claro que veio para edificar seu reino. Isso implica não só em um grupo de pessoas, mas em um estilo de vida que abarca amplamente toda matéria e substância.

Jesus não veio só para salvar pessoas, mas para salvar toda a sua criação, da qual nós fazemos parte. É uma obra de restauração. Se não percebermos isto, recorreremos naturalmente para o escapismo em vez de nos dedicarmos à restauração de todas as coisas. Transformaremos a igreja numa caverna santa em vez de sermos pessoas enviadas para expulsar o domínio das trevas. Nós somos criados para nos infiltrarmos na sociedade e influenciá-la, restaurando e recuperando o que pertence a Deus.

Música? Ela é de Deus.
Sexo? É dele também.
Arte? Ele é o seu supremo criador.

Nós devemos mostrar um modo diferente de viver, mas no meio da sociedade, e não criando cada um a sua bolha particular, a sua subcultura.

O problema da subcultura cristã americana é que a nossa arte e glorificação de Jesus começam a enfraquecer porque o isolamento nos fez perder o senso de comparação. Por exemplo, muitos músicos cristãos não almejam mais ser os melhores músicos — em vez disso, almejam ser os melhores músicos cristãos. A referência ficou mais pobre. Mas a verdade é que a arte pode falar por si mesma. Ela é um

reflexo da obra da criação, não da obra da salvação. Em vez de fazer música cristã, nós deveríamos fazer música com uma visão de mundo cristã, como acontece com a música de ateus, muçulmanos e outros. Não há nada na música que seja cristã; é a visão de mundo na música que pode ser.

Quando privatizamos a nossa arte para o nicho cristão, nós vemos igrejas sentindo a necessidade de serem importantes, em vez de usar seus dons para refletir quem Deus é, e mostrar com o que ele se assemelha. O problema de tentar ser relevante é que isto faz de nós uma cópia do que a cultura já está fazendo. Para ser relevante é preciso copiar o que é bacana. Portanto, nós colocamos nossa boca no cano de descarga da cultura secular, na expectativa de podermos absorver um pouco daquela arte para usar por nós mesmos.

O problema é que isso nos posiciona automaticamente 10 a 15 anos atrasados em relação ao que é produzido pela cultura, porque em vez de estarmos na vanguarda, nós estamos copiando o sistema. É aí que observamos uma grande quantidade de roupas, canecas e quinquilharias cristãs que apenas copiam as marcas seculares. A minha favorita é a camiseta onde está escrito "Holy Spirit", impressa na mesma fonte e com a mesma logomarca do refrigerante Sprite. Ou aquela onde se lê "A bread crumb and a fish" [uma migalha de pão e um peixe] em vez de Abercrombie and Fitch, a conhecida marca de roupas para jovens.

Nós chamamos isso de redenção, mas é roubo, na verdade.

Fazer arte ruim é ruim em si mesmo, mas se somos cristãos isto assume um peso ainda maior. Como nós somos chamados para espelhar e refletir Deus, tudo que fizermos deve proporcionar às pessoas um retrato adequado de quem ele é. Nossa tarefa como cristãos é ficarmos tão colados com Jesus que quando as pessoas estiverem ao nosso redor, elas sintam isso. Tem sido assim com você? No seu trabalho? Nos seus momentos de lazer?

O problema da arte ruim e de se criar uma subcultura cristã é que essas coisas contam uma mentira sobre Deus. Quando ficamos preguiçosos e apenas copiamos outra arte para torná-la cristã, estamos pecando. Estamos dizendo que Deus é um plagiador e que ele precisa da criatividade da cultura para se expressar. Se Deus é o Criador, não deveria o povo que está em relacionamento íntimo com ele ser o mais criativo? Portanto, quando fazemos arte e quando nos envolvemos com a cultura, que tipo de imagem e de mensagem nós estamos passando sobre Deus?

A verdade é que Deus é um Deus de excelência. Ele faz as coisas muito bem. Ele vai além. Ele capricha excessivamente e acrescenta nuances somente para trazer glória ao seu nome. Será que a maneira como fazemos arte, a maneira como nos envolvemos com política, e a maneira como nos alimentamos passa essa imagem de Deus? Muitas vezes nós fugimos, quando Deus nos quer presentes.

Quando Jesus conversa com Pedro sobre fundar a igreja, ele diz: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). A coisa louca nesta declaração é que portas não se movem por si mesmas. Para elas "não prevalecerem", alguma coisa tem que estar lhes fustigando, porque elas são uma estrutura defensiva. Jesus está mostrando com isso que a tarefa da igreja é avançar contra as portas do inferno, e não correr na direção oposta. Nós deveríamos nos envolver e expulsar os domínios das trevas como uma poderosa tropa de ataque. Jesus não diz que nós devemos recuar, nos escondermos ou ficarmos parados firmes porque as forças do inferno estão nos caçando com a música secular e filmes maus. Não, o que ele diz é para nos infiltrarmos na cultura e influenciarmos todos os setores da sociedade com a sua graça.

Não há divisão entre secular e sagrado, e nós perdemos completamente o alcance da adoração quando insistimos nisso. Deus criou todas as coisas; portanto, uma coisa não precisa ser explicitamente cristã. Nós deveríamos julgar as coisas com base na

beleza e na verdade. Deus é a verdade e por isso tem o monopólio da verdade. Como cristãos, nós é que deveríamos dar o exemplo da boa arte e da boa cultura.

Construindo a cidade

Após descobrir que não precisava entrar para o seminário para ser um bom cristão, eu me senti livre. Verdade seja dita, eu não tenho o mínimo jeito para o grego ou o hebraico, e com certeza não me sentiria confortável por lá. Mas o que poderia fazer então? Eu amo escrever, falar, escrever em um blog e fazer vídeos criativos no YouTube junto com meus amigos. Eu comecei a ver o processo criativo como uma forma de adorar a meu Criador.

Como é isso para você? Todos nós fomos chamados para sermos embaixadores e missionários de Cristo (ver 2Coríntios 5:20). Missionários, por definição, se envolvem na sociedade e na cultura à sua volta e apresentam Jesus e sua graça àquele povo. O que você verdadeiramente ama fazer? Você é artista? Gosta de cozinhar? Gosta de dançar?

O salmista diz: "Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração" (Salmo 37:4). Eu acho incrível que Deus satisfaça os nossos desejos.

Agostinho escreveu: "Ama e faça o que quiseres", em relação ao texto de 1 João 4:8.[23] Eu me lembro de ter pensado: "Fazer o que eu quero? Isto parece perigoso." Mas a verdade é que quando estamos vivendo para Deus, os nossos desejos são, na verdade, os desejos de Deus. A pergunta não deveria ser: "Eu estou dentro da vontade de Deus?" A pergunta mais difícil para mim é: "Eu estou verdadeiramente me deleitando no Senhor?" Porque se você for capaz de responder sim para a segunda pergunta, então, poderá responder sim para a primeira. John MacArthur, um conhecido

professor da Bíblia, nos coloca algumas questões para respondermos:

1. Você é salvo?
2. Você é cheio(a) do Espírito? *Está vivendo cada momento em sua presença?*
3. Você é santificado? É *separado(a) para ele?*
4. Você é submisso? *Recebe tudo com um coração dócil?*
5. Você é agradecido(a)?

Deus deixa bastante claro que se alguém responder sim[24] a todas essas perguntas, pode fazer o que quiser. Por quê? Porque se essas coisas forem verdadeiras, Deus lhe concederá os desejos de seu coração, que estão entrelaçados com os Dele. Você não precisa que um fantasma assustador apareça para lhe dizer o que fazer. Você não precisa queimar um incenso ou acender uma vela. Você pode estar na liberdade de saber que, se está vivendo próximo a Jesus, pode fazer o que quiser. No entanto, se alguma das respostas for "não", então seus desejos podem não estar alinhados aos de Deus, e aí é bom ter cuidado.

Então, o que lhe motiva? O que você gosta de fazer? Faça e agradeça a Deus enquanto estiver fazendo. Isso é adoração verdadeira. E quando todos estivermos seguindo os nossos desejos, todas os setores da sociedade estarão sendo influenciados. Deus nos chama para criar e cultivar em todos os setores.

O livro de Gênesis começa num jardim e o de Apocalipse termina numa cidade. Eu considero isso muito interessante, uma vez que não se pode partir de um jardim para um cidade sem cultivar e criar. Nós temos que chegar nessa cidade de alguma maneira. Não fomos chamados para ficar escondidos na floresta lendo livros sobre o arrebatamento, ou para ficar tocando harpa até subirmos para o céu. Nós fomos chamados para redimir esta terra — todas as coisas, e

não apenas a parte espiritual. Jesus é Senhor de tudo isso, até mesmo dos mundanos dias úteis. Ele não é Senhor só dos domingos.

Você alguma vez já admirou a vista de cima de um arranha-céu? Eu estive em Nova York algumas vezes, e os prédios e a infraestrutura são alucinantes. Sempre que eu cruzo o Empire State Building, chego em Wall Street ou atravesso a Times Square, tudo que consigo pensar é: "Se isto é o que homens e mulheres errados podem fazer, o que estará reservado para nós que amamos Jesus e estamos na glória com ele? Se conseguimos construir grandiosidades como essas em nossos vasos quebrados, o que seremos capazes de criar quando estivermos plenamente restaurados?"

Precisamos começar a nos ver como missionários e embaixadores de Cristo em tudo. Onde Deus quer lhe enviar como um missionário para a sociedade? Um de meus exemplos favoritos é Lecrae. A maioria da garotada da minha idade conhece sua música. Ele é um artista do *hip-hop* sinistro, mas encara tudo sobre o seu trabalho — as canções, as entrevistas, a mensagem — de maneira intencional. Ele se enxerga como um missionário urbano num contexto específico e deseja que pessoas com uma visão de mundo cristã tenham lugar nas altas esferas do sistema. Lecrae realiza tudo sob esse ponto de vista. Ele não faz isso para ficar famoso, e sim para fazer discípulos.

Quando acontece um tiroteio em Chicago e a mídia quer uma opinião do mundo do *hip-hop*, ele gosta quando os repórteres o chamam. Quando há um programa sobre o preconceito contra as artistas femininas do *hip-hop*, ele quer ser entrevistado. Lecrae faz isso para articular as boas novas de Jesus em mídias que de outra forma não a escutariam. A única maneira dele ter uma voz ativa no sistema é envolvendo o seu talento de maneira autêntica e estratégica em seu campo de missão.

O que você acha disto? Consegue identificar se Deus o colocou em algum lugar do qual você possa estar se omitindo?

Talvez seja uma coisa simples como restaurar atividades consideradas banais, como trabalhar numa escola, cozinhar ou ter um emprego de meio expediente — e como Deus se agrada muito quando fazemos isso.

Ou talvez seja descobrir exatamente quais são os desejos que moram em seu coração — teatro, desenho, literatura — e criar dando o nosso melhor. Nós sabemos que Deus se deleita em nós quando isso acontece.

E eis a melhor parte: tudo o que nós criamos não vira simplesmente fumaça. Algumas coisas viram, porque são criadas com a intenção errada, mas não estamos aqui só para trabalhar e isso não contar para nada. Tudo se converterá em parte da cidade de Deus plenamente restaurada e redimida. Deus está trabalhando para edificar a sua igreja com vistas à edificação daquela cidade; tudo que ele pergunta é se nós queremos entrar (ver 1Coríntios 3; Apocalipse 21:1-8).

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. De que maneira o cuidado com nosso planeta demonstra nosso amor a Deus? Cite algumas maneiras práticas de fazer isso.

2. Por que é tão difícil ver a imagem de Deus em outras pessoas e tratá-las com dignidade?

3. Você rotula as coisas como sagradas e seculares? Por quê?

4. Por que esquecemos, muitas vezes, de dar glória a Deus quando se trata de situações do cotidiano, como comida e música?

5. Como você pode ser usado para a glória de Deus na sua situação de vida atual?

6. Toda verdade procede de Deus. Você está disposto a aceitar isto, mesmo que a verdade venha de fontes inesperadas? Por quê?

7. De que forma a subcultura cristã na arte e na música pode ser redimida?

CAPÍTULO 10

POR QUE JESUS AMA A IGREJA (E POR QUE VOCÊ DEVERIA AMAR TAMBÉM)

No momento em que escrevo este livro, estou casado há pouco mais de quatro meses. Relembrando o grande dia do meu casamento, eu estaria mentindo se negasse que aquele foi o dia em que fiquei mais encantado na minha vida inteira. Afinal, eu estava me casando com a mulher dos meus sonhos. O que pode ser melhor do que isso?

Eu me lembro que na semana do casamento, ficava imaginando se iria chorar no instante em que as portas da igreja se abrissem e eu visse a noiva caminhar na minha direção. Se as lágrimas que eu já derramei como convidado de outros casamentos servissem como parâmetro, então era quase certo de que teria chororô no meu próprio casamento. Sim, eu sou manteiga-derretida.

No meio daquela correria pré-casamento, eu refleti profundamente sobre o significado dele — sobre os votos, o ritual, a festa.

A excitação, a espera, o encontro para, enfim, nos tornarmos um.

Pense nisto: não há nada que descreva melhor o nosso relacionamento com Jesus do que o casamento. Não é a toa que Jesus chama a igreja de sua noiva.

As sensações que eu experimentei no dia de meu casamento são apenas sombras do sentimentos de Jesus em relação à sua noiva, a igreja. Você consegue imaginar como será lindo aquele dia?

Todas as lágrimas.

Todos os becos escuros da vida.

Todos os picos.

Vão culminar naquele momento.

O romance, o enamoramento, o chamado — por fim chegando à completude.

O passado desaparece.

As portas se abrem.

A música começa a tocar.

E Jesus nos assiste caminhando em direção a ele. Vestido de branco, com a sua perfeita justiça.

Esta é a beleza do casamento. Sempre que vamos a um casamento, estamos assistindo a uma cena que reflete significativamente uma outra coisa. O esplendor e a beleza presentes ali são apenas sombras, uma névoa do que acontecerá com aqueles que creem em Jesus. Em cada casamento, Jesus remove a cortina da eternidade e sussurra: "Somos eu e você aqui!"

Muito mais do que biscoito mole e suco de uva Eu enxergo muito mais beleza na igreja hoje do que quando era mais novo, quando tinha outra visão. Minha mãe e eu frequentávamos bastante os cultos, mas nunca cheguei a ser um "garoto de igreja". Nunca recebi condecorações o suficiente para poder me considerar um deles. A

IGREJA PARA MIM ERA SINÔNIMO DE UM LUGAR ONDE AS CRIANÇAS MORRIAM DE TÉDIO. EU NÃO VIA NADA DE ESPETACULAR NAQUELES BISCOITINHOS MOLES E NAQUELES GOLES ÍNFIMOS DE SUCO DE UVA. NA ÉPOCA DO ENSINO MÉDIO, EU IA AOS CULTOS PARA VER AS GAROTAS, MAS ACABEI PARANDO DE FREQUENTAR POR COMPLETO. TUDO PARECIA TÃO ANTIQUADO. DESCONECTADO. EU NÃO VIA SENTIDO ALGUM EM CONTINUAR PARTICIPANDO DAQUILO.

Foi só depois de descobrir o que era verdadeiramente a igreja é que comecei a desenvolver um profundo amor pelos meus irmãos e irmãs na fé. A palavra "igreja" vem do grego *ekklesia*, que significa "povo chamado".[25] O que eu mais gosto nessa definição é que nada tem a ver com um edifício. A igreja, no ocidente, é vista como um prédio de tijolos com uma cruz no topo. Mas a igreja no Novo Testamento significa um grupo de pessoas com o poder de Jesus, transmitindo graça para todos que encontram.

Isto significa que quando você sai da "igreja" depois do culto de domingo, a igreja sai junto.

A Igreja não é um prédio; são pessoas.

A Igreja não é uma sociedade morta; é um organismo vivo.

Quando comecei a perceber essa realidade, ainda sentia certa hesitação. Esta impressão foi reforçada por causa da primeira igreja a que me filiei logo que comecei a seguir Jesus. Eu a frequentei durante um bom tempo, mas nunca me senti parte de uma família. Eu era só um número. Além disso, eu tive dificuldade de me adaptar, pois me sentia diferente de todo mundo. Toda semana, o pastor chamava alguém ao palco para dar o seu testemunho, que é o termo cristão para "história de vida". A pessoa escolhida subia no palco e geralmente fazia um discurso na seguinte linha: "Olá, meu nome é John. Eu fui alcoólatra e viciado em pornografia durante 40 anos. Depois que fui salvo por Jesus, nunca mais bebi

uma gota de álcool. Hoje, eu passo 24 horas do meu dia ouvindo louvores e intercedendo pelas nações."

Eu me lembro que fiquei matutando sobre o que seria *interceder*.

Toda semana eu ouvia histórias como essa. Toda vez que alguém testemunhava, eu me encolhia no banco da igreja e ficava pensando se tinha alguma coisa errada comigo. "Por que eu ainda cedo à pornografia? Por que ainda sinto desejo de fazer algumas coisas que não quero mais fazer? Se o meu testemunho não for como esse, será que eu não serei salvo? Será que eu não estou agindo certo?"

Essas perguntas me agitavam por dentro e me impulsionavam para o isolamento. Pelo jeito, eu não podia falar a verdade ali. Eu não podia estar lutando contra esse tipo de coisa internamente. Eu não podia ser transparente. Por causa disso, quase parei de frequentar a igreja de vez. Aquilo parecia que não era para mim. Eu estava tentando ser algo que eu não era.

Foi então que, quando menos esperava, tive uma experiência da igreja real. Eu comecei a ter reuniões com um dos meus professores do Ensino Médio. Eu sabia que ele era cristão quando comecei a cursar sua matéria, então, logo que surgiu uma oportunidade quando comecei a seguir Jesus, eu o procurei para uma conversa. Esse professor é um dos caras mais másculos que eu conheço. Ele era lutador, vencedor de campeonatos, tinha bícepes do tamanho da minha cabeça, e no colégio ele impunha total respeito. Eu me lembro que admirava, sobretudo, sua ética, integridade e disciplina.

Ele aceitou me dar uma assistência e no primeiro momento, quando começamos a nos encontrar, eu ficava um pouco intimidado. Mas Jesus foi me desafiando a ser sincero e transparente e a parar de me esconder. Eu me de quando finalmente baixei a guarda, chorando e abrindo o jogo com ele. Compartilhei com meu professor minhas lutas, meus sentimentos de culpa, minha vergonha e toda a minha bagagem emocional.

Fazer isso é um tanto assustador em momentos como esse, porque nunca se sabe como a outra pessoa irá reagir. Quando você tira a máscara, corre o risco de ser rejeitado. E não por causa do seu falso eu, mas pelo eu mais vulnerável.

Nesses momentos, o meu ex-professor de biologia me olhava direto nos olhos e revelava já ter passado pelas mesmas situações. Ele contou que teve dificuldades parecidas com as minhas em algumas áreas de sua vida, e como tinha experimentado a graça de Deus naqueles momentos. Ele não piscou nem parou de falar por um segundo sequer. Ele parecia acostumado a ser transparente e aberto.

A princípio eu fiquei chocado. Pensei: "Você não deveria dizer essas coisas. Você é um cara cristão machão. Você é um líder. Não pode ficar demonstrando fraqueza." Mas foi nesse momento que eu vi a igreja sendo a igreja. Deus usou aquele exemplo, e muitos outros ao longo do caminho, para me mostrar que a igreja não é um lugar para as pessoas posarem de boazinhas, mas para agirem com verdade.

Igreja é um lugar para sermos transparentes e vulneráveis.
Igreja é um lugar para se tirar as máscaras.
Igreja é um lugar onde podemos ser nós mesmos.

Eu entendi, então, que a igreja não deve ser um museu para pessoas boas, e sim um hospital para os feridos. Jesus não quis criar um lugar para que seus servos brilhantes se exibissem; ele criou um lugar onde seus filhos e filhas pudessem ser curados.

O CORPO DE CRISTO

Você se lembra como conheceu a pessoa que hoje é a mais próxima de você? Talvez seja seu cônjuge, um amigo ou amiga, um irmão ou irmã, um pai ou uma mãe, ou quem quer que seja. Pense um pouco nos momentos iniciais daquele relacionamento. Como você veio a conhecer essa pessoa? Você a conheceu por acaso? Você se conheceram tomando café? Que acontecimentos contribuíram para que vocês unissem suas vidas? Quando você teve a sensação de que conhecia esta pessoa de verdade?

Eu me lembro bem de quando conheci Alyssa. Não foi nenhum grande encontro, mas pequenos acontecimentos que foram nos aproximando cada vez mais. Fogueiras. Idas a um restaurante mexicano. Igreja. Conversas por telefone. Sempre que ela me contava alguma coisa sobre a vida dela, eu continuava perguntando, queria saber mais. E até o dia de hoje eu ainda a estou conhecendo.

Mas imagine o que teria acontecido se quando eu conheci Alyssa tivesse me concentrado apenas numa parte dela. Ela se sentiria conhecida? Mais que isso até, imagine como seria bizarro se eu me concentrasse somente numa parte dela — por exemplo, seu dedão do pé. Imagine se quando eu estivesse tentando conhecer Alyssa, eu me fixasse somente no seu dedão do pé? Falasse com o seu dedão. Ouvisse o seu dedão.

Em primeiro lugar, se um dia você me vir fazendo isso, pode chamar a polícia. Em segundo lugar, se eu falasse com o dedão do pé dela, isto me mostraria o perfil adequado de quem ela é? Claro que não.

Consideremos o que o apóstolo Paulo escreveu para a igreja de Corinto:

> Mas um corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: "Porque não sou mão, não pertenço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: "Porque não sou olho, não pertenço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo.

> Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo.
>
> 1Coríntios 12:14-20

Paulo deixa claro que quando nos tornamos cristãos, nos tornamos parte do corpo de Cristo. Ele nos absorveu nele. Sua missão com a Igreja é fazer dela o seu corpo. Não estamos aqui representando a nós mesmos; estamos representando Jesus. Isto significa também que o cristianismo não é tão individualista quanto algumas pessoas nos fazer crer. Ainda que seja algo intensamente pessoal, ser cristão não é uma experiência privada. A partir do momento em que cremos em Jesus, nós somos imediatamente transportados para algo maior.

Se a igreja é o corpo de Jesus, então, para conhecer Jesus, eu preciso conhecer a igreja. Da mesma forma que conhecer só o dedão do pé de Alyssa é ridículo e inadequado, também é olhar apenas para uma parte do corpo de Cristo para se ter um bom retrato de quem Ele é. Na verdade, se olharmos somente para seu dedão do pé, nós teremos uma visão muito pobre de quem ele é! Dedões costumam ser feios e nojentos — assim como nós somos esquisitos como indivíduos. Mas nós todos juntos compomos um fiel retrato de Jesus.

Funções diferentes.
Dons diferentes.
Trabalhos diferentes.

Não podemos dizer que amamos a Jesus e não a igreja, porque isso é como esquartejar o corpo de alguém e dizer que você ama uma cabeça decapitada. Isso é estúpido. E tenebroso. Para amar alguém e conhecer esta pessoa plenamente, é preciso conhecer o seu *ser inteiro*.

Se você focar numa perna, num braço, ou em algum músculo, terá uma visão distorcida de quem é Deus e do que ele está fazendo nos dias de hoje. Porém, se focalizar no plano geral, então você conseguirá visualizar o verdadeiro Jesus.

Uma das coisas que mais gosto de fazer é observar pessoas. Eu me sinto como um sociólogo olhando, analisando e estudando. Às vezes, quando visito igrejas, parece que eu estou mais num clube VIP do que num lugar que mistura gente de todas as nações, línguas, raças e idades. E eu fico triste quando encontro nas agências de correios, aeroportos e repartições públicas mais diversidade do que na igreja, que é comissionada por Deus para fazer discípulos de todas as nações.

Mas também tive o privilégio de ver a igreja no seu melhor. Quando a vemos, sabemos que ela é uma coisa bonita. Eu já assisti um executivo de classe alta de 75 anos, que usava suspensórios, cantando louvores para Jesus animadamente ao lado de um adolescente de 16 anos de calça jeans largada e usando um boné ao contrário, que louvava com a mesma intensidade.

Ambos adorando a Jesus.
Ambos fazendo parte da igreja.
Ambos glorificando a Deus.

É assim que a igreja deve ser.

Ela passa a ser igreja quando a única coisa que traz pessoas tão diversas ao mesmo espaço é seu amor por Jesus. Não seus

empregos. Não seu status sócio-econômico. Não sua raça. Mas o amor em comum por Jesus. É aí que sabemos que é uma igreja.

Se todos na sua igreja falam como você, agem como você e se vestem como você, Jesus talvez não seja o único que você esteja adorando. Pode ser a você mesmo. Nada poderia ser mais estranho do que um monte de mãos separadas do corpo reunidas num mesmo lugar — a não ser em algum episódio da *Família Addams*. Deveria ser estranho do mesmo jeito quando nos chamamos de igreja, mas somos apenas um bando de clones. Isso não é uma igreja, é um clube.

Em vez de frequentar a igreja porque gosta do grupo de louvor, ou de algum pastor, ou porque lá tem um cafezinho gostoso, nós deveríamos ir à igreja por causa do nosso amor em comum por Jesus. Ele deveria ser a razão verdadeira para nos encontrarmos e, mais importante ainda, para caminharmos juntos pela vida. É isso que nos torna uma família. Do contrário, simplesmente não funciona porque todas as outras razões são perecíveis.

Um lugar de proteção

Para mim, o melhor da igreja é que Deus a capacitou exclusivamente como seu veículo para curar e oferecer graça aos que estão feridos. A igreja é um abrigo contra as tempestades.

Houve épocas em que meu pecado e minha culpa de tal forma me dominaram que eu me sentia como se não pudesse sobreviver até o dia seguinte. Era nesses momentos que a igreja se tornava um lugar de proteção, semelhante a uma árvore na tempestade. Se uma árvore está afastada de outras e vem o vendaval, ela pode ser derrubada e arrancada com raiz e tudo. Mas se houver milhares de árvores juntas numa floresta, todas elas se inclinarão com a força do vento e protegerão umas às outras, dispersando os ventos uniformemente.

Isto é o que se espera que a igreja faça: carregar os fardos uns dos outros, orar uns pelos outros, e confessar os pecados uns para os outros.

Quando olhamos para a igreja dessa forma, nós vemos suas falhas de um jeito diferente. Muita gente gosta de ficar do lado de fora, acusando os que estão dentro de serem um bando de hipócritas, e lançando seus pecados na cara da igreja. Mas outros preferem arregaçar as mangas e assumir que também fazem parte do problema. Quando começamos a seguir Jesus, nos tornamos uma parte da noiva de Jesus. Isto significa que quando aparece um problema em seu corpo — a igreja — nós emprestamos a nossa parte do corpo para o processo de cura.

Não seria estranho se quando alguém quebrasse a mão, o pé começasse a criticar a mão? É assim que parece quando nós cristãos começamos a criticar a igreja. Uma parte do corpo deveria se doar para o processo de cura de outro membro ferido.

Isso é amor.
Isso é evangelho.
E isso é Jesus.

A diferença entre um crítico e um servo é o modo como encaram o problema. O crítico fica de fora apontando o problema; o servo arregaça as mangas e ajuda a resolver o problema. A pior coisa é quando a crítica se manifesta dentro do próprio corpo. Muitos cristãos preferem lançar granadas uns nos outros, em vez de carregar os fardos uns dos outros em amor. Frequentemente deixamos de perceber como é grande o dano que se causa com essa atitude.

Quando o Corpo de Cristo está dividido, quem sangra?

Jesus.

Quando cristãos brigam entre si, a reputação de Jesus é que sai prejudicada e manchada. Imagine a dor, o sangue e o dano se um braço resolver se dividir. É o que acontece quando cristãos entram em conflito uns com os outros.

Quando, no entanto, a igreja está sendo igreja, cria-se uma atmosfera de família e um lugar de segurança. Um lugar onde ajudamos a curar as feridas e tristezas uns dos outros. Um lugar de força.

A IGREJA E A CIDADE

Eu cresci no noroeste dos Estados Unidos. Nascido e criado na periferia de Seattle, no estado de Washington, me mudei com minha mãe para a periferia de Portland, no estado do Oregon, onde frequentei a escola. É um lugar onde, definitivamente, grande parte dos cidadãos está desiludida com a igreja. Tem gente que até se muda para Portland para se afastar do ambiente religioso.

Muitas pessoas no noroeste americano já ouviram falar de Jesus, mas nunca foram apresentadas verdadeiramente a ele. Seria ridículo dizer que nunca precisamos falar de Jesus para as pessoas, mas eu digo que às vezes nós podemos mostrar o poder único da graça para construir pontes e derrubar barreiras.

Assim como outras grandes cidades por todo o país, Portland sofreu um baque durante a crise financeira de 2008. As pessoas enfrentaram uma crise de natureza econômica, educacional e social. Algumas igrejas que se mantiveram na região, como a Imago Dei e a Solid Rock, perceberam a necessidade e decidiram preencher esse vazio de esperança.

Elas se uniram e foram até o prefeito de Portland, Sam Adams, que era assumidamente gay. A princípio, ele as recebeu com desconfiança. “Isto seria um trabalho missionário? Uma cidade liberal como Portland poderia tolerar isto?” Mas os líderes das igrejas garantiram que a missão era apenas de suprir as carências da cidade.

Isso me lembra o que o profeta Jeremias escreveu para o povo de Israel no exílio: "Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela" (Jeremias 29:7). Isso não é louco? Deus conclama os israelitas a desejarem o bem de uma cidade para onde eles foram mandados como castigo. Ele os convida a orar por esta cidade. Parece que Deus se importa com as cidades bem mais do que nós.

Em Portland, as igrejas concordaram em servir sem evangelizar. Concordaram em ajudar sem pregar, e fizeram exatamente o que prometeram. No mundo de hoje, nós temos que ser criativos, encontrando maneiras de suprir as necessidades básicas das pessoas e, ao mesmo tempo, compartilhar a palavra de Jesus. A questão não é escolher uma coisa ou a outra. A justiça social não é incompatível com a proclamação do evangelho. Jesus nos chamou para fazer ambos, e por isso, vamos começar!

O prefeito de Portland, ainda que cético, concordou em deixar as igrejas da cidade ajudarem durante o período da crise. Os líderes cristãos lhe perguntaram quais eram as maiores necessidades do momento, e ele rapidamente apontou a fome, os desabrigados, o meio ambiente, a educação pública e outras.

Então, o que fizeram as igrejas? Elas arregaçaram as mangas e colocaram a mão na massa. As igrejas mandaram 26 mil voluntários para trabalhar em projetos de assistência a todas as áreas que precisavam. Elas criaram o Season of Service (SOS) onde centralizavam as ações e disseminavam a compaixão, o amor e a redenção de Jesus fisicamente. As igrejas enxergaram isso como uma bela oportunidade para viver publicamente a missão que lhe é atribuída — a de ser as mãos e os pés de Cristo. Eu posso imaginar quantos não cristãos viram isso e a princípio não tiveram a mínima ideia sobre o que pensar.

Ken Weigel, da Imago Dei, uma das igrejas de Portland que se envolveram, explicou sua motivação: "Nós queríamos abençoar a

cidade. Queríamos que a cidade sentisse falta da igreja se tivéssemos que deixar os projetos."

Isso é uma verdade para você? Para sua igreja? Para sua cidade?

Se um meteoro atingisse a sua igreja local, alguém repararia ou se importaria? E caso se importasse, ficaria preocupado ou aliviado por "aquela igreja" ter desaparecido? Precisamos ter um olhar rigoroso sobre a nossa atuação na comunidade e nos perguntar se estamos realmente incluídos naquilo que Jesus já está fazendo. Quando perguntado sobre quem deveria receber o crédito pela iniciativa das igrejas de Portland, Ken Weigel disse: "Jesus estava presente muito antes de nós chegarmos lá. Cristo está revelando seu reino por toda a cidade de Portland. Só estamos nos juntando a ele." Em momentos como esse, a igreja se torna bonita.

Partes quebradas se tornam bonitas

Na época do Novo Testamento, a igreja era vista como um grupo completamente radical:

Pobres e ricos não se misturavam na sociedade, mas congregavam juntos na igreja.

Gentios e judeus não se relacionavam na sociedade, mas se falavam na igreja.

Homens e mulheres não eram vistos como iguais na sociedade, mas eram iguais na igreja.

Essa é a igreja que Jesus veio trazer, e é essa a igreja da qual fazemos parte, se crermos nele. Todas as barreiras raciais, sociais, políticas e econômicas foram derrubadas. Nós somos todos um em Jesus.

É assim que a igreja deve ser. Eu sei que ela não é perfeita, mas não deixe uma experiência ruim lhe afastar da cura. Não permita que a amargura lhe afaste de Jesus. Dê uma nova chance para a igreja. Só

porque você viu uma pessoa que usa uma cruz em volta do pescoço ou que colocou uma no topo de um prédio não significa que você conheceu uma igreja. Você reconhecerá a verdadeira igreja quando se deparar com ela. Ela é formada por pessoas chamadas do mundo, mas enviadas ao mundo para serem agentes de reconciliação para o mundo.

No nível mais profundo, todos nós temos um desejo imenso de sermos reconhecidos.

De sermos aceitos.

De sermos amados.

A igreja nos chama. Ela nos acena. Ela sussurra para nós.

Ela nos oferece esse lugar.

Venha para Jesus, e então venha para o seu corpo. Tentar viver fora da comunidade é como tentar viver sem oxigênio. Nós não fomos criados para isso. Eu sei, por experiência própria, que não existe nada mais libertador do que poder se encontrar regularmente com pessoas que me veem sem as máscaras.

Sem me esconder.

Sem fazer tipo.

Todos nós viemos com uma bagagem.
Todos nós tentamos achar nosso caminho.
Todos nós chegamos com muitas partes quebradas.

Da mesma maneira que um mosaico é feito de pedaços de vidro quebrados, arranhados e sujos, a igreja é feita de pessoas quebradas, arranhadas e sujas. Mas quando afastamos o foco e vemos a fotografia completa, uma imagem bonita aparece.

Pessoas quebradas convivendo juntas em harmonia formam uma imagem bonita.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Pensar sobre a igreja como um organismo em vez de como um edifício desafia o seu entendimento sobre ela? Por quê?
2. Como os cristãos podem criar um ambiente que promova mais transparência e autenticidade?
3. Quando seguimos Jesus nos tornamos parte de algo muito maior: o Corpo de Cristo, a Igreja. Você acha mais fácil ser solitário em sua fé ou fazer parte de uma comunidade diversa? Explique sua resposta.
4. Você já enxergou a igreja como um lugar de cura? Explique por que.
5. Descreva a igreja da melhor maneira que você a entende. Como ela é, quem faz parte dela e como vocês estão servindo à sociedade?
6. Como você pode aprofundar seu relacionamento com Jesus e escolher segui-lo conforme ele é retratado nos evangelhos, e não da maneira como os supostos religiosos o apresentam?

CONCLUSÃO

VOCÊ CONHECE JESUS?

O processo de escrever este livro foi uma loucura. Com certeza foi o maior projeto no qual já me envolvi. Alguns dias eu escrevia sem parar, mas em outros ficava olhando para a tela do meu Macbook sem conseguir digitar sequer uma letra. Mas de maneira geral, o processo foi gratificante, pois eu pude expressar o que acreditava, escrever de um jeito que revela fielmente os meus sentimentos, e espero ter conseguido tocar fundo pelo menos um leitor.

Várias vezes eu me estressei ou me senti inadequado ao escrever este livro. Nas madrugadas, quando o efeito do café começava a passar, eu pensava: "Eu estou escrevendo isso mesmo? E se ninguém se interessar em ler?" Nesses momentos, eu lembrava de minha meta: fazer tudo que estivesse ao meu alcance para falar de Jesus para o máximo de pessoas possível. Eu escrevi este livro na esperança de que alguma pessoa possa ler a minha frágil narrativa e por meio dela se aproximar mais de Jesus. Então, terá valido a pena.

Talvez essa pessoa dê uma segunda chance a Jesus.
Talvez ela procure conhecê-lo um pouco mais.
Talvez você repense a sua visão de mundo.

Esta foi — e continua sendo — a minha expectativa.

Portanto, depois de ler este livro e sabendo agora da energia, do tempo, e dos litros de café necessários para escrevê-lo, eu espero que você já esteja ouvindo os sussurros de Jesus nas profundezas da sua alma, e entendendo que ele é melhor do que qualquer coisa que você possa imaginar. Ou então espero que se você conhecer alguma pessoa que esteja cheia de questionamentos, possa compartilhar este livro com ela.

Se ao ler este livro, você sentir esse empurrãozinho mas não souber por onde começar as mudanças, quero que saiba que não está sozinho. Eu enfrentei as mesmas questões quando Jesus começou a me atrair para mais perto dele. Relaxe; você não precisa ter respostas para tudo. Tudo o que precisa é ir até Ele. Se estiver pensando: "Eu não tenho nada para dar e nada para ofertar a Jesus nessa hora", você está exatamente onde ele lhe quer. Ele só quer dependência; ele só quer você. Ninguém precisa se purificar primeiro para chegar a Jesus. Você se aproxima de Jesus e ele lhe purifica.

Eu não sei o que você está passando no momento, se alguma provação, algum sofrimento, uma dor emocional ou física. Mas posso lhe dizer que não importa o que seja, Deus pode encarar. A graça Dele cobre tudo isso, e seu coração pode ser inteiramente renovado. Naqueles momentos em que eu estava no fundo do poço, eu pensava que Deus estava desligado de tudo, numa terra bem distante. Mais tarde eu descobri que é exatamente nesses momentos que ele está mais perto.

Ele está perto de você também.

Eu ouvi uma história há pouco tempo sobre uns amigos que foram nadar num rio. Era primavera, e o derretimento da geleira próxima tornava aquele rio muito perigoso. Mesmo assim, um dos camaradas mergulhou e logo foi levado pela força das águas,

arrastado para a parte perigosa das corredeiras. Um dos amigos que ficaram na margem era salva-vidas, e todos olharam para ele como que cobrando uma atitude. Mas ele ficou impassível, rígido, olhando fixo para o amigo. Os outros começaram a entrar e começaram a gritar com ele para que mergulhasse e fosse salvar o amigo. Mas ele não se movia. Eles olhavam para o rio e viam seu companheiro se debatendo desesperado. Em um instante, no entanto, a luta cessou. Ele não podia mais se debater e começou a afundar. Quando isso aconteceu, o salva-vidas pulou na água e com algumas braçadas rápidas chegou até o amigo e o resgatou, trazendo-o vivo até a margem.

Com a adrenalina a flor da pele, o grupo questionou o salva-vidas: "Por que você não mergulhou antes? Ele poderia ter morrido!"

O rapaz olhou para todos calmamente e disse: "Eu tinha que esperar até que ele parasse de se mexer. Se ele não parasse de se debater, teria me levado para o fundo do rio junto com ele. Mas no momento em que ele parou, eu pude salvá-lo."

É assim que acontece com Jesus. Ele quer que nos rendamos, e quando o fazemos, ele vem e nos toma nos braços. As ondas podem estar quebrando em cima das nossas cabeças, mas naquele momento, quando parece que vamos morrer, a sua graça nos resgata, trazendo-nos de volta à vida. E quando, finalmente, desistimos de lutar, sabemos que foi ele o responsável por todo o resgate.

Você está disposto a se render a Jesus? Eu não sei onde você está ou de onde veio, mas sei que Jesus tem um plano para a sua vida que é melhor do que o seu. Ele é um soberano melhor para a sua vida do que você mesmo. Ninguém me causou mais dor, vergonha, culpa e sofrimento do que eu mesmo. Mas Jesus me conhecia e me resgatou. Ele pode fazer o mesmo com você. Basta você vir do jeito que estiver.

Você está cansado? Sente-se esgotado? Descrente da religião? Venha a mim, convida Jesus. Siga comigo e terá a sua vida recuperada. Eu lhe mostrarei como conseguir um verdadeiro descanso. Caminhe comigo e faça a obra comigo — observe como eu faço. Aprenda os movimentos naturais da graça. Eu não colocarei nada pesado ou desgastante sobre você. Mantenha-se em minha companhia e aprenderá a viver de maneira suave e livre.

Mateus 11:28-30 *A Mensagem*

Terei o maior prazer em manter contato com você
e ouvir sua opinião sobre este livro!



: twitter.com/jeffersonbethke



: facebook.com/jeffersonbethkepage



: youtube.com/bball1989

AGRADECIMENTOS

A Alyssa, minha bela e amada esposa. Este livro, com toda certeza, não teria sido possível sem o seu estímulo, sua inspiração e seu sacrifício constantes. Eu ainda me surpreendo por você ter se casado comigo, e sou grato por caminharmos juntos nessa jornada da vida.

À minha família, obrigado por sempre estarem presentes! Eu sei que não importa o que aconteça, sempre poderei contar com todos vocês. Obrigado por me ensinarem a amar, a viver e a servir.

A Sealy, Curtis e Matt, obrigado por acreditarem em mim! Se vocês não tivessem me dado essa oportunidade, este livro não seria possível. Sua orientação, seus conselhos e sua graça foram de valor inestimável.

A Steve, obrigado por ser um mentor tão bom. Eu aprendi a amar, a sorrir e a buscar Jesus mais profundamente por sua causa.

A Jeff, obrigado por ser um grande amigo neste último ano. Viagens de carro, de avião na madrugada e entrevistas com a imprensa — eu não sobreviveria a esta insanidade sem você!

A Matt, obrigado por querer fazer um vídeo do poema que iniciou tudo isso. Foi muito divertido entrar nessa onda com você e

continuar a produzir vídeos com a qualidade que tanto valorizamos!

A Angela, obrigado por me ajudar tanto no processo de escrita! Sua experiência foi uma dádiva. Este livro não seria nem sombra do que é hoje sem a sua participação. Foi uma benção trabalhar com você!

À editora Thomas Nelson, obrigado por acreditarem neste livro e publicá-lo! A equipe de vocês foi sempre gentil e muito útil.

1 C.S. LEWIS. *The Problem of Pain* [O problema do sofrimento]. In: *The Complete C.S. Lewis*. San Francisco: HarperCollins, 2002, p. 406

2 "Holiday Spending Sized Up" [Gastos em datas comemorativas], *IBIS World*, Special Report August 2010, http://www.ibisworld.com/Common/MediaCenter/Holiday%20Spending.pdf (acessado em 23 de janeiro de 2013).

3 Holy Pancake Auctioned on eBay: Woman Says Jesus Appeared on Breakfast," WPBF News, November 13, 2007, http://www.wpbf.com/Holy-Pancake-Auctioned-On-eBay/-/8789538/5117954/-/item/0/-/wwodsaz/-/index.html (accessed January 23, 2013).

4 C. S. Lewis, *The Lion, the Witch and the Wardrobe: A Story for Children* [O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa] (1950; repr., New York: HarperCollins, 2009), 77.

5 Francis Chan, *Crazy Love: Owerwelmed*.

6 D. L. Moody, *The Gospel Awakening: Comprising the Sermons and Addresses of the Great Revival Meetings Conducted by Moody and Sankey*, ed. L. T. Remlap, 16th ed. (Chicago: F. H. Revell, 1883), 690.

7 Dietrich Bonhoeffer, *Resistência e Submissão* (São Leopoldo, RS: Sinodal).

8 Brennan Manning, *O Evangelho Maltrapilho*.

9 "Boston Police Accept 'Full Responsibility' in Death of Red Sox Fan," CNN.us, 22 de outubro de 2004, http://www.articles.cnn.com/2004-10-22/us/fan.death_1_victoria-snelgrove-police-commissioner-kathleen-o-toole-dreadful-irony?_s=PM:US (accessed January 29, 2013); "Brutal Yankees–Red Sox Fan Fight Caught on Video at Yankee Stadium," CBS New York, April 30, 2012, http://www.newyork.cbslocal.com/2012/04/30/brutal-yankees-red-sox-fan-fight-caught-on-tape-at-yankee-stadium/ (accessed January 29, 2012).

10 Richard Overy, *The Dictators: Hitler's Germany and Stalin's Russia* [Os ditadores: A Alemanha de Hitler e a Rússia de Stalin], (Nova York: W. W. Norton, 2004),

265–303.

11 Nik Ripkin, *The Insanity of God: A True Story of Faith Resurrected* [A insanidade de Deus: uma história verdadeira de fé ressuscitada], (Nashville: B & H Books, 2013).

12 Em 1Coríntios 5:9–13, Paulo diz à igreja de Corinto para "expulsar esse perverso do meio de vocês." Ele se refere especificamente aos supostos cristãos que estão abertamente praticando a imoralidade sexual, ainda que a cobiça, a idolatria, a bebedeira, e outros pecados socialmente abusivos também sejam mencionados. Como cristãos comprometidos, nós devemos nos afastar corporalmente de outros crentes que estejam publicamente envolvidos com o pecado — mas isso não significa que devamos desistir de buscar e ministrar graça para estas pessoas. Isso também não significa que devamos banir o pecador incrédulo. Como Paulo diz, "Deus julga os de fora [da Igreja]." E não nós. Como cristãos nós precisamos mostrar a graça de Deus para o mundo incrédulo, para que eles também se apaixonem por Cristo.

13 Bill Maher, "New Rules," *Real Time with Bill Maher*, 213, HBO, May 13, 2011, http://www.hbo.com/real-time-with-bill-maher/episodes/0/213-episode/article/new-rules.html (accessed January 29, 2013).

14 C. S. Lewis para Dom Bede Griffiths, 23 de April de 1951 em *The Collected Letters of C. S. Lewis*, ed. Walter Hooper, vol. 3, *Narnia, Cambridge, and Joy 1950–1963* (New York: HarperCollins, 2007), 111.

15 Santo Agostinho, *Confissões,* São Paulo: Paulinas.

16 Ripkin, *The Insanity of God*, 154

17 Ibid.

18 Elisabeth Kübler-Ross, *Death: The Final Stage of Growth* [Morte: O estágio final do crescimento], (New York: Touchstone, 1986), 96.

19 Rob Bell, *Deus e Sexo,* São Paulo: Editora Vida.

20 Jefferson Bethke, "Sexual Healing," http://www.youtu.be/IlJFvxad1_A (accessed January 30, 2013).

21 Steve Brown, "Lincoln at the Slave Block," *Men of Integrity*, ChristianityToday.com, January 21, 2000, http://www.christianitytoday.com/moi/2000/001/january/lincoln-at-slave-block.html (accessed January 31, 2012).

22 R. Jamieson, A. R. Fausset, and D. Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible* [Comentário crítico e explicativo de toda a Bíblia], Acts 17:28 (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997).

23 *The Works of Saint Augustine: A Translation for the 21st Century*, trad. Augustinian Heritage Institute, *Homilies on the First Epistle of John*, vol. 14 (New York: New City, 2008), 110.

24 John MacArthur, "Delight Yourself in the Lord (and Do Whatever You Want!)," *Grace to You*, December 21, 2010, http://www.gty.org/blog/B101221 (accessed January 31, 2013).

25 A. C. Myers, *The Eerdmans Bible Dictionary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), 215.